

editorial

CALEIDOSCÓPIO DA ALMA: SEMPRE HAVERÁ TEMPO PARA O AMOR ARTESANAL

Estendendo os olhos pela esteira do tempo, e da história, resgata-se, quase que de forma automática, o fatídico mês fevereiro de 1996, quando perplexa, a humanidade contemplou Deep Blue, o supercomputador da IBM, suplantando as habilidades técnicas e emocionais do consagrado Mestre Garry Kasparov, para derrotá-lo numa emblemática partida de xadrez.

Deste feito, aos dias de hoje, a inteligência artificial suplanta todos os limites de velocidade, e imprime, assustadoramente, processos de imitação e representação da inteligência humana. Neste mesmo ritmo, o mundo tecnologizou-se.

As pessoas, inertes ao predomínio da 'máquina', digitalizaram-se.

Dentro deste contexto, há uma percepção semicoletiva de que o homem deturpou a lógica do ser-humano, transmutando o estado natural de ser-homem-alma para enaltecer a condição do homo-virtualis.

Na medida em que a ciência e a tecnologia evoluem, alcançando um estado de desenvolvimento ainda hoje inimaginável por muitos, a sociabilidade do homem, profetizada por Aristóteles, consoma-se na órbita de vínculos cibernéticos que se esgotam na temporalidade exígua, comum e característica da pós-modernidade.

Vive-se, por assim dizer, um paradoxo!

O sentimento dualista, de liberdade-segurança, que resulta das inovações e oportunidades que surgem com os avanços científicos e tecnológicos, é avassalado pelos novos arquétipos de poder e domínio, temerariamente articulados pelos meios de comunicação e pelas mídias sociais, os quais ocultam uma nítida representatividade socio-política-econômica que procura emplacar um discurso de aparência pseudodemocrático.

Hodiernamente, o 'correr atrás da máquina', ou o 'deixar-se dominar pela máquina', provoca a perda da conjuntura natural do ser humano, ou do sentido sobrenatural do ser-homem-na-vida.

Por lamento, vive-se um transe fenomenológico que distancia os indivíduos da sua original condição de ser homem, ou pessoa humana. Desmembrados, e imersos numa batalha ideológica inconsciente (– ou não),

os homens, aristotélica e historicamente gregários, decompuseram o grande grupo humano, situando-se uns de um lado, e outros do outro.

Enquanto uns detêm o poder, outros submetem-se a estes...

Na medida em que uns levantam uma bandeira, outros sustentam o estandarte adverso!

Vista esta realidade, não se pode delustrar todas as barbáries que marcaram o exercício dos homens, divididos durante a Segunda Grande Guerra. Autorizados pela expressão ultra sensorial de domínio, e de poder, os homens legitimaram-se para um enfrentamento bélico que derrogou uns e outros: todos, SERES HUMANOS.

Afiados a este fator, observa-se o intrínseco relacionamento entre o conhecimento, a ciência, e a tecnologia, à tenacidade de pronunciamentos revolucionários atuais, revestidos de um ufanismo insólito, emergente da dissipação da racionalidade humana, e da deturpação da consciência do eu-homem-no-mundo.

Tem-se, com isso, uma consequência desumana, impiedosa...

Como causa da crueldade insana, do homem, contra o seu comum, que se resgata a valorização da condição humana, estabelecendo-se um mecanismo de delimitação no exercício do poder do homem sobre o próprio homem, o que se logrou em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Hoje, no entanto, a situação mostra-se novamente complexa.

Na medida em que cresce a sensação de apoderamento da tecnologia, e da quase que incontrolável interferência da inteligência artificial no dia a dia do contexto de vida humana, avulta a preocupação pela degradação da atitude homem em sociedade.

A tecnologia exacerbada, e o crescente enclausuramento cibernético das pessoas, potencializa a preocupação pelo destino da humanidade.

Longe de qualquer exagero, mas atentos ao perceptível estado das coisas, pode-se dizer que a sociabilidade humana perece diante da tecnologia, e a humanização social fraqueja à inteligência artificial.

Não se sustenta, com isso, qualquer discurso avesso à ciência, à tecnologia, ou ao uso moderado da inteligência artificial.

Ao contrário!

É sublime a certeza da importância e dos benefícios que a ciência, a tecnologia e a inteligência artificial produzem, e ainda produzirão à humanidade.

Não obstante, o momento reclama pela atenção dos homens à humanização da vida, e à sociabilidade da existência.

É hora, e não se pode perdê-la, de secundarizar os vínculos remotos para conferir-se protagonismo à proximidade relacional, em que o olho no olho, o abraço, o beijo e um eu te amo entoadado ao pé do ouvido contabilizavam mais batimentos cardíacos do que infundáveis curtidas ou compartilhamentos.

Importante repetir: não se está, aqui, repelindo, ou maldizendo todos os avanços experienciados pela humanidade no apogeu do século XXI.

O que se busca, e se insiste, é que o homem não se perca pelos descaminhos da tecnologia, permitindo que sua racionalidade sucumba à inteligência artificial, e autorizando que seus relacionamentos se conformem exclusivamente no âmbito de endereços de IP.

A vida, ao vivo, sempre será mais calorosa do que a vida virtual...

Há, então, de compreender-se que o tradicional jamais será antiquado, sempre e quando o tradicional sobreleve o sentido pleno do afeto, do respeito e do bem querer.

Advogar pela plenitude das relações humanas, na era da tecnologia, não é para corromper a primazia funcional da tecnologia e da inteligência artificial para o alcance de benefícios para o homem, é para não minimizar a própria condição humana do ser humano.

Por isso, em tempos de vida virtual, e relações remotas, nunca será demais apri-morar-se o caleidoscópio da alma, para cultivar um amor artesanal, em que uns e outros, independentemente dos lados que estejam, dos grupos a que pertençam, ou das bandeiras que sustentam, amem, des-pudoradamente, o amor que não se explica, porque quem ama de verdade, ama, e só!

Os editores



fala do presidente

“ENTÃO É NATAL, E O QUE VOCÊ FEZ? O ANO TERMINA, E NASCE OUTRA VEZ...”

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Mais um ano finalizando, estamos despedindo de ...2023..., inicialmente parecia ser harmônico, mas depois se tornou um ano atípico, um ano inteiro de tantos contraditórios, ajuste político-econômico-social, de turbulências e recomeços, de dúvidas e esperanças, desequilíbrio ambiental com aquecimento global que desestabilizou o mundo e afetou todas as camadas sociais do planeta terra, de acidentes enigmáticas, com atentados terroristas e guerras arripantes, de tecnologias que aproximam, facilitam e ao mesmo apresentam fragilizadas e burrada a segurança mundial – para acessar ilegalmente dados, sem a permissão do dono, um computador ou sistema computacional e informático.

Sobretudo, depois de um “ano que parecia que não ia terminar nunca”. “Então é Natal, o que você fez, um ano termina começa outra vez” ... finalmente olhamos para trás e pensamos..., vivemos de esperança, e, é preciso ter esperança mesmo, mas ter esperança do verbo esperar, ou seja, esperar é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo... É ser portador de fé... acreditar nas possibilidades de dias melhores, em que a

arte é, e torna a mais bela expressão de um ser humano, ou seja, das humanidades, mas, também é a natureza viva das coisas, tornando a melhor tradução de tudo no imenso universo circundo de tantas maravilhas.

Indubitavelmente, “Então é Natal, o que você fez, um ano termina, começa outra vez” é que neste ano vivemos coisas inimagináveis, coisas que nem pensávamos existir, pensemos na nova forma de ...“enxergar o mundo e as pessoas, nos sentimentos que nos envolvem como a solidariedade e o amor ao próximo...”. Pensemos na partilha, nos esforços em prol da coletividade, nas ...“críticas que fizemos ao preconceito e da divisão entre pessoas “menos favorecidas – pobres e as mais abastadas – ricos”, que se atenuou acentuadamente os comportamentos da humanidade”. Decisivamente, “Então é Natal, o que você fez, um ano termina começa outra vez” ... necessitamos de aprender a recomeçar com as forças de nossa alma, para que todo este aprendizado não tenha sido em vão e a humanidade ainda tenha jeito... onde a cultura possa solucionar de maneira sábia e inteligente cingindo com pontos e contrapontos tudo, “a cultura é a chave para um mundo melhor, mais justo, livre e próspero!” Por isso, necessitamos “enaltecer e viver nossas culturas de forma que sejamos protagonistas”,

numa sociedade invasiva e carente de: vida, justiça, alegria, força.

E com essa confiança e numa perspectiva de muita fé, do amor confiante de DEUS, que vive em mim, em você e todo universo, pois você, nós somos filhos desse universo “irmão das estrelas, você merece estar aqui”. Que essa alegria seja uma constante em nossas vidas, espargindo luzes ente nós e em todos que encontramos pelo caminho. É Natal, Feliz Natal, que esse amor, da Sagrada Família de Jesus, faça com que a união e que, as pessoas se perdoam mutuamente, é Natal. Sempre que você demonstrar compreensão para com seus filhos, e demais pessoas, é Natal. Sempre que você ajuda alguém, também é Natal.

...Então é Natal... Feliz Natal!

Academia Goiana Maçônica de Letras

DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



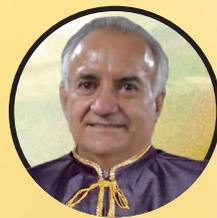
CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaias Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfírio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Airton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Paranyha
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho

Conselheiros Suplentes



artigo

O SIGNIFICADO DE TRANSCENDÊNCIA E IMANÊNCIA NA FILOSOFIA – II

Paulo Marra | Cadeira nº 17

Autotranscendência
Como afirma Torralba (2012), o desenvolvimento criativo da inteligência espiritual permite transcender. Então, acrescenta o conceito de autotranscendência, que é a capacidade de expandir o Eu além dos confins comuns das experiências vitais e cotidianas; refere-se à capacidade de abrir-se a novas perspectivas a partir de critérios distintos da lógica racional. Não é a vontade de colonizar, mas o desejo de superação.

Transcender é uma atividade que se pode aplicar em distintos âmbitos. Alguém por ir além das opiniões e dos interesses egocêntricos, das expectativas colocadas nele, dos desejos materiais, da utilidade e do bem-estar e planejar ideais, horizontes de sentido que, a priori, parecem difíceis de compreender e inclusive de assumir para os outros e para si mesmo. Transcender significa, de algum modo, despojar-se do banal, do previsível, do contingente e necessário, para penetrar no essencial.

Já, Viktor Frankl, entende a Autotranscendência como um fato antropológico de que o ser humano sempre se remete a algo que se encontra em si mesmo e que não é ele mesmo, alguma coisa ou também alguém: a um sentido que tem que realizar ou a um próximo com o qual se encontra.

Apenas à proporção que vivemos expansivamente a autotranscendência nos convertemos, realmente, em seres humanos e nos realizamos a nós mesmos. Portanto, somos humanos na medida em que somos capazes de não vermos a nós mesmos apenas, de não nos notarmos, de esquecermos de nós mesmos dedicando-nos a uma causa à qual servimos ou a uma

pessoa a quem amamos. Frankl, afirma que existe uma íntima relação entre autotranscendência e autodoação. A pessoa que se transcende a si mesma orienta-se para algo que não tem, nem conhece, relativiza seu ser e o põe a serviço de uma causa ou razão superior.

Heidegger, considera que a autotranscendência revela a natureza metafísica do ser humano, a vontade de indagar além do físico, do imediato, do se percebe com os sentidos externos. “Ir além do ente é algo que compete à essência mesma da existência. Este transcender é, precisamente, a metafísica; é o que faz que a metafísica pertença à natureza do homem. Não é uma disciplina filosófica especial, nem um campo de divagações, é o acontecimento radical na existência mesma e, como tal, existência (Introducción a la metafísica).

Considerações finais

Pode-se definir realidade como sendo tudo o que existe, inclusive o que é local e não local, imanente e transcendente; em contraste, o universo do espaço-tempo se refere ao aspecto local e imanente da realidade. A realidade imanente designa no idealismo monista, ao mundo comum e imanente do espaço-tempo-movimento de nossa experiência, para distingui-lo de um mundo transcendente de ideias e arquétipos; entretanto, é importante perceber que tanto o mundo transcendente como o imanente existem na consciência, o primeiro como formas de possibilidade (ideias), o segundo como resultado de observação consciente.

Os termos Imanência e Transcendência são opostos e designam, respectivamente, aquilo que se encerra em si mesmo e aquilo que tem uma causa maior e exterior a si mesmo.

O ser humano é um ser essencialmente espiritual, e o espiritual é um eixo que o perpassa inteiramente, tanto no plano consciente quanto no inconsciente. Ele faz com que a pessoa seja um ser livre, existencial e transcendente. (Viktor Frankl)

Foi Platão o primeiro a reconhecer a diferença entre uma realidade imanente e uma transcendente em sua filosofia, pois estabeleceu a distinção entre duas realidades: uma realidade material e sensível e outra realidade imaterial e suprassensível.

Embora sejam termos antagônicos, os mesmos se complementam, já que a explicação de um torna-se mais clara com a explanação do outro. Quando examinados no contexto religioso ou da filosofia, são conceitos de suma importância para fazer distinção entre um conhecimento de ordem teórica e um conhecimento de ordem prática.

Por fim, transcender consiste em ir além, cruzar uma fronteira. Não esta ou aquela, mas qualquer fronteira que se vislumbre no próprio caminhar. Consiste em não contentar-se com o que se é, com o que se tem, com o que se sabe. Esta vontade indômita de não conformar-se com o que se conhece. É a paixão por indagar o que está além do limite, o que se esconde além do que conhecemos.

A capacidade de transcendência é um poder da inteligência espiritual que permite ao ser humano mover-se rumo ao que não conhece, rumo ao que não tem, para penetrar no território do desconhecido.

Para além do significado religioso da palavra transcendência, a capacidade de transcender não é algo que se dá somente em pessoas religiosas, mas politicamente em todo ser humano, pois todo ser humano aspira a superar os limites, a cruzar o umbral, a introduzir-se em um campo desconhecido.



sensibilização

FELIZ NATAL!

Michael Winetzki | Colaborador

Noite gelada. Véspera de Natal. Na ponte à beira do rio, o homem pobremente vestido, tendo ao seu lado um saco de estopa, contempla as águas frias e escuras que correm abaixo. Está triste e pensativo. Pensava – como as águas tão belas podem ser tão cruéis.

Havia perdido tudo numa terrível enchente. As águas revoltas haviam levado a casa, a família, o cachorro, inclusive as fotografias e os documentos. Ele se salvara por estar trabalhando longe do local no momento da tragédia.

Não conseguiu voltar a trabalhar. A memória do que havia acontecido feria seu coração com uma insuportável tristeza. Só lhe haviam sobrado o vazio e a desesperança. Ao longe as luzes da cidade brilham, multicoloridas, e nos alto falantes soam músicas natalinas, que só fazem aumentar a dor.

Neste momento passa caminhando devagar um casal jovem,

abraçado, feliz, e a moça sente um súbito impulso, para e pergunta: – Senhor, o senhor está com algum problema, posso ajudar em alguma coisa?

Lágrimas mansas afloram nos olhos do velho. – Não moça. Obrigado. Só estava pensando que não tenho lugar para passar o Natal. Nem tenho mais lugar neste mundo.

– É claro que tem! Por favor, aceite meu conselho. Vá até o endereço que vou anotar e procure alguém que toma conta do lugar. Diga-lhe que você foi enviado por mim, Marina, em nome de João 3:16. E Feliz Natal. Daqui a pouco nós o encontraremos lá.

O homem se dirigiu lentamente até o local, era um salão grande, ficava próximo. A porta estava aberta e logo uma bela moça se aproximou e o recebeu com um manso sorriso quando ele disse a que vinha: – João 3:16.

– Entre senhor, por favor, estamos preparando a ceia de Natal. O senhor

parece estar precisando de um banho quente. Tem um banheiro ali. Talvez eu consiga arranjar algumas roupas limpas.

Depois do banho, refeito, encontra na ampla sala algumas outras pessoas como ele, pobres, que vagavam sem esperança pelo mundo, e um grupo de jovens preparava uma linda mesa, cheia de delícias.

Pergunta ao homem do lado: – O que é isso aqui? E a resposta: – é o salão de festas da maçonaria. E os jovens são da Ordem de Molay e do Arco Iris. Eles fazem esta ceia de Natal todos os anos e sempre procuram ajudar pessoas como nós. Eu estive aqui no ano passado.

Neste momento chegava o casal que havia encontrado antes. A longa mesa já estava posta e o rapaz postado à cabeceira, toma uma Bíblia nas mãos e começa a dizer.

– Sempre fazemos o possível para aliviar o fardo de quem sofre e apesar de nossos poucos recursos temos conseguido. Não podemos mudar a vida de vocês, isso compete a cada um, mas podemos oferecer um pouco de comida, quem sabe um banho e roupas limpas, mas principalmente a esperança de que o amanhã pode ser melhor. Nossos tios maçons nos ensinam que todos temos

a obrigação de tornar o mundo um lugar melhor para viver.

– E o que fazemos é baseado neste Livro Sagrado, que em JOÃO 3:16 nos ensina: *Pois Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Único filho, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna.*

– Há alguns colchões no fundo do salão onde vocês poderão dormir e amanhã de manhã começa um novo dia, e quem sabe, para cada um de vocês uma nova vida.

Foi a mais deliciosa refeição da qual ele se lembrava em muitos anos. Na manhã seguinte, ao sair para a rua, refeito, caminhava alegre, cheio de esperanças renovadas de que, apesar das dificuldades este ano seria diferente, muito melhor do que os anos passados, dos quais começava a se esquecer.

A imagem do sacrifício do Salvador, ainda presente em sua memória, e as palavras de João, iam suavizando o sofrimento e lhe dando novas esperanças

E enquanto caminhava, lépido, saudava com um largo sorriso a todos os passantes;

*Feliz Natal!
Feliz Natal!*



artigo

NADA FICARÁ OCULTO OB O SOL DA VERDADE!

Francisco Feitosa | Colaborador

Voltamos mais uma vez, com mais um texto reflexivo, dentro do nosso Programa Despertar. Embarcamos nesse mundo para uma breve viagem, a qual quando tomamos conhecimento do que se trata, já está na hora de desembarcar. Chegamos inconscientes de nossa verdadeira origem, de nosso verdadeiro destino e, principalmente, de nossa Missão de Alma. Aos poucos, alguns vão se libertando das vendas que lhes cobrem os Olhos da Alma e buscam o Encontro tão esperado com seu Eu Superior. É quando se dá o Encontro de Eus, o material e o Espiritual, na verdade, esse encontro d'EUs é o primeiro passo para o Encontro com DEUS, dentro de si mesmo.

Lamentavelmente, a enorme maioria da humanidade, presa à Matrix, caminha sem rumo e sem porquê! E quem caminha sem destino, por certo, para em qualquer lugar, sob a ilusão dos falsos brilhos das coisas efêmeras, de um cotidiano materialista e quase sempre manipulado para que as pessoas não pensem no que é imprescindível: a sua evolução.

A humanidade vem em sua longa caminhada, por eternidades, nesse necessário processo de transformar vida-energia em vida consciência. Mas, para tanto,

faz-se necessário conhecer-se a si mesmo, como bem nos ensina o aforismo socrático, "Nosce te Ipsum", escrito no pórtico de entrada do Templo do deus Apolo, na cidade de Delfos.

Esse mergulho dentro de nós mesmos é, por vezes, dolorido, mas, necessário. E, diria mais: é imprescindível. Defrontar com nossas sombras é, de fato, tenebroso. Aceitá-las é tão somente o primeiro passo. Extingui-las é o real objetivo. Para tanto, precisamos nos iluminar, pois onde se projeta Luz, extingue-se sombras. É o processo da transformação da vida-energia em vida-consciência que fará irradiar a Luz da consciência, que guiará nossos passos, na Vereda da Iniciação.

Encontrar Deus é promover o Encontro do EUs! O material e o Espiritual. Poderemos nos utilizar da metáfora do cego e do aleijado, para melhor entender esse processo. Nossa contraparte física, o Eu material, seria representada por um cego, que anda tropeçando e sem direção; nossa contraparte Espiritual, o Eu espiritual, seria representada por um aleijado, que não consegue andar. Realizado o Encontro dos EUs, ambos percebem que precisam se ajudar para chegar a seu destino. É quando o cego passa a carregar o aleijado nas costas e, esse passa a lhe orientar a direção a ser tomada, para evitar os atropelos.

Esse é um quadro metafórico do processo da Iniciação. De iniciar uma ação interna em busca da Luz. O cego não mais tropeça. O aleijado não mais se arrasta, e ambos seguem em passos seguros, e conseqüentemente, mais rápidos, pelos estreitos caminhos da vereda da evolução. Em analogia, é o Aprendiz que encontra seu Companheiro espiritual e, juntos, despertam seu Mestre! Percebem?

Volto a ressaltar: enquanto estivermos entretidos com o mundo ilusório, dos realites shows, Big Brother, novelas, maratonando Netflix, distraíndo-se com o futebol, os ponteiros do relógio do tempo seguem, imperdoavelmente, marcando o tempo que nos resta, alertando-nos

que, a cada minuto que passa, menos tempo teremos, nesse plano terreno, para cumprimos nossa Missão de Alma!

Pois é! Tais distrações nos impedem de ouvir a voz interna de nosso Eu Espiritual, convidando-nos para o necessário colóquio e, juntos, iniciarmos a Caminhada pela Vereda da Luz.

O planeta chegou em sua última passagem pela dualidade. A partir, de então, começa uma transição para uma Nova Era, numa densidade mais sutil, onde não se terá mais espaço para tais distrações. Não se trata aqui de uma partida de videogame. Quem não atingir o percentual mínimo necessário para passar de fase, perderá o Trem da Evolução. O planeta já está na 5ª densidade, razões de tantas transformações climáticas, energéticas, vibracionais, as quais estão afetando a todos os seres aqui manifestados.

Quem não despertar o percentual mínimo de consciência exigido para a Nova Terra, assim como aconteceu com os Exilados de Capela, que em um passado distante, passaram a habitar nosso planeta, serão levados para habitarem locais análogos a sua baixa densidade vibracional. Não terão lugar na Nova Terra, não por castigo, até porque não existe isso nas leis universais, mas porque não suportariam as vibrações elevadas de 5D.

Aos Despertos, chegará o momento de ouvir, novamente, a enigmática frase, tão mal compreendida até os dias de hoje: "deixe que os mortos entrem seus mortos!" É a chamada separação do joio e do trigo. Sim, teremos que nos despedir de amigos e parentes, que pouco ou nada fizeram por sua própria evolução. Cada um em seu tempo! Simples assim!

A varredura está sendo feita na superfície e no interior do planeta. Nada Ficarà Oculto Sob o Sol da Verdade! Com a entrada na Era de Aquarius, os Tempos são chegados. Não poderemos ser pegos dormindo. Portanto, a palavra de passe é "Despertar".

A Luz que invade o planeta invade nossas consciências, expandindo-a. A

Verdade está às claras para quem tem olhos de ver e não está distraído com as coisas efêmeras do mundo. As mídias, um dos tentáculos desses manipuladores da humanidade, impõem o medo em forma de notícia, em todos os aspectos, como pandemia, guerras, mudanças climáticas, recessão econômica, etc. Ao projetar o medo, faz da humanidade refém. Baixa sua imunidade e te leva a aceitar as soluções impostas por eles, que fazem parte de sua agenda de domínio.

O médico psiquiatra estadunidense, David Hawkins, dedicou sua carreira por toda uma vida, no estudo da emoção humana, em busca de uma vida de qualidade e saúde mental. Fruto de seu hercúleo esforço foi a criação de uma escala das emoções, em níveis energéticos, que ficou conhecida por "Escala de Hawkins", mapeando toda a emocionalidade humana.

A Escala de Hawkins é composta por 17 níveis de emoções. Uma delas é a da neutralidade. As 7 que aparecem acima da neutralidade são consideradas emoções positivas. As 9 que se situam abaixo da neutralidade são consideradas emoções negativas. Esse "ranking" foi construído a partir da frequência vibracional associada a cada emoção das pessoas, em um valor numérico medido em Hertz (Hz).

A Escala de Hawkins é importante porque nos mostra que nós podemos respirar fundo, administrar a intensidade daquilo que sentimos e procurar "subir" para o próximo nível, elevando a nossa vibração energética.

Portanto, a arma desses manipuladores é nos manter nas baixas faixas de frequências emocionais, a fim de não permitir que consigamos a iluminação. Quanto mais baixa a frequência, mais nos distanciamos do Despertar e, conseqüentemente, do esperado Encontro de EUs e de nossa Missão de Alma. Compreende?

Querido leitor, eleve sua vibração por meio de uma vida de hábitos saudáveis, utilizando-se do tempo que lhe falta para coisas nobres e não em distrações impostas pelas mídias e redes sociais, mantendo com isso, seu emocional na mais alta frequência possível. Isso possibilitará esse Encontro de Eus – o primeiro passo para o verdadeiro encontro com Deus. Desperte para a Realidade!

Os Tempos são chegados e Nada Ficarà Oculto Sob o Sol da Verdade! Pense nisso!

ESCALA DE HAWKINS



crônica

O NADA É ASSUSTADOR!

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Em conversa informal ouvi a indagação e a conclusão seguintes: "que país é este, o nosso Brasil, que tem uma Justiça que não consegue investigar e, se for o caso, julgar seus próprios componentes quando envolvidos em atos suspeitos de serem delituosos. O mesmo para autoridades da República envolvidas em escândalos os mais diversos, com destaque os relacionados com o uso do erário público. E mais, que Justiça é esta que não dá sustentação aos processos já transitados e julgados em várias

instâncias, com condenados em fase de cumprimento de penas, facilitando a busca de manhas e artimanhas para embargar e ou anular tais condenações. Conseqüentemente, liberando os envolvidos para voltarem aos cargos e ou candidatarem, para reassumirem as mesmas funções onde tiveram origem tais práticas quando da abertura de tais processos, concluídos com condenações. Um país com uma Justiça deste quilate, na minha opinião (do expositor), jamais irá para a frente!" Voz correntemente no seio do povo.

Serve como marco a este imbróglia sociocultural que envolve nosso país desde sua descoberta, tendo como motivação principal a exploração das riquezas naturais existentes em seus limites territoriais com possibilidades de usos e explorações várias, para enriquecimento monetário rápido e abundante. E agora mostrando também a mesma condição quando se fala na exploração de seu solo no que tangem especialmente as atividades agropastoris, com várias finalidades. Tem muito "olho gordo" vidrado nesta nossa nação!

Dá-se a impressão, no sentido amplo, que aboliram o dom Divino, concedido a todo ser humano desde sua gestação, do "livre arbítrio", para transformá-lo em um ser totalmente robotizado na dependência absoluta da tirania, sob toda a superfície da Terra.

A natureza tem mostrado à humanidade a existência de recursos suficientes para atender a todos os seres inanimados e animados existente no ambiente terrestre, especialmente após o encerramento dos grandes conflitos mundiais no Século XX, identificados como a primeira e a segunda guerras mundiais. Esta última encerrada com a explosão de duas bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

Das duas grandes guerras, as mensagens resultantes de alertas para a humanidade, foram de que se os homens usarem de todo o arsenal bélico de que dispõem na atualidade, corre-se o risco de destruir o Planeta. E aí? Vê-se infrutífero seguir este caminho da disputa bélica pela humanidade. Pois, não haverá ganhadores e nem perdedores, simplesmente o nada passará a existir no lugar do planeta Terra.



educação&cidadania

“DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA”

Newton Agrella | Colaborador

O dia da Consciência Negra tem um propósito inequívoco.

Trata-se de um legítimo resgate na memória de nossa história para lembrar, indistintamente a todos os brasileiros, que a abolição da escravidão não foi um mero ato protocolar registrado através da assinatura de uma princesa.

Muito pelo contrário, este foi um episódio marcado pela ação de milhões

de negros que lutaram e morreram por este mesmo ato, mas que os inúmeros livros de História jamais se ocuparam de relatar.

É preciso despertar a consciência para que as gerações presentes e vindouras saibam o que realmente aconteceu e de que forma esse processo se desenvolveu, sob os ângulos mais algezes e desoladores que marcaram esta vergonhosa mancha na história de nosso país.

É necessário entender e sobretudo reconhecer o porquê desta data e de que forma comemorá-la com justiça, seriedade, compromisso e profundo respeito.

Só se entende o significado verdadeiro do sofrimento, da vicissitude, do preconceito e da humilhação quem passa ou quem já passou por esta experiência.

Ser “humano”, é antes de mais nada entender que cor, características físicas, tipos de pele e de cabelo são meras circunstâncias estéticas.

São arquétipos que basicamente explicam uma realidade material.

São “embalagens”.

Infinitamente mais do que isto, ser “humano” é ter a percepção de nossa alma, de nosso espírito e das propriedades interiores que trazemos conosco. É

buscar sem medo o aprimoramento de nossa Consciência.

Definitivamente, ninguém é superior a outrem. Ninguém é melhor que outro.

Somos todos humanamente iguais, e o que nos diferencia, não é a nossa capacidade de raciocinar ou de pensar, mas sim, as “oportunidades” que se nos oferecem ao longo de nossas vidas e consequentemente as circunstâncias que nos permitem aproveitá-las.

Respeito, Amor e Dignidade são a tríade que nos abrem caminho para explicar e justificar a nossa existência.

Isto tudo, por si só, e pela própria História impõe que hoje se celebre esta data e que jamais deixe caí-la no esquecimento.



crônica

CONSCIÊNCIA NEGRA

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Dia da consciência negra no Brasil comemora-se a liberdade, a quebra das correntes dos pés e dos pulsos dos africanos trazidos do continente africano para ajudar a construir um país chamado Brasil, com a permissão das autoridades públicas e eclesiásticas da época, eram capturados em suas tribos com a convivência de outros negros africanos e trocados por quinquilharias. Aqui no Brasil, longe de sua terra natal eram obrigados a esquecer

seus Deuses, como cativos vinham reis, rainhas príncipes, princesas e guerreiros, trocava seus nomes de nação, tinham que falar a língua portuguesa e esquecer seu dialeto, era batizado com nomes de santos italianos brancos.

Se reclamassem eram chicoteados até a morte, moravam nas senzalas, dormiam mal, comiam os restos que o senhor dava que hoje é nobre e chamam de feijoada, no dia treze de maio de mil oitocentos e oitenta e

oito veio à libertação, antes já existia a lei do ventre livre, mas essa lei não era respeitada, homens como Jose do Patrocínio, o Poeta Castro Alves e outros eram contra a escravidão de negros, a maçonaria abominava tal procedimento e se reunia em seus templos para por fim em tanta barbaridade, os maçons lutavam para que os negros fossem libertos. A lei áurea foi assinada, festa nos nobres salões, meu Deus acabou a escravidão, os negros foram libertados, tiraram os grilhões de seus pés, soltaram eles sem casa, sem terra, sem nada. Já se passaram cento e trinta e cinco anos da libertação e os negros continuam como antes de 1888 sem emprego, alguns sem casa e o pior sem direito de ter direito, ainda é avaliado por algumas pessoas pela

cor da pele, não adianta ter qualificação, pois se for negro não serve.

Serve sim para ser massa de manobra, para pedir votos, mas nunca para ser votado, ser eleito como autoridade constituída pelo povo. Dizem que no Brasil discriminação e racismo é crime inafiançável será que é verdade? Parece que não, pois todos os dias se vê atos de discriminação contra homens e mulher de pele preta. Mas a sepultura não faz acepção de ninguém, de preto ou de branco pois quando desencarnam a matéria vai para o mesmo lugar e será corroída por micróbios e germes, branco pobre é igual a preto é uma coisa só, então no dia 20 de novembro vamos comemorar o dia do ser humano, vamos comemorar a vida.



artigo

MAÇONARIA

Milton de Souza | Colaborador

A Maçonaria é uma instituição fraternal que existe há séculos e que tem como objetivos a promoção da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Seus membros são pessoas de todas as classes sociais, credos e ideologias que se reúnem para estudar e praticar a moral e a ética. É uma instituição que valoriza a liberdade de pensamento e de expressão. No entanto, essa liberdade não deve ser confundida com a liberdade de criticar sem fundamento e para fins maquiados.

É comum ver maçons criticando (de forma reservada e publicamente) as suas administrações, principalmente as centrais de suas potências. Essas críticas, muitas vezes, são feitas de forma um pouco fora dos padrões respeitosos e humanitários, impróprios da educação maçônica recebida, podendo causar danos à imagem da Ordem e prejudicar seus próprios membros. As críticas públicas, quando feitas de forma inadequada, podem causar danos à imagem da Ordem, prejudicando sua credibilidade e dificultando o seu trabalho. Não

critique “publicamente” se você não tem essa incumbência.

É importante lembrar que as administrações centrais da maçonaria são compostas por maçons eleitos pelos seus pares. Eles são os responsáveis por representar a Ordem e tomar decisões que afetam todos os seus membros.

Antes de criticar “publicamente” uma administração (central ou jurisdicionada), é importante se perguntar se você tem a incumbência de fazê-lo; se o seu cargo maçônico o credencia, se está como membro de uma das administrações, ou seja, se foi eleito para representar os seus pares, e só assim sua crítica terá peso, já que disseminar uma crítica isoladamente, de forma boca-a-boca, o efeito não deixa de ser danoso, mas, é bem menor e falta eco.

Além disso, é importante lembrar que a crítica deve ser feita de forma construtiva, simplesmente porque você é um Construtor Social (Maçom), queira ou não. Então, ao invés de atacar a sua administração, é melhor propor

Só critique os poderes constituídos se você tem motivo justo e construtivo

soluções para os problemas que você identifica, de forma incansável, sem guardar mágoa acentuada se as suas ideias não forem aproveitadas. Nesse caso, procure saber e compreender os motivos do não atendimento.

A Maçonaria é uma instituição que está sempre aberta ao debate e às críticas construtivas. No entanto, é importante que essas críticas sejam feitas por pessoas que tenham conhecimento e experiência plenas da Ordem, bem como, dirigidas às pessoas certas. Conhecimento bastante, inclusive, do porquê do não atendimento aos seus projetos de mudança.

A crítica bem colocada, na hora e no lugar adequado, é sempre salutar.

Por que é importante criticar de forma salutar a Maçonaria?

A crítica é uma ferramenta importante para a evolução de qualquer instituição. No caso da Maçonaria, a crítica pode ajudar a identificar problemas e encontrar soluções.

Ao criticar de forma adequada a Maçonaria, os maçons podem contribuir para: Aperfeiçoar os seus procedimentos; Evitar erros e injustiças; Tornar a Ordem mais representativa; Como criticar a Maçonaria de forma construtiva? Faça sua crítica de forma educada e respeitosa, às pessoas certas; Foque nos problemas, não nas pessoas, na administração; Proponha soluções para os problemas que você identifica; Participe do debate e do diálogo; Não levante dúvidas infundadas, suposições, sobre o sistema para o qual propõe mudanças; Ressentimentos devem ser expostos aos envolvidos para lhes dar a chance de defesa; Quando se referir a valores monetários (dinheiro), conheça primeiro os documentos comprobatórios daquelas prestações de constas.

A Maçonaria é uma instituição que merece respeito. Antes de criticar a Ordem, é importante se informar sobre ela e seus objetivos. A crítica deve ser feita de forma a promover o progresso da Ordem.

É claro que nem sempre é possível propor soluções para os problemas identificados. No entanto, sempre que possível, é importante fazer o esforço de propor soluções. Isso mostra que a crítica é feita de forma construtiva e tem o objetivo de melhorar a Ordem.



crônica

A CARGA DE FUMO

Filadelfo Borges de Lima | Cadeira nº 08

Na década de 30 havia em Jataí um comerciante gago e Alberto era seu nome. Seu nome era outro, mas aqui o chamei de Alberto. Ele atendia ao freguês e esse lhe perguntava: quanto custa o metro desse pano, seu Alberto?

– Dooooiiiis...

– Então corte cinco metros ... e viiinte.

Sua casa comercial era movimentadíssima. Às vezes um empregado seu – e eram muitos – vendia um par de estribos, por exemplo, e esquecia-se de anotar. Então Alberto colocava um par de estribos na conta de cada freguês que lhe comprava a prazo. E vinha um deles acertar e estranhava o valor, pedia verificação e comentava:

– Mas não comprei par de estribos. Nem ando a cavalo, seu Alberto. Desssscul...cul...pe. Foiiii engaaano.

Poucos, contudo, reclamavam. Assim se recebia dinheiro de vários pares quando somente um fora vendido.

Um dia o Alberto foi a Lajeado, que hoje se chama Guiratinga, num pequeno caminhão de sua propriedade, levando uma carga de fumo de corda, com o propósito de vendê-la toda para o maior comerciante daquela pequena cidade de Mato Grosso, que a revenderia para os garimpeiros da região. Lá chegando, foi direto à loja do Antenor (nome fictício do maior empresário guiratinguense daqueles dias), e ofereceu-lhe a mercadoria. Antenor olhou, cheirou, fez um cigarro de palha com um pedaço daquele fumo e logo o jogou fora, dizendo:

– Produto ruim, não quero não.

Alberto desceu o preço, fez propaganda, mas Antenor não aceitou mesmo o negócio. E com isso o jataiense foi para a pensão, hospedou-se e ficou ali por perto vendo passar um, passar outro, e então chamou um dos traseuntes e lhe pagou para ir ao estabelecimento do Antenor e pedir um metro de fumo, mas daquele que Alberto trouxera de Jataí e se for outro não serve.

– Mas aquele fumo é ruim, diria o empresário de Guiratinga.

– Experimentei e gostei. Se for outro não compro.

Veio um, veio outro, um terceiro, um quarto. Mais tarde chegaram mais dois homens com a mesma conversa. Percebendo que estava perdendo vendas, Antenor mandou um menino que com ele trabalhava ir à pensão e chamar o Alberto. O Alberto veio logo:

– Prooonnto, você queeer fa... fa... falar co... co... migo?

– Quero comprar sua carga de fumo. Quanto você quer por ela, pagamento à vista?

Alberto não quis mais fazer muita diferença, como o fizera

antes, mas deu pequeno desconto, descarregou ali toda a carga com a ajuda de dois chapas, recebeu o dinheiro e foi-se logo, não quis nem pernoitar, apesar de já ter passado um pouco das cinco da tarde. Pegou a estrada rumo a Alto Garças, de onde partiria para Alto Araguaia e daí Jataí. Em Lajeado ficou o Antenor com aquele produto de qualidade inferior a ocupar espaço sem encontrar freguês, sofrendo prejuízo. Um dia ele distribuiu tudo aquilo gratuitamente, mesmo assim houve fumante e mastigador de fumo que não quis o presente. O que sobrou ele jogou fora.



falando francamente

A SITUAÇÃO É GRAVE

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Eu sou apenas um habitante deste incandescente Planeta Terra assim como outros bilhões de indefesos viventes, cujos semblantes são de desespero, insegurança. Os ditos e tidos como os mais sábios são quase unânimes – se não forem unânimes – em afirmarem que o problema da alteração climática da Terra (nossa casa em comum) está na devastação das florestas, em especial, a da Amazônia. Alguns poucos culpam a poluição e a morte dos rios. Já ouvi dizer que é grave a poluição produzida pelas fezes, excrementos, dejetos expelidos pelo gado, também conhecido como “Bosta de vaca”, que, convenhamos, é muito boa para usarmos como adubo orgânico na produção de hortaliças, mas que agora virou vilão do clima, na visão dos “cientistas” pesquisadores a procura dos culpados pelo estado alarmante em nós nos encontramos (coitada da vaca), com esse calorão sem sombras para se proteger do Sol! “Bem feito, diria um colegial, se elas são culpadas por isso”.

Esclareço aos amigos leitores que não sou cientista nem pesquisador, muito menos especialista em Meio Ambiente, sou apenas um dos esbaforidos em busca de uma sombra para me resfolegar um pouco. E aqui eu aproveito para sugerir o acréscimo de mais um Versículo no Livro da Lei: “Bem aventurados os que não são cientistas, porque deles, não serão exigidas explicações. Por isso, sinto-me bem à vontade para abrir a boca e questionar o porquê desta drástica mudança que está acontecendo em nosso Planeta.

Tenho ouvido muitos sermões de profundos conhecedores da Bíblia Sagrada, dando conta de que, sem dúvida nenhuma, isso é o fim dos Tempos e que Jesus Cristo está vindo para recolher os escolhidos e o resto, bem o resto... Pode até ser mesmo, não duvido de mais nada depois dos resultados das últimas eleições presidenciais brasileiras. Mas, e se não for isso? O certo é que o calor está fora do normal e as chuvas, quando vem, vem arrancando árvores, derrubando casas e destruindo estradas e matando gente, “Coisa tremenda”, diria meu pai, José Atanásio dos Santos, fervoroso

evangélico da Igreja Assembléia de Deus, em São Luís de Montes Belos.

Mas, abri esta página, caríssimos leitores, para dar minhas opiniões (eu também sou filho de Deus) empiricamente, é bem verdade, sobre o que vejo, escuto e sinto, neste momento.

Fico pensando: roçar, derrubar matas, queimar pode ser realmente, muito grave, mas, no lugar das árvores, planta-se soja, milho, girassol, algodão, café que também são vegetais, embora sazonais, e, se não plantar nada, a natureza se incumbe de se recuperar em curto espaço de tempo – dois anos – por exemplo, já vira mato de novo. Já vi roçado queimado se transformar em capoeira e mato assim, ó de uma hora pra outra. Brota tudo e com Força e Vigor, daí, a possível recuperação da cobertura da terra, em pouco tempo. Agora, vejo outras possíveis e irreversíveis causas pouco ou quase nada analisadas pelos especialistas, estudiosos ou cientistas, como o problema do uso da água.

Fico vendo a quantidade de poços artesanais sendo perfurados diariamente por todo o País, retirando dos lençóis subterrâneos a água que, possivelmente abasteceria alguma nascente natural. E aí, acontece outro problema, enquanto as nascentes naturais existem para suprir as necessidades de todos: gente, bichos, pássaros, capins, árvores, peixes (sapos também), os poços artesanais são de serventia específica de quem os faz. Seria isso um problema climático? Não sei. Melhor perguntar lá no Posto Ipiranga.

Outro possível problema que acho muitíssimo grave, são as extrações de petróleo, gás e minérios do interior da terra. Dizem os entendidos que esses recursos não são renováveis. Como são bilhões e bilhões de metros cúbicos retirados diariamente das profundezas de Terra, fico imaginando: se não são renováveis, como ficariam essas cavernas provocadas pelo esvaziamento desses materiais?

Pensemos na Terra como uma bola gigantesca e que, de dentro dela são retirados incalculáveis conteúdos não renováveis. Qual a imagem que podemos fazer

dela? Eu a vejo como uma bola vazia e que, a qualquer momento, pode muchar e engolir grande parte de sua crosta, terra e mar, para preencher aqueles espaços vazios. Você também já pensou nesta hipótese?

Mas não carece de se preocupar, caro leitor, se estiver com medo. Antes que isso possa acontecer, ainda tem margem para piorar muito a qualidade de vida dos terráqueos, como nós, por exemplo: os gases venenosos que contaminam o ambiente diretamente a partir de sua emissão como é o caso do dióxido de enxofre, o ácido sulfídrico, os óxidos de nitrogênio, a amônia, o monóxido de carbono. O dióxido de carbono, o metano, fuligem e aldeídos e outros que são perigosos poluentes emitidos aos milhões na atmosfera no mundo inteiro pelos bilhões de carros, motos, fábricas, etc... Para onde vai isso? Não sei. Recomenda-se perguntar os cientistas ou especialistas. Eles devem de saber. Um fio de esperança pode vir da eletricidade para amenizar nosso drama, como o aparecimento da chamada energia limpa, os carros elétricos, fogão elétricos, (Falar em Fogão, e o Botafogo, em?), panela elétrica e por aí vai. Sol e calor não devem faltar. No entanto, aí agora, a solução é não desmatar a Amazônia só isso. Aplausos pra ele. Mas a situação é muito grave, Francamente...

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” – GOB-GO
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06

Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador

Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima

Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editoração: Adriana Almeida

Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza
por conceitos emitidos em matérias publicadas.

expediente



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16



Diógenes Mortoza da Cunha nasceu no dia 6 de setembro de 1939, na cidade de Guaxima – Conquista – MG. Filho de Romualdo Ferreira da Cunha e Ana Mortoza da Cunha. Casado com Livia de Almeida Cunha. Profissão Bancário, Advogado e fazendeiro. Trabalhou nas Agências do Banco do Brasil, nas cidades de Itumbiara e Goiânia. Foi advogado do Banco do Brasil em Goiânia quando o ex-Grão Mestre Licínio Leal Barbosa era o Chefe do Departamento Jurídico do Banco. Foi Procurador Geral do Estado de Goiás no primeiro Governo Marconi Perillo. Iniciado no dia 17 de agosto de 1963 na Loja Paranaíba nº 4,

*Diógenes Mortoza da Cunha
Décimo Segundo Grão-Mestre
Período 1984/1987*

de Itumbiara, onde exerceu vários cargos, sendo Venerável Mestre de junho de 1974 a junho de 1975. Foi Delegado do Grão-Mestre no Distrito Maçônico em Itumbiara, nos Grão-Mestrado de Carlos Vieira da Silva e Licínio Leal Barbosa. Foi também Grande Orador da Grande Loja na gestão de Urias de Oliveira Filho. Presidente da Loja de Perfeição “Átila de Melo Xerife” de Itumbiara. O Grão-Mestre Adjunto foi Geraldo Alves de Carvalho, da Loja Paz Universal nº 17.

Em sua gestão foram fundadas as Lojas União do Horizonte nº 119 e Força e União nº 120, em Goiânia e a Loja Luz da Mantiqueira nº 121, Niquelândia.



opinião

A MAÇONARIA E OS MAÇONS CATÓLICOS PERANTE O CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO - I

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Meus cumprimentos e meus agradecimentos a todos quantos se manifestaram sobre os termos de um artigo que escrevi com o título de “A maçonaria incompreendida, apesar de justa e perfeita”, especialmente no que tange à referência que fiz sobre a excomunhão automática de católicos que se associam à maçonaria.

Alguns comentários, ao que me parece, extraídos de fontes desatualizadas em relação ao tema que abordei no referido artigo, deram-me a certeza de que seus signatários foram pegos de surpresa com aquela minha afirmação, fato que os levou a contradizerem a veracidade do que foi por mim relatado.

Coube-me, então, voltar ao assunto para prestar aos ditos leitores, mais esclarecimentos a fim de completar o que ainda lhes resta conhecer sobre a visão da Igreja em relação aos maçons católicos, dizendo-lhes que o Cãnone que trata da questão é o 1.374, do Código de Direito Canônico, de 1983, e a sua interpretação que a seguir passo a expor é dada por escrito por quem de direito, que é a Congregação para a Doutrina da Fé, uma das instituições mais antigas e influentes do Vaticano e que surgiu como sucessora da Suprema e Sacra Congregação da Inquisição Universal, fundada pelo Papa Paulo III, em 21 de julho de 1542. Competia àquela sacra congregação o funcionamento dos tribunais da inquisição espalhados pelo mundo. A Inquisição começou a atuar, de fato, no Séc. XII e se manteve ativa até o início do séc. XIX.

Começamos, então, pelos termos do próprio cânon acima citado:

“Cãnon 1.374. Quem se inscreve em alguma associação que maquina contra a Igreja seja punido com justa pena; e quem promove ou dirige uma dessas associações seja punido com o interdito.”

Através de simples leitura desse texto desde logo nos ressaltam aos olhos três indagações: a) o dispositivo em questão incluiu também a maçonaria como “associação que maquina contra a Igreja?” b) se a resposta à alínea “a” for afirmativa, que pecado comete o católico que se associa à maçonaria? c) qual é a justa pena para esse tipo de pecado?

A interpretação vem da Congregação para a Doutrina da Fé, através do documento intitulado “Declaração sobre a maçonaria.” Esse documento é datado de 26 de novembro de 1983 e foi devidamente aprovado e assinado pelo papa João Paulo II. Ele foi elaborado com o objetivo de dar entendimento específico e esclarecer dúvidas sobre a situação dos católicos maçons frente às disciplinas traçadas pelo Código de Direito Canônico de 1983, diante do que se pode tirar conclusões importantes como as que se seguem:

I – Em relação à alínea “a” acima:

A resposta é SIM. A Congregação para Doutrina da Fé considera a Ordem Maçônica incluída no contexto do cânon 1.374, mesmo lá não estando explícita a palavra “maçonaria”, e explica:

“Esta Sagrada Congregação quer responder que tal circunstância é devida a um critério redacional seguido também quanto às outras associações igualmente não mencionadas, uma vez que estão compreendidas em categorias mais amplas.”

E continua:

“Permanece, portanto imutável o parecer negativo da Igreja a respeito das associações maçônicas, pois seus princípios sempre foram considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja e, portanto, a participação nelas permanece proibida.”

Ressalte-se que a Congregação definiu a maçonaria de modo bem

diferente da definição que foi dada às associações citadas no cânon 1.374. Lá trata das associações que maquinam contra a Igreja. A Congregação trata a maçonaria como associação cujos princípios são inconciliáveis com a doutrina da Igreja. Nesse caso não se sabe por que aquela congregação considera os católicos maçons como incursos nas penas do mencionado cânon se a maçonaria lá não se acha identificada, nem há outro cânon onde ela pudesse estar enquadrada com a definição que lhe foi dada no documento “Declaração sobre a maçonaria”.

Porém não se pode tirar a razão da congregação quando ela se refere à maçonaria da maneira como acima se acha afirmado e devemos mesmo entender que há diferença se levarmos em conta o que faz a Igreja e o que faz a maçonaria. Seus fins não são os mesmos e se quer se assemelham. E a razão é a de que a Igreja católica tem como objetivo a prática da doutrina católica, enquanto que a maçonaria não pratica qualquer tipo de religião. Seus ideais são outros muito diferentes. Esses ideais para os quais a maçonaria existe fazem dela uma instituição essencialmente “iniciática, filossófica, filantrópica, progressista e evolucionista.” Em síntese, ela identifica-se como uma escola de aperfeiçoamento moral e intelectual do ser humano, tendo como fins supremos a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade. Desta feita, configura-se injustificado engano considerá-la entre as associações que maquinam contra a Igreja.

II – Em relação à alínea “b” acima, a Congregação esclarece:

“Os fiéis que pertencem às associações maçônicas estão em estado de pecado grave e não podem aproximar-se da Sagrada Comunhão.”

“Pecado grave”, segundo a crença da Igreja Católica é um “pecado mortal” e o “pecado mortal” é cometido quando, ao mesmo tempo, houver matéria grave (assim considerada pelo Código de Direito Canônico) e plena consciência, bem como, deliberada vontade do agente. As pessoas que cometem esse tipo de pecado deixam de estar na graça de Deus (ou Graça Santificante). A situação, apesar de considerada grave, comporta o perdão diante do arrependimento, de modo genuíno e da confissão do pecado.

III – Em relação à alínea “c” acima:

No documento intitulado “Declaração sobre a maçonaria”, datado de 26 de novembro de 1983, a Congregação para Doutrina da Fé, afirma que o fiel que se associar à maçonaria cometerá “pecado grave” e que, em razão disso, não poderá aproximar-se da Sagrada Comunhão.

Daí surge uma nova dúvida sobre qual seria a situação, perante a Igreja, do fiel que se encontra em pecado grave e proibido de aproximar-se da Sagrada Comunhão. A explicação, evidentemente que não poderia ser outra, senão a da excomunhão automática, conforme abaixo se vê.

Antes, porém, vejamos a definição de “excomunhão”:

A excomunhão é a exclusão de um membro da Igreja Católica, com a privação do uso dos sacramentos, e da participação dos ofícios divinos.

Para a Igreja Católica, há vários tipos de excomunhão, dentre eles estão: a) a excomunhão menor; b) a excomunhão maior.

A excomunhão menor é limitada apenas à privação dos sacramentos e ocorre “ipso facto”, ou seja, pela ocorrência do fato, como consequência direta da ação, sem processo acusatório, sem qualquer formalidade ou decisão de autoridade eclesial, ou seja, consuma-se pelo fato, “incontinenti”, ficando, desta feita, evidenciada a excomunhão automática. Esse tipo de excomunhão comporta o perdão se houver arrependimento genuíno e confissão, segundo afirma a Congregação para Doutrina da Fé.

(Continua na próxima edição...)



artigo

DO LAÇO AO SENADO – IV

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

Daí, talvez, o especial prazer que tenho até hoje em ouvir o “toque” da cachorrada farejando a trilha de uma caça. No caçador apaixonado, o uivar e granir dos cachorros, que em fila indiana fareja o cheiro do animal, desperta a mesma emoção e satisfação dos que gostam de ouvir as orquestras sinfônicas ou outras músicas. Talvez seja por isso que, modernamente, existem os caçadores “ecologistas”, verdadeiros caçadores de sons, que não conduzem armas e nem deixam os cachorros pegarem a caça. Contentam-se com tudo, principalmente com a sinfonia propiciada pelos cachorros, menos com o sacrifício da caça.

Aos cinco anos de idade ingressei no Colégio Santana (das Freiras), da Cidade de Goiás, onde lecionavam as “não” freiras Mestre Mariquinha Costa Campos (Primeiras letras) e Mestra Inah de Carvalho.

Aos nove anos, como eu estava muito adiantado pela minha idade, nos estudos, meu pai, em meados do ano, retirou-me das aulas para

acompanhá-lo nas vaquejadas sertanejas das distantes fazendas Tesouras e Santo Antônio. Foi como se jogasse o peixe na água!

Empolgado pela vida rural e os ideais infantis de vaqueiro famoso, recebi a notícia com alegrias incontidas e nunca esquecidas. Mais feliz e compenetrado estive quando ganhei e recebi permissão de, pela primeira vez, usar esporas. Esta faculdade somente era dada ao meninos quando se tornavam competentes cavaleiros, isto é, sem perigo de cair do cavalo, ficando pendurando pelas esporas enganchadas.

E lá me fui montado na mulhinha “passarinhadadeira” (refugadeira) Rolinha, acompanhando com dificuldade o picadão do burro “Despacho” de meu pai, pelos trilheiros naquela época, chamados de estradas, pois, não existia no caminho qualquer rodovia.

Para se saber, no sertão, quando o viajante se encontrava no caminho certo, tinha de verificar os cortes de facão nas árvores da trilha, que, existindo, confirmava que estava na “estrada real”. Naquele tempo, era muito comum na região alguém ensinar o caminho até certo ponto e daí por diante: “acompanhe o corte do facão”.

Meu pai herdou dos seus ancestrais a mania de fazer marchas forçadas a cavalo, não se sabe se por pressa ou mesmo mera demonstração de vigor. Daí, a penosa jornada de dezoito léguas (108 km) em menos de 24 horas entre o retiro Lago Bonito e a sede velha da Fazenda Santo Antônio, varando, com o garoto, quase a noite toda e o dia seguinte, nos taboleiros de cerrado, sem água, que só foi

CAPÍTULO 2

encontrada por volta das 16 horas, no Rio Santa Maria (hoje município de Nova Crixás-GO).

Dessa temporada, recordo-me do primeiro dia de campeão no retiro do Braço do Campo, na Fazenda Tesouras, montando em meu cavallinho russo chamado Tambiú, muito veloz.

Acordamos 4 horas da manhã e depois de lavar o rosto no córrego, ao fundo do rancho de palhas, tomamos café puro e comemos o resto da janta anterior, requentada no fogão a lenha.

A tarefa de campear a tropa e fechá-la no curral, normalmente incumbia aos mais novos, que saíam na maioria das vezes no escuro da madrugada, sem candeia ou lanterna (que na época nem existia).

Quando Emival escutava o tinir dos polacos, no silêncio da madrugada, algumas vezes cortado pelo canto de alguns pássaros prenunciando o alvorecer, sabia que a empreitada seria rápida e menos sofrida. De outra forma, quando os animais de lida estavam cochilando, os cincerros repousavam inertes, forçando os vaqueiros a rastrear suas pegadas no escuro ou campear nos lugares que a tropa costumava pernoitar.

Achados os cavalos, eles muitas vezes partiam em desabalada carreira, no escuro, forçando os jovens vaqueiros a cercarem-nos e direcioná-los ao curral, para serem arreados.

Nem precisa dizer que se os cavalos corriam no escuro, os peões deveriam correr ainda mais, aos trancos e barrancos, entre quedas e tropicões, preocupados com o raiar do sol, que aos poucos tornava rubra a barra do dia.

Depois de encabrestar seu cavalo, Emival ainda trazia o burro Despacho de seu pai. Broncas pela demora eram normais e rotineiras, mais pelo hábito do pai em “machear” seu filho, do que pelo atraso quase nunca ocorrido. Reclamações e justificativas eram inadmitidas!

Saíram os vaqueiros, Emival e Totó Caiado em direção às queimadas, feitas no cerrado no início do período de seca para não alastrarem. Ali o gado fazia seu malhador para pernoite e de dia o gado mais bravo escondia-se furtivamente nos capões de mato, tornando-se invisíveis.

Ainda no escuro, em silêncio absoluto e contra o vento, para o gado não sentir o cheiro do bicho homem, os vaqueiros aproximavam-se do local onde o gado lentamente levantava-se e direcionava-se para o cerrado mais grosso.

Uns usavam aguilhadas (varas de ipê ou outra madeira forte, com ferrão de metal na ponta) para derrubar a rê, outros assim o faziam puxando o rabo do animal em plena carreira, fazendo-o desequilibrar e cair, mas, quase todos possuíam laço de couro atado à chinha do arreo.

Podia-se sentir a respiração ofegante, o palpar acelerado do coração, o cheiro do suor do cavalo, já inquieto e acostumado à peleja, pronto para disparar no bambear da rédea em cima do marruá da brabeza, numa desabalada carreira suicida.

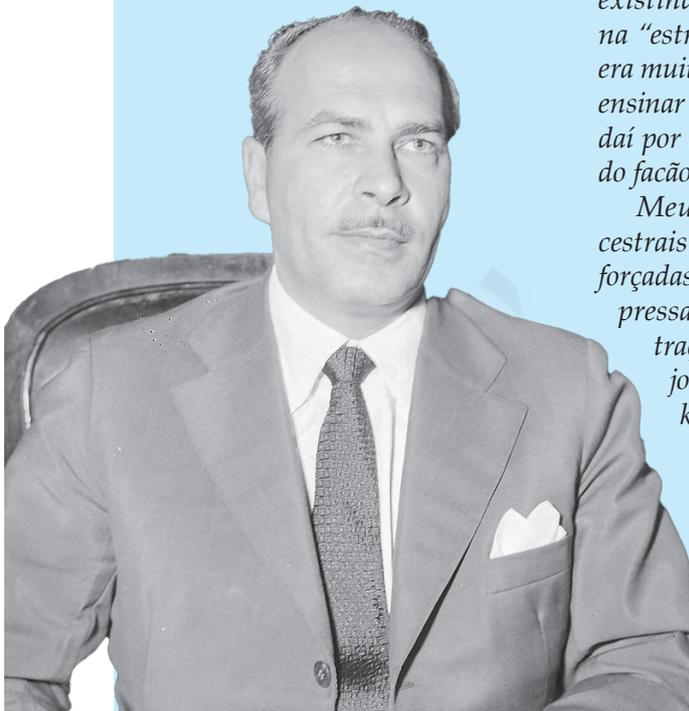
Assim que o gado correu, parti em disparada no cerrado acompanhando vaqueiros famosos, deixando seu pai para trás que, aos gritos, tentava impedir-me de prosseguir. Só muito tempo depois, retornando na “batida”, é que voltei a encontrar-me com o pai que, muito irritado, explicou-me que a região era selvagem, isolada, que um ou outro “morador” estava há muitas léguas de distância e que se eu perdesse dos companheiros corria o risco de nunca mais ser encontrado vivo. Que de certa feita um seu vaqueiro Ataliba passou perdido 12 dias comendo frutos silvestres e mel, sendo encontrado quase morto, tendo de ser alimentado inicialmente com colherinhas de leite.

Daí por diante o “projeto de vaqueiro” só era permitido carreiras para dar cabeceira no gado, cercando-o ou então ficando a vigiá-lo nos intermináveis pastoreios, defendendo-me de verdadeiras ondas de mosquitos.

Ao término do curso primário no Colégio Santana, como primeiro aluno da turma, ganhei como prêmios diversos terços, estampas de santos e pequeno catecismo em edição sofisticada, que foram guardados por minha irmã Consuelo.

Depois de passar pelo curso particular preparatório do Professor Alcides Jubé, sagrei-me aprovado no exame de admissão do Liceu de Goiás. Esse admirável e simpático professor tinha um método original de ensino, colocava os alunos sentados em bancos e ia formulando suas perguntas de tal forma que os que acertavam nas respostas iam passando para o lugar da frente, estimulando assim, as emulações.”

Continua na próxima edição...



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOCADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



crônica

AS AMIZADES VERDADEIRAS E SINCERAS

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Talvez, sejamos levados a desacreditar um pouco na existência das boas e sinceras amizades por termos tido decepções com amigos, ou melhor, com pessoas que se diziam ser amigas.

Se ainda existem ou não amizades sinceras, é uma discussão desnecessária,

pois, cada um tem a sua própria opinião e nela se fixará. E assim, independente da discussão, pelo menos nós, podemos demonstrar que somos pessoas sinceras e que merecemos toda confiança.

É comum ouvirmos alguém dizer que não se pode confiar em ninguém. Mas, os outros podem confiar em nós?

Então?! Mesmo que as pessoas que convivem conosco cometam falhas, sejam incoerentes ou mesmo falsas, etc..., procuremos oferecer uma amizade sincera. Se assim fizermos, haverá uma pessoa falsa a menos, não é verdade?

Apesar de todos os riscos, é importante cultivarmos as boas amizades; procurar nos relacionar com pessoas que realmente mereçam a nossa confiança e companhia. Isto não quer dizer que devamos fazer distinção de pessoas.

Devemos amar, respeitar e ajudar a todos, mas, quanto a qualificação dos amigos podemos levar em conta uma máxima popular: “Quem anda com

lobos aprenderá a uivar, quem anda com pássaros aprenderá a cantar”.

Tenhamos em mente que existem amizades que podem nos levar à perdição, e amizades que podem ajudar a nos salvar nos momentos difíceis. Saibamos escolhê-las com sabedoria!

Texto adaptado de um autor desconhecido mas eu o assinaria com 1000% de fé nas palavras escritas.

Apenas acrescento que para uma amizade verdadeira e sincera não existe distância e nem um eventual tempo de afastamento, que pode ser por anos, pois, um breve encontro físico regado a um abraço resgata tudo de bom que existe entre nós, amigos de verdade.



sensibilização

ATO PÚBLICO DE RECONHECIMENTO

Jader Frederico Abrão | Colaborador

Na condição de Presidente deste Egrégio Tribunal Eleitoral Maçônico do Grande Oriente do Brasil – Goiás, faço público o presente Ato de Reconhecimento que é direcionado a todos os Juizes e Secretários, Membros desta Egrégia Corte, aos quais nutro imensa gratidão, admiração e completo respeito.

Desde o início desta gestão de 2021/2023, estabelecemos uma relação de extrema cooperação e de compromisso entre nós, membros desta Egrégia Corte, mirando todo o nosso foco na garantia da plena atividade das Lojas Maçônicas jurisdicionadas ao Grande Oriente do Brasil – Goiás, agindo com ênfase na pacificação da Família Gobiana através de Decisões úteis, legais, justas e ágeis, sempre guiadas pela nobríssima estrada da responsabilidade institucional.

A cada dia o Egrégio Tribunal Eleitoral Maçônico do Grande Oriente do Brasil – Goiás, foi se tornando mais forte tecnicamente e mais focado, e por consequência, mais eficiente e mais ativo. A fé, o bom ânimo, o compromisso e o dinamismo, suprimiram as dificuldades surgidas pelas vaidades humanas que tanto assombram o nosso cotidiano Gobiano, pela falta de recursos diversos, e, pelo arcaico sistema de informação e de controle digital disponíveis a este Egrégio Tribunal até pouco tempo atrás.

Seus Ilustres Juizes e Secretários, mostraram serem não apenas exemplares profissionais, mas grandiosos Irmãos, Soldados benfazejos a proteger a lei e a verdade através de suas riquíssimas e respeitáveis Decisões, construindo, contudo, pontes de informações que

ligaram todos os jurisdicionados à Luz da Lei. A atenção pela orientação normativa proporcionada à população Gobiana, se tornou um grande diferencial a contribuir para a rápida e eficiente resposta judicial desejada pelas Lojas.

Tudo foi sendo repensado, recriado e renovado. Nenhum documento, procedimento ou expediente, ficou livre desta revolução que estando atenta à legalidade, atualizou, humanizou e modernizou a vida deste Órgão julgador.

Vieram as eleições, aliás, regulamentamos, gerimos e julgamos, todos os processos eleitorais para escolha de todos os cargos eletivos constantes do sistema eleitoral Gobiano, o que realizamos juntos e com maestria perante todas as Lojas Maçônicas jurisdicionadas. Nos deparamos com uma chuva de desafios e os Membros desta Egrégia Corte foram competentes, comprometidos e exemplares, se fundindo em trabalhos intensos, extensos e árduos, quase sempre nos levando às madrugadas de afazeres solitários.

Estes Ilustres Irmãos Juizes, assessorados pelos Irmãos Secretários, realizaram julgamentos plenários de forma digital, telepresencial, presencial, monocrática, colegiada, com antecipação de tutela ou não, buscando entender e acolher, tratando cada caso como único e especial, conversando pessoalmente de maneira humanizada e fraterna, com os representantes das Lojas Maçônicas jurisdicionadas, se conservando sempre pelos Princípios norteadores da Justiça Eleitoral, chegando a estabelecer contato pessoal com mais de 130 Veneráveis

Mestres Gobianos do Estado de Goiás, em menos de 48 horas. Outro grande feito, cito que não existiu nos últimos 02 anos qualquer recurso aos Tribunais Superiores, em contrariedade às nossas Decisões ou Atos.

O sentimento de orgulho e de gratidão, aumenta imensamente quando vejo no olhar sincero e nas atitudes de cada Ilustre Irmão Juiz Eleitoral e de cada Secretário, as expressões de imparcialidade e de impessoalidade, situações estas, que na condição de Presidente, alcei como garantia e segurança da estabilidade e da plena operacionalidade dos processos eleitorais.

Chegamos ao fim desta gestão sem nenhuma culpa ou remorso, sem nenhuma indisponibilidade ou indiferença mínima, dentre nós. Sinto-me incluído na completude do grupo dos guerreiros da boa nova, da esperança, da justiça, do trabalho honesto e dedicado, da total disponibilidade às causas da nossa Ordem Maçônica e do seu Povo, nosso Povo. Sinto-me vitorioso por ter tido a oportunidade de crescer e de aprender com cada um dos meus pares. O encorajamento e o conselho maduro, nunca me faltaram e eu sempre os valorizei como tesouros preciosos. Sinto Gratidão eterna por todos os “sins,” e confesso, os poucos “nãos” que surgiram, precederam valiosos conselhos e valiosas contribuições.

Houve pelos Membros desta Egrégia Corte uma decisão generalizada pela prosperidade e pelo sucesso, e eu estava junto. Recebam a minha Gratidão por isto. O Grande Arquiteto do Universo me foi deveras generoso. Os levarei comigo pelo resto da minha existência neste plano terreno. Estarei sempre de Pé e à Ordem, aguardando o momento de ser útil.

Este Ato de Reconhecimento exalta e formaliza para a posteridade do anais institucionais Maçônicos do Grande Oriente do Brasil, o comportamento exemplar e o trabalho fraterno, vitorioso, humano, honroso, honesto, competente e virtuoso, entregue à família Gobiana.



opinião

DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO BRASIL

João de França Barros | Cadeira nº 29

Com a chegada dos Europeus no Brasil durante a Idade Moderna, os nativos foram obrigados a trabalhar forçosamente para os colonizadores e privados de expressar sua cultura, língua e crenças, situação que, infelizmente, perdura na atual conjuntura brasileira, com limitação à prática da liberdade de expressão. Nesse sentido, há desafios a serem superados no que tange ao exercício do direito de liberdade expressiva no Brasil, causado primordialmente pelo não reconhecimento da alteridade e pela

existência tênue entre a liberdade de fala e o discurso do ódio. Sob essa ótica, é importante destacar que não reconhecer a alteridade de cada indivíduo é um dos desafios para exercer a liberdade de opinião no país. Nesse viés, a partir do significado da palavra “alteridade”: reconhecer as individualidades do outro”, torna-se imperativa a necessidade de compreender as diferentes opiniões de cada indivíduo. Entretanto, isso não é compreendido na esfera social atual, pois, apesar da diversidade de crenças,

religiões e opiniões, não há respeito e entendimento das diversidades e subjetividades dos indivíduos. Dessa forma, perpetuar estereótipos se torna comum, o que gera dificuldade na expressividade de parcelas estereotipadas. Além disso, há limitações na liberdade de fala que precisam ser respeitadas, uma vez que o discurso de ódio estabelece uma linha tênue com o tema. Sob o que foi dito, é prevista pela Constituição Federal o direito à liberdade de expressão. Nessa lógica, embora o aparato legislativo seja

sólido, a prática não é cumprida, visto que as ações e as falas dos indivíduos são dotadas de ofensas e noções pré-concebidas. A exemplo disso, há os discursos de “chat” nas redes sociais, que utilizando anonimato, propagam esse tipo de pensamento. Logo, esse direito de fala se torna um exercício distorcido pela realidade social existente. Portanto, cabe às escolas e às Academias, por meio de debates, impulsionarem alunos e acadêmicos a praticarem a alteridade, pois é necessário reconhecer as subjetivas opiniões de cada um, com o intuito de obter respeito recíproco, desmistificando certos estereótipos ou conceitos pré-concebidos. Ademais, a mídia, mediante a utilização de propagandas e campanhas nas redes sociais, deve impulsionar a população a exercer seu direito, tomando o cuidado para não macular determinados grupos ou indivíduos. Apenas dessa maneira, superaremos as raízes históricas da colonização brasileira.



artigo

TIRADENTES UM MAÇOM, AINDA QUE TARDIO – II

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 / Contribuição*

Mais uma conotação Maçônica, com o movimento, está na Sociedade Literária do Rio de Janeiro, entidade fundada pelo poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, na última década do século XVIII, com estatutos oficiais aprovados pelo Vide-Rei. Posteriormente, nos papéis sequestrados, ao Poeta Manuel Alvarenga, havia um rascunho de estatutos em que num dos itens exigiam-se “a boa fé e jurando absoluto segredo de modo que ninguém saiba do que se trata na Sociedade”. Tal documento foi interpretado como indício Maçônico. Nas atas, das sessões secretas, havia registros de que se lia com entusiasmo, livros e gazetas francesas que citavam a Sublime Ordem. Havia manuscritos, para colocação em vários pontos da cidade, nos quais se denunciava com veemência o despotismo de Portugal e se exaltava a França e a Liberdade. E não os atemoriza o malogro de outros movimentos. Com tudo isso vindo à tona, D. Maria I foi inexorável: Negou todos os pedidos de comutações de pena. Proclamou a sentença, como exemplo, para que ninguém mais ousasse afrontar o governo português.

A devassa, (devassa é o processo oficial da inconfidência), promoveu a acusação de 34 pessoas, que tiveram suas sentenças definidas em 19 de abril de 1792, com onze dos acusados condenados à

morte: Tiradentes, Francisco de Paula Freire de Andrade, José Álvares Maciel, Luís Vaz de Toledo Piza, Alvarenga Peixoto, Salvador do Amaral Gurgel, Domingos Barbosa, Francisco Oliveira Lopes, José Resende da Costa (pai), José Resende da Costa (filho) e Domingos de Abreu Vieira. Desses, apenas Tiradentes, que chamou para si toda a responsabilidade, foi executado; os demais tiveram a pena comutada para degredo perpétuo, por D. Maria I, e foram deportados para a África..

Na manhã de 21 de Abril de 1792, cercado pela tropa do governo, Tiradentes é conduzido pelas ruas do Rio de Janeiro, partindo da prisão até o patíbulo, que fora instalado no largo da Lampadosa. Tem a cabeça e a barba raspadas, coberto por um manto de confecção tosca, portando uma imagem de Cristo crucificado. Ao chegar no cadafalso, sobe calmamente os degraus, acompanhado do padre que lhe dava amparo espiritual, com orações e frases de reflexões, até a hora da morte. Em volta da cena, a multidão assistia com consternação. Já no patamar, Tiradentes se dirige ao carrasco e pede-lhe que abrevie o sofrimento. O carrasco pede perdão e diz que está apenas cumprindo a Lei. Todavia, tão logo o corpo ainda vivo projeta-se no vazio, o carrasco jogou-se sobre seus ombros, forçando seu

peso sobre o de Tiradentes para apressar sua morte. A mando da rainha D. Maria I e por ordem da Corte de Justiça da Coroa Portuguesa, depois da morte, com todos os requintes atrozes de perversidade, decapitaram-no cuja cabeça ficou espetada num poste de Vila Rica, e, o seu corpo em pedaços, foi espalhando pelas cidades vizinhas. D. Maria I acabou morrendo louca.

D. Maria (1734-1816), “A Louca”, afastou-se do trono em 1792 depois de sofrer um surto. Foi a primeira mulher a governar Portugal, a partir de 1777. Em nome dela, o regente Dom João comutou as penas de morte dos inconfidentes por degredo permanente, excetuando a de Tiradentes.

A origem da bandeira do Estado de Minas Gerais é outra história onde se procura dar, como prova, o envolvimento da Maçonaria na Inconfidência Mineira. A princípio, era um projeto para uma bandeira nacional e acabou sendo instituída como bandeira oficial do Estado de Minas Gerais. Foi baseada na bandeira dos inconfidentes e de onde foi copiada a frase LIBERTAS QUAE SERA TAMEN (Liberdade, ainda que tardia). Os que defendem essa teoria, dizem que bastaria contemplar

*Transcrição de texto de publicação: “Tiradentes um maçom, ainda que tardio”, de autoria de E. figureiredo.



a bandeira, fixando-se no seu triângulo, que estaria vendo a sagrada trindade da Maçonaria: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Há estudiosos Maçons que lembram que era uso em voga, naquela época, de se conceder o título de Maçom por comunicação com aval de uma Loja francesa. Não seria impossível, portanto, que Tiradentes tivesse recebido tal concessão, através de seus companheiros iniciados na França. Infelizmente, nunca foi encontrado esse possível registro. Assim como Abraham Lincoln foi eleito Maçom, sem ter sido, Tiradentes é assim considerado, pelos Maçons, face à sua figura ímpar e ímpoluta que ele foi e merece o heroísmo a ele atribuído! Por analogia, do que está inserido na bandeira de Minas Gerais, é possível inferir TIRADENTES, MAÇOM, AINDA QUE TARDIO..

tempo de estudo

QUEM É O FILHO DA VIÚVA? - II

Eduardo Souza | Colaborador

Trata-se de uma palavra composta das iniciais extraída de outras quatro palavras: Aleph, Beth, Iod e Vav, todas hebraicas. Abiv: A palavra “Aleph” se refere à primeira letra do alfabeto hebraico. Ela também é usada como um numeral para representar o valor numérico de 1. A palavra “Beth” se refere à segunda letra do alfabeto hebraico. Além disso, “Beth” também pode significar “casa” ou “morada”, quando usado como substantivo. Também pode ser utilizado como parte do nome de lugares ou como uma preposição, indicando movimento em direção a um lugar.

A palavra “Iod” se refere à décima letra do alfabeto hebraico. “Iod” é uma consoante e uma vogal dependendo do contexto. Além de sua função como letra, “Iod” também é usado como numeral para representar o valor numérico de 10. A palavra “Vav” se refere à sexta letra do alfabeto hebraico. “Vav” é uma consoante que muitas vezes carrega um som de “v” ou “u” dependendo do contexto. Também pode ser usada como uma conjunção “e” quando conecta palavras ou frases. Além de sua função como letra, “Vav” também é usada como um numeral para representar o valor numérico de 6. Nas tradições místicas e esotéricas, como a Cabala, “Vav” pode ter

significado e simbolismo específicos, geralmente associados à conexão e à ligação entre diferentes elementos.

Outra interpretação – A expressão “Filho da Viúva” é uma maneira de se referir a um mestre que está buscando conhecimento e sabedoria dentro da Ordem. Na Maçonaria, a figura da “Viúva” está ligada à ideia de busca por conhecimento e iluminação. Historicamente, viúvas muitas vezes eram vistas como pessoas que carregavam a dor da perda, mas também a busca por compreensão e aprofundamento espiritual. Pode estar relacionada à humanidade em busca da verdade espiritual e moral após a perda de um “marido” (simbolicamente, o conhecimento espiritual) e a necessidade de um guia ou mentor para alcançar essa compreensão mais profunda.

Penso que o termo “Filho da Viúva” é usado para representar aqueles que buscam a verdade, a sabedoria e a evolução espiritual por meio dos ensinamentos maçônicos, o mestre que busca a Luz, o conhecimento, a sabedoria.

No contexto Maçônico, os membros são encorajados a se verem como “Filhos da Viúva”, ou seja, como “buscadores” de sabedoria e verdades, comprometidos com o desenvolvimento pessoal e moral. A expressão também lembra os mestres de sua responsabilidade em auxiliar e apoiar aqueles que estão em busca de conhecimento e crescimento espiritual.

É importante ressaltar que a interpretação de símbolos maçônicos pode variar ligeiramente entre os Irmãos, mas a ideia fundamental de “Filho da Viúva” como um símbolo de busca espiritual e compromisso moral é compartilhada na instituição.

A figura da “Viúva” é uma alusão à Grande Loja Mãe, que é considerada a fonte de toda a Maçonaria. O “Filho” é o candidato que busca entrar na instituição e receber os ensinamentos Maçônicos. O “Filho da Viúva” é um símbolo de proteção e assistência aos membros da comunidade.

O “Filho da Viúva” pode ser o irmão que busca a verdade e a sabedoria. Ele é incentivado a buscar o conhecimento e crescer como pessoa. O termo reflete a jornada pessoal do Maçom em busca de auto aperfeiçoamento, crescimento espiritual e a compreensão mais profunda dos mistérios da vida e da existência. Hiram Abif é retratado na Maçonaria como um habilidoso mestre construtor encarregado da construção do Templo de Salomão. Sua importância transcende a mera construção física do templo e se estende ao simbolismo profundo e à mensagem ética e espiritual que a Maçonaria deseja transmitir.

Trata-se de um arquétipo do ser humano em busca de aperfeiçoamento moral e espiritual. Sua determinação em manter os segredos e princípios da Maçonaria reflete a busca pelo conhecimento e pela verdade interior, bem como a luta contra as tentações e adversidades que surgem ao longo dessa jornada.

Na verdade, para a Maçonaria, o nome Hiram, Hiram Abif é o representante abstrato da ideia de um homem trabalhando no Templo da humanidade, cavando masmorras ao vício e construindo templos à virtude, onde Hiram é o protótipo do maçom ideal. Contento-me em nominá-lo “O Arquiteto”, o pedreiro que auxiliou na construção do Templo de Salomão. Repousemos.



crônica

O BOM DISCÍPULO

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

Uma multidão de passos, gestos, olhares e odores se misturavam na pequena comunidade. Ali, conviviam não mais do que cinquenta almas, todas reunidas pelas mãos do destino e alinhadas pela aritmética do porvir. Tudo acontecia em silêncio. Práticas antigas sustentavam aquela tradição. Viver no ritmo da respiração. Respeitar os fluxos

da natureza. Obedecer os sussurros da existência. Todos faziam de tudo, mas cada um protagonizava o seu dever. O dia de ontem não prevalecia e ao dia de amanhã só era permitido o hoje.

Dois jovens se destacavam entre os demais. O primeiro seguia o mestre a todos os lugares, imitando sua conduta, repetindo suas sentenças e lutando para

adivinhar os seus desejos. O segundo, apesar de presente, por vezes, se distraía encantado pela prodigalidade do movimento das coisas e as surpresas do instante seguinte. Já havia sido chamado de néscio e até mesmo questionado sobre o seu pertencimento àquele agrupamento.

De repente, o mestre não apareceu. Simplesmente não acordou. Uma grande desolação tomou conta da sanga. Não obstante a dor, o cotidiano não se alterou, o rio seguia o seu curso, as águas passavam, era tudo como sempre e nada como antes... No entanto, a ausência do mestre fez descarrilar o centro do discípulo aplicado. Ele perdera o espelho, também o eco. Tropeçava em si mesmo, indeciso

e confuso, recusava-se a fazer escolhas. Começou a definir, murchando lentamente, até quedar-se enfermo, imobilizado numa cama.

O outro discípulo, que também amava o mestre, trouxe o mentor para os seus devaneios, conversava com ele em breves meditações e ao contemplar o horizonte, lembrava-se do seu olhar e do seu sorriso. Como de costume, tudo prosseguia. O primeiro discípulo foi se recuperando devagar, sendo obrigado a conviver com algumas mazelas, oriundas do seu alongado período de inércia. O outro discípulo aproximara-se do primeiro, tornando-se um grande amigo, trazendo alegria e zelo para o seu recomeço.



opinião

A (DES) IGUALDADE NOS COSTUMES PREDOMINANTES

Flávio Roldão | Cadeira nº 11

A desigualdade experienciada no seio da sociedade é multifacetada, ancorada em distinções encapsuladas em estigmas atrelados à raça, ao gênero, ao credo, às convicções políticas, à posição social, entre outros.

A ativação e fixação dos princípios da igualdade devem ser

precedidas pela apreensão das diferenças que compõem as identidades dos distintos atores sociais e o seu contexto, no tempo e no espaço, visto que a raiz da humanidade é plural e histórica.

Notadamente, há o agrupamento entre aqueles que compartilham pautas comuns, seja para superar

diferenciações, ressignificar seus espaços de fala, manter o status quo e o modus operandi, tudo em atenção às intenções que de fato estão incutidas no impulso da busca pela conexão com aqueles tantos "outros".

Lamentáveis e variadas são as ocorrências desastrosas nas quais as desigualdades constituem gatilhos explicativos para os conflitos e as tensões sociais, polarizando "democraticamente" as partes do todo em subgrupos (maioria versus minoria).

Não por menos, tais acontecimentos tendem a perpetuar e a naturalizar ainda mais os estigmas, sufocando silenciosamente

as minorias em seu cotidiano, as quais, neste prisma, restam usufruir os poucos espaços deixados pela maioria, cristalizando a neutralização do protagonismo dos ditos inviabilizados e/ou invisibilizados no palco social.

Por fim, a gênese da sociedade é constituída por signos e significados que impulsionam historicamente as relações sociais, cerzindo sua natureza e qualidade à luz dos costumes predominantes; razão pela qual necessário se faz que aqueles devam conduzir seus atores a um congraçamento social empático e fraterno, sob o esteio da paz, da harmonia e da concórdia, desapegando do "eu", em prol do "nós".



artigo

A HARMONIA MAÇÔNICA E OS ENSINAMENTOS DOS MESTRES

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

O pensamento emitido ao moldar uma idéia em palavras é criativo, e significa que ao pensar o ser humano estará criando. O resultado dessa forma de pensamento criativo se propaga e se manifesta em forma material. Com isto o objetivo que se espera alcançar via ensinamentos maçônicos é o desejo de conscientizar os irmãos da necessidade de se fazer algo no sentido de minimizar os sérios problemas que afligem a sociedade nos dias atuais.

É notório e comum os noticiários que relatam momentos de violência cada vez mais crescente e capaz de deixar atônito qualquer cidadão. Violência de homens contra homens, mulheres, crianças, velhos, doentes e indefesos. Os maçons, comparados aos membros das demais organizações sociais, religiosas e associativas são relativamente poucos, entretanto, unidos em pensamento, poderá se constituir em um grupo representativo, como fizera os antepassados da ordem, capaz de buscar a iluminação e os mecanismos para coibir tais malefícências.

Na verdade, todo o mal que existe é fruto de atração pelo próprio homem que se afasta dos princípios da verdade emanados dos ensinamentos. Desta maneira é obrigação de qualquer maçom participar de forma efetiva na luta contra os desequilíbrios que afrontam a sociedade. Em geral, as pessoas são levadas a refletir e às vezes pensar e até atribuir à tecnologia os males

econômicos e sociais, fazendo de forma simplista, alusões e citando que o desemprego e os conflitos gerados nas diversas classes sociais e a restrição da iniciativa dos indivíduos advêm dos avanços gerados pelo capitalismo moderno ou por outros sistemas econômicos ou políticos.

Deste pressuposto, é simples imaginar partindo da existência da máquina, definir suas vantagens e desvantagens, e se concluir que a eficiência de suas ações depende de que todo o mecanismo seja regulado para que as operações sejam realizadas em harmonia, caso isto não aconteça, a máquina irá apresentar em pouco tempo, desequilíbrio. Partindo desta idéia, presume-se que toda a existência no universo tem um propósito e constitui causa de alguma coisa, e algumas coisas são causas constantes e imediatas, enquanto outras são causas retardada e progressiva.

A ação política na maçonaria é revestida de idealismo, e se constitui em uma ação para todos, para a instituição e para o país... é renúncia de si em prol do útil, do ético e do solidário para todos. É dever do Maçom, como obreiro da arte real, buscar a reflexão e irradiar Paz, Amor, Harmonia e bondade. E assim fazendo estará impulsionando com mais intensidade a energia que age sempre, e que necessita de sustentáculos no plano da matéria para expandir-se, agir e tornar-se visível nos atos e pensamentos.

O homem, no seu instinto, sente intuitivamente um desejo por ordem e detesta o caos e a desordem. Sente uma grande satisfação interior quando as coisas estão devidamente organizadas, já que sistema e ordem criam a harmonia que é valiosa para qualquer comunidade, por deliberar sentimentos de liberdade, igualdade e fraternidade, que constituem a espinha dorsal da sociedade, e tornam a vida mais feliz para as pessoas. São constantes na linha de esforço e para ela, todos estão comprometidos.

No meio maçônico, a manutenção da harmonia, vem de encontro com os ensinamentos dos mestres, e segundo o Buda os procedimentos que todos devem buscar para mante-la são: "sinceridade no falar; sinceridade e gentileza nas atitudes; sinceridade e simpatia de espírito; divisão equitativa dos bens comuns; seguimento dos mesmos preceitos de pureza; e adoção dos mesmos conceitos de perfeição".

Na leitura desses ensinamentos depreende-se que os procedimentos para se chegar aos princípios emanados pela Arte real é que: "seus membros devem reunir-se frequentemente para ouvir e discutir os ensinamentos; devem associar-se livremente e respeitar uns aos outros; devem reverenciar o ensinamento, respeitar os regulamentos e não modificá-los; os membros antigos e novos devem tratar-se com cortesia; devem caracterizar sua personalidade pela sinceridade e reverência; devem purificar suas mentes no interior dos templos; devem amar as pessoas, tratar os visitantes cordialmente e consolar os doentes com bondade".

Nas citações de Tucídides, nos escritos gregos, ele afirma que "Com a nossa ousadia, tornamos todo o mar e toda a terra acessíveis." É desta forma que a Maçonaria sobreviveu, sobrevive e sobreviverá para o futuro, mas antes de tudo deve continuar sendo fraterna e harmônica.



artigo

A ARTE E A CULTURA NOS CONTEXTOS DA FORMAÇÃO HUMANA

Antonísio Siqueira Borges | Colaborador

Podemos definir cultura como um conjunto de todo ser e fazer humano em uma sociedade, em um determinado período. Ela é ainda a expressão coletiva do homem no contexto social em que atua e estabelece suas relações pela sua linguagem, como música, dança, moda, artes, alimentação, comportamentos e tradições. Dentre os principais elementos que compõem a cultura, podemos destacar: o *conhecimento*, que são as informações que as pessoas vão acumulando e transmitindo entre si, formando um conjunto de saberes que passam de geração a geração. As *crenças*, ou seja, aquilo em que se acredita através da imaginação, tais como histórias folclóricas, poderes do além, a fé religiosa. Os *valores*, formados por princípios e padrões que orientam o comportamento das pessoas para facilitar seu convívio. Os *símbolos*, que são representações físicas ou sensoriais às quais o homem estabelece significado; exemplos de representações físicas: uma bandeira pode significar o patriotismo, uma imagem pode significar devoção a uma entidade espiritual, etc.; exemplo de representação sensorial: um ritual com as mãos pode representar um sinal de respeito a uma hierarquia (continência militar), uma devoção religiosa (nome do pai, saudação islâmica, etc.). Temos ainda como elementos da cultura, os *usos e costumes*, que são padrões de comportamento reconhecidos e aceitos pelo grupo social de um mesmo país, estado ou região.

MANIFESTAÇÃO CULTURAL

A cultura pode se manifestar de diversas maneiras, pois ela é complexa e dinâmica e pode ser: **Cultura erudita** – é a cultura aprendida nos ambientes formais da educação. É produzida através de estudos e pesquisas; **Cultura popular** – a cultura popular é coletiva, marcada pelo anonimato e expressa em forma artística como dança, credence e costumes gerais. Ela é a soma dos valores tradicionais de um povo; **Cultura de massa**

– é a cultura produzida e/ou transmitida pelos grandes veículos de comunicação como televisão, internet e com uso de imensos instrumentos de produção de shows. É uma cultura extremamente comercial e que afeta o comportamento humano com pouca preocupação com os padrões morais e éticos.

ARTE

A arte é criação humana, A palavra vem do latim *ars* e corresponde ao termo grego *techne*, técnica. Em sentido lato, significa habilidade, destreza, agilidade. Ela pode ser definida como a imitação da natureza pelo homem e exprime os sentimentos e emoção do artista, ao tempo que provoca emoções estéticas nas pessoas.

A arte é representada de várias maneiras, tais como: arquitetura, escultura, teatro, música, dança, gastronomia, etc, e é percebida pelos nossos sentidos, no olhar, ouvir, tocar, pelo olfato, paladar. A arte é percebida e sentida.

Ao contemplar uma obra de arte, é importante descobrir os elementos que a determinam o pensamento, a imaginação, o sentimento do artista e as circunstâncias da época, do lugar e do ambiente em que o artista viveu. Toda manifestação artística foi feita: Em algum momento – conjuntura histórica; Por alguém – artista com predileções pessoais e culturais; Em algum lugar – com as devidas circunstâncias temporais, clima, disponibilidade de elementos e materiais.

Vemos então que a arte depende da cultura para se expressar, ao mesmo tempo em que é um agente de transformação cultural. A cultura indica tanto a produção artística quanto o modo de vida, o conjunto de saberes, a religião e outras expressões de um povo. Entretanto, a cultura de massas com a intenção de transcender distinções sociais, étnicas, sexuais, etárias, etc., transforma a arte em produto para o consumo, como sendo um produto de supermercado, não se

preocupando em como ela vai atuar na formação humana em seus valores éticos e morais.

A MAÇONARIA E A ARTE

“Todo maçom aprende sobre a importância das sete artes e ciências nas quais deve ser instruído: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia”. (Stephen Dafoe)

Começando com essa magnífica frase, podemos afirmar que a maçonaria é arte pura. Sem querer adentrar na excelência da Arte Real, na qual o aprendiz e o companheiro já começam a trabalhar a pedra compreendendo que o aperfeiçoamento da pedra é o aperfeiçoamento de si mesmo, a intenção nesse artigo é propor uma reflexão à maçonaria, a respeito do caminho que segue a arte e a cultura no mundo profano.

A cultura erudita está quase totalmente ignorada, a cultura popular, especialmente na expressão da música e dança, está deixando de expressar os valores tradicionais do povo e vemos surgir uma nova cultura de massa com roupagem de popular, com performances e linguagens corporais agressivas e linguagens de baixo calão, trazendo uma formação duvidosa na construção dos valores de nosso povo, com artistas em busca de fama, o que descaracteriza o anonimato da cultura popular. Para se produzir cultura popular hoje os autênticos fazedores das artes enfrentam dificuldades, pois não têm mais o apoio dos órgãos públicos, dos setores culturais como outrora, fato que ocasionam a penetração dos “comerciantes de shows”, os chamados empresários, que descaracterizam toda ação artística e cultural de um projeto, transformando-o em arte de comércio. Aparentemente essa realidade é atrativa, pois gera fatores econômicos com grandes cifras e abrangências diversas. Mas, se não bastasse o avanço da cultura das redes sociais, das artes virtuais, estamos formando uma humanidade insensível aos sentimentos, às emoções e de pensamento castro.

Como maçons, somos observadores; observamos pessoas com o intuito de trazê-las à ordem. Observamos sua família, seus hábitos, seus relacionamentos, suas condutas, mas estamos deixando de observar a realidade cultural de nossa sociedade. Vamos nos adaptando às novidades e elas vão se incorporando aos nossos comportamentos. Fiquemos atentos, pois mudanças equivocadas podem tornar mais difícil a nossa vida.



opinião

POEMA REGIUS, A PRIMEIRA DAS “OLD CHARGES”

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

Toda instituição precisa entender e saber sua história, de onde veio, como foi formada e como chegou até o estágio atual. Sabemos que a maçonaria moderna, chamada de especulativa, deriva de outra mais antiga, chamada de operativa. Esta maçonaria operativa era formada por mestres na arte da construção, sobretudo de catedrais e palácios durante a idade média. Com o intuito de proteger os “segredos” da arte da construção, esses maçons começaram a se associar em grupos ou corporações, denominadas de Guildas. Essas Guildas eram o que seria hoje os sindicatos, isto é, grupo de pessoas com a mesma profissão que se associavam para defender seus interesses.

Como toda instituição tem suas normas, leis e regulamentos, essas Guildas também foram se organizando com o passar dos tempos, foram desenvolvendo métodos para novos profissionais, formas de proteger seus conhecimentos e “ritos” de trabalho e ensino.

Os documentos mais antigos que serviam de base para essas Guildas ficaram conhecidos e chegaram até nós com o nome de OLD CHARGES, que numa tradução mais livre e adequada seriam as VELHAS REGRAS OU VELHAS ORDENANÇAS. Nessas OLD CHARGES estariam descritas a história do surgimento da geometria e outras antigas ciências, e como os antigos “freemasons” (pedreiros livres) deveriam se comportar e agir.

A mais antiga das OLD CHARGES é o Poema ou Manuscrito Regius. Ele foi escrito no ano de 1390, isto é, em plena idade média onde a arte da construção estava em ampla atividade. Trata-se de um poema rimado escrito em Inglês Médio, constituído de 64 páginas que começa contando como surgiu a geometria com Euclides de Alexandria e como ela a chamou de maçonaria, depois como o ofício da construção baseada na geometria chegou a Inglaterra no governo do Rei Etelstano (924 a 936), e depois descreve os códigos de conduta

moral e social que os maçons associados deveriam ter para permanecer na instituição, e ainda descreve como seriam punidos aqueles que não seguissem as normas ali descritas.

No final descreve a história dos Quatros Mártires Coroados (Quatuor Coronati), uma série de aforismos morais, finalizando com uma bênção.

Não existe consenso sobre o autor desse poema, no entanto ele recebe também o nome de Manuscrito de Halliwell, pois ele foi apresentado numa reunião da Royal Society em 1838 por James Halliwell, que não era maçom e descreveu a importância do Poema para as antigas corporações de maçons operativos.

Segue a seguir alguns trechos do Poema Regius:

“Quem no alfabeto encontre um amigo Lerá escrito assim num livro antigo Relatos de senhoras e senhores Que tinham muitos filhos e temores Pois nada herdaram e a nada como renda Faziam jus no bosque ou na fazenda. Realizaram encontros em concílios Elaborando o porvir desses filhos De como bem cuidar de suas vidas Sem inquietudes, males nem corridas E a prole desses filhos bem pudesse Ganhar a vida como uma benesse. Mandaram vir notáveis instrutores Para ensinar-lhes quantos bons labores;” (introdução)

Reza o primeiro artigo que o sábio Mestre pedreiro deve certamente Ser

confiável, leal e verdadeiro. Deveis pagar a cada companheiro O preço justo – evitai pesares – Dos mantimentos ditos regulares. Por vossa fé pagai-lhes bem, de facto O que merecem, segundo o contrato. E contratai apenas o pessoal Que bem julgardes ser essencial. Ficai ao largo do suborno brando Do amor ou mesmo do pavor infando Do companheiro ou vindo do senhor,

De outra fonte, seja lá quem for. E como um juiz ficai de frente erecta. A rectidão que seja a vossa meta. Por toda a parte havereis respeito E abundante aplauso e proveito. (Artigo primeiro)

Sendo assim, temos esse extenso documento como sendo a primeira Regra Antiga da maçonaria operativa, que depois da transmutação para maçonaria especulativa foi essencial para normatizar os novos moldes da instituição e, enfim, chegarmos ao que somos hoje, ou seja, não mais cortadores de pedras e construtores de catedrais, mas lapidadores de caráter para a construção de uma sociedade mais justa e com mais igualdade, liberdade e fraternidade, construtores morais de nós para um mundo melhor.

“A história é testemunha dos séculos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado.”
Cícero

Se quiser ler o poema inteiro acesse: <https://www.freemason.pt/poema-regius-ou-o-manuscrito-de-halliwell/>



ciência & saúde

DORES LOMBARES

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Hoje vamos falar sobre as dores no joelho. Esta dor que a muitos incomodam e as vezes até limita os afazeres diários. Como profissional de educação física especialista em reabilitação esportiva, tenho hoje uma grande atenção sobre esta articulação monoaxial e de suma importância para o corpo humano no nosso deslocamento e também na absorção de impactos.

A dor no joelho é um dos maiores problemas relatados pelas pessoas que necessitam de alguma forma ficar muito tempo de pé ou esportistas ou não, que utilizam essa articulação para absorção de impactos em suas atividades. Suas principais causas são as sobrecargas, inflamações e lesões articulares, podendo até estas três causas estejam presentes juntas. Temos inúmeros músculos inseridos nesta articulação. Pode-se observar uma dor que dura apenas três dias sendo apenas um desconforto muscular ou pode-se observar uma lesão mais séria que pode durar dias, mas lembrando se a dor for

muito intensa e de duração de vários dias, deve-se procurar um médico com urgência.

Ao sinais prologados de dor devemos procurar um médico para uma avaliação e diagnóstico específico, e é de suma importância o esse diagnóstico para o tratamento ou reforço específico muscular. Um trabalho para reforçar a musculatura não deve ser apenas quando o joelho está doendo mas uma prevenção e é sempre a melhor ação que o irmão pode fazer, procurando sempre um bom profissional de educação física. Quando um paciente ou aluno reclama desta dor eu sempre busco avaliar o movimento do corpo e treinar alguns músculos para que através do movimento possamos sanar a dor.

Um das situações que mais acontece por exemplo é o idoso; doenças como artrose e a artrite, doenças essas causadas pelo desgaste da cartilagem do joelho, leva a alterações de todos os tecidos da articulação e consequentemente a inflamação. É muito comum

em pessoas idosas, ou em pessoas mais jovens com lesões prévias do joelho. Um dos melhores tratamentos que podemos dar são as manutenções dos movimentos respeitando os ângulos e graus que o joelho pode apresentar, preservando assim as articulações.

Alguns erros no treinamento podem ocorrer quando não observamos algumas situações que podem levar à sobrecarga das articular devido a erros de técnica no gesto esportivo, planejamento de volume de treinamento, equilíbrio entre treinos físicos, de técnica, e do esporte. Um bom profissional de educação física pode avaliar e prever esta situação e usar a condução adequada desses casos. Outro fator, são as lesões ligamentares que podem resultar em articulação instável, levando a dor, sensação de instabilidade e lesões de outras estruturas. Enfim quando temos uma equipe multidisciplinar para minimizar estas situações e tratá-las trazendo de volta o equilíbrio muscular, a estabilidade e força, o paciente estará recuperado podendo até mesmo voltar a treinar e executar suas atividades cotidianas normalmente como foi o caso mais recente do Bruno Henrique jogador do Flamengo que rompeu todos os ligamentos do joelho e após praticamente um ano está com suas atividades normais.



opinião

O USO DO TELEFONE CELULAR EM REUNIÃO RITUALÍSTICA: UM NOVO MODISMO

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Quando fui iniciado há mais de 57 anos atrás, no Rito Escocês Antigo e Aceito, era proibido aprendiz maçom se manifestar, ou seja, o neófito era obrigado a exercitar a arte do silêncio no decorrer do seu período de aprendizado. Em Loja era a própria figura da coruja, só prestava a máxima atenção aos movimentos do Irmão Mestre de Cerimônias e nas falas do Venerável Mestre e demais oficiais.

Os tempos mudaram e não sei se foi para melhor. Ainda bem que no Rito Adonhiramita os aprendizes maçons continuam sem ter direito ao uso de sua fala. Mesmo indo na contra mão do pensamento dos maçons mais modernos, que advogam o direito do aprendiz se manifestar em qualquer assunto tratado em reunião na qual ele participe.

Muitas são as justificativas para o uso da palavra pelo aprendiz maçom em reuniões ordinárias, magnas, etc. Mas, com todo o respeito pelos que patrocinam esta modernidade e que sou obrigado a respeitar, até porque nossas próprias autoridades assim permitem, ainda me causa espécie quando assisto a manifestação de um Aprendiz e pasmem você, já assisti aprendiz maçom se manifestar criticando mestre maçom, tal é a liberdade de expressão que lhe foi concedida.

E neste rítimo de liberdade já existem diversas manifestações em prol do direito de voto para o aprendiz maçom, embora

por enquanto este pensamento esteja no campo das probabilidades. Mas, partindo do princípio de que já foi dado o direito ao aprendiz de se manifestar sobre qualquer assunto tratado em reuniões no grau de aprendiz, nada mais justo que ele tenha o direito de votar, de apoiar publicamente o candidato de sua preferência, de participar de campanhas eleitorais para eleger seus líderes. É de exercer cargos administrativos que tenham assento no Oriente do Templo.

Há sem sombra de dúvidas um desejo de mais liberalidades em nossas reuniões maçônicas, como por exemplo o uso do Balandrau que já é antigo e é permitido em reuniões ordinárias, embora já se tem visto irmãos de balandrau em sessões magnas, por excesso de tolerância de alguns veneráveis mestres, que por falta de conhecimento não vêem inconveniente nenhum.

Outra liberalidade que surgiu a poucos anos, é o uso do aparelho celular no decorrer de reuniões ritualísticas maçônicas, quer ordinárias quer magnas, particularmente por autoridades maçônicas que tomam assento no trono de Salomão e no Oriente do Templo. Para mim um péssimo exemplo para nossos irmãos aprendizes, companheiros e mestres, do qual também me penitencio, porque já cometi este desatino ritualístico e mais de uma vez, embora disfarçadamente.

Também neste sentido, existem aqueles que advogam esta liberalidade, a partir do

Membro fundador da Academia Cearense de Literatura Popular, e correspondente das Academias Maçônicas de Letras da Bahia e de Mogi das Cruzes

Mestre de Cerimônia, que no Átrio, antes do ingresso no Templo, recomenda que todos os presentes coloquem os seus celulares no modo silencioso. Ou seja, em outras palavras, traduzindo esta recomendação, todos estão autorizados a usarem o celular no decorrer da sessão, desde que o usem silenciosamente.

Contudo, a meu ver o uso do celular no decorrer de sessões maçônicas deve ser terminantemente proibido, principalmente se tais eventos ocorrerem dentro de um templo maçônico, devidamente consagrado para reuniões ritualísticas.

Isto porque, são momentos que devem exigir a máxima concentração espiritual. E o uso do celular, seja por quem for quebra totalmente a egrégora e a espiritualidade do momento. Ou seja, quando um irmão faz uso do seu celular para ver e postar mensagens numa reunião ritualística, com certeza ele desviou totalmente a sua atenção e seus pensamentos do local onde se encontra. Além do exemplo que pode ser seguido pelos demais obreiros.

Em síntese, o uso do aparelho celular em reuniões maçônicas, principalmente por nossas autoridades pode ser um silencioso motivo de desânimo por parte de alguns obreiros, notadamente os aprendizes e companheiros, que estão sendo preparados e orientados quanto a sublimidade das reuniões esotéricas em sua Oficina de trabalho.

galeria poética

**DOS MOMENTOS**

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

Seu modo de Vida
Tão simples é
Quando for nutrida
Apenas da Fé
Que o Dia foi feito
De seus Instantes
Para seu proveito
De um Total
A tornar bastante
O que Ideal
Puder de se aproveitar
E a não se deixar perder
Nenhum do seu Tempo
Os Momentos de usar...
A começar, Por Exemplo
O de Agora, vamos ver?

QUARTETO DA PAIXÃO CALADA

João P.S. Santana | Colaboração

*À um alguém que ama, calado, lácio, triste,
receoso de seu amor e sua existência*

Sinto, amor, o constante tédio
Daquele que tem, por viver, o ócio.
Mas, reverbera em meu pesar o lácio
Andar e trajar do teu corpo: um código.

Quero, musa, ver-te ao claro,
Para solucionar o mistério do teu ódio
Por ser objeto de incansável amar;
Que um dia veja e sinta meu apreço: platônico, calado.

Se em teus alvos braços não me encontro,
Melhor seria por eles ser torturado;
Unindo em um só momento a consequência e o objeto,
A dor de não ter-te como amante, como amor: de fato.

Em minha voz não há força ao todo,
Em meu vocabulário não há palavras, sinto-me tolo
Ao tentar verbalizar aquilo que é essencial ao corpo:
Meu amor, teus olhos, tua face, tu, ao todo.

**O QUE
VIESTE FAZER**

Adilson Zotovici
Colaborador

O que vieste livre pedreiro
Contemplado com tal tesouro
Fazeres no probo canteiro
Essa a pergunta de ouro

Da tua resposta obreiro
Que posta enfim, desde calouro
Definirás o teu roteiro
Fugirás assim, dum desdouro

Pelo progresso duradouro
Estudares o tempo inteiro
Eis o processo alvissareiro

E Mestre, levar por derradeiro
Conhecimento imorredouro
Que o intento, ao irmão vindouro !

QUE COR É O AMOR?

Valéria Ribeiro | Colaboração

Já fui pintada de tantas cores

Pintei-me
Desbotei
Errei
Amei

As cores eram como flores
Cheias de amores

Amores que se derramavam fortemente
Deixando sua marca
Borrava
Impregnava

Amores sutis que mal se mostravam
– desbotavam

Sempre havia uma imagem, uma
mensagem:

No tempo, há uma passagem
E uma saudade ...
Coragem!

**CONQUISTADO**

Getúlio Targino Lima

Cadeira nº 13

Depositei meus beijos em teu colo
Trescalante do odor de raras flores,
E, desde então, em sonho, sempre imploro
O dom de renascer, embora as dores.

Nas lembranças de ti, sempre consolo
O meu anonimato nos amores.
E teus olhos, teu jeito são o polo
Oposto do que foste, se tu fores.

Aí eu me pergunto: no infinito
Há pétalas macias quais o mito
Do encanto que se prende no teu rosto?

E, se houver, no passado ou no futuro,
De joelhos te digo, prego e juro:
Em meu querer, ninguém terá teu posto.



EXPLOSÃO TÉRMICA

Anderson Lima da Silveira

Cadeira nº 02 / Edição Lara Satler)

Faz calor...
 Vejo meu corpo delir
 Não encontro lugar...
 Narinas esturricadas
 Olhos ressecados
 Sobrancelhas abrasadas
 Mãos calcinadas
 Pés tórridos.
 Minha sombra se despedaça,
 derretida em poças sulfurosas do meu suor.
 Me vejo numa armadilha,
 uma cilada mortal.
 Emboscados por nós mesmos,
 padecemos num lento estado terminal...
 E agora?
 Para onde fugir?
 A quem recorrer?
 Refêns em nossas próprias casas, pedimos socorro,
 socorro, socorro...
 Me lembro das pessoas que batiam às nossas portas
 e pediam um copo d'água...
 Não era o tempo o vilão!
 Doravante, a palavra-chave é sobrevivência.



REVELAÇÃO

Aidenor Aires

Cadeira nº 03

É como a morte. É como a noite.
 O silêncio como a morte
 flui num gesto sempiterno.
 Minha mão é meu cajado e cetro.
 Com minha mão eu cavo a minha tumba,
 com minha mão eu planto a flor amarga
 e no fluir frio da morte
 existo: um instante agudo:
 esta revelação.



MÃOS CONTRÁRIAS

Antônio Victor | Colaborador

Minhas mãos não nasceram
 para as palavras, mas para as
 ações pesadas que tantas vezes
 dispensam o tão inútil pensar.
 Minhas mãos em sua essência
 são mãos ásperas, agrestes,
 que de rugas se revestem na
 perpetuação do tempo.
 Minhas mãos nasceram para
 amansar cavalos e segurar bois.
 Procuram, no entanto, amansar
 as palavras e em vão tentam
 dominá-las.
 Nasceram as minhas mãos para
 as tetas da vaca
 e a feitura do queijo. E espremem
 e apertam e buscam extrair o
 leite das palavras.
 Estas mãos nasceram para
 derrubar madeira,
 para rachar lenha, para bater
 estaca,
 esticar o arame, levantar cercas.
 Mas lutam com as palavras,
 dividem as palavras, puxam as

palavras e acabam erguendo
 cercas entre elas e as palavras.
 Minhas mãos nasceram para
 laçar o gado e tentam laçar
 as palavras. Nasceram para o
 cultivo da terra e tentam trabalhar
 as palavras.
 Nasceram para cortar a cana e
 tentam moer as palavras.
 Nasceram para construir açudes
 e tentam represar as palavras.
 Minhas mãos nasceram para
 abrir buracos
 E tentam tanger estrelas.
 Minhas mãos vivem escravas
 de um ofício forçado para o qual
 não foram feitas.
 Minhas mãos vivem escravas
 do verbo e da palavra, porque
 nasceram para os calos e para o
 braço da enxada.
 É por isso – tenho certeza – que
 minhas mãos, sempre presas,
 nunca conseguiram nada.



CHEGOU O NATAL

Castro Filho

Cadeira nº 14

Bom dia, já é Natal!
 Alegres, vamos cantar.
 Para afastar todo o mal,
 Jesus queremos saudar.

Porém, mais que exigência,
 Impõe uma condição:
 Ter com todos paciência,
 Sem lhes negar o perdão.

Chegou o Pai da clemência,
 Vem para extirpar do mundo
 O terror, a violência,
 Que causam pavor profundo.

Se todos fizermos isto
 – E qualquer um é capaz -
 Fortalecidos por Cristo,
 Construiremos a paz.



artigo

“UMA VEZ MAÇOM, SEMPRE MAÇOM”

Adegmar José Ferreira | Cadeira nº 21

A maçonaria no Brasil e particularmente em Goiás, tem sido um celeiro de grandes homens desse naipe, são (**pedreiros livres**), virtuosos e por conseguinte, portadores de todos os atributos de **homem bom**, e muito mais. São profícuos construtores de Templos, construtores de Palácios e porque não dizer construtores de grandes Catedrais.

Mário Marinho de Carvalho Behring, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, sempre estiveram em posição de destaque, nacional e internacional, à frente das grandes obras maçônicas, a exemplo da criação do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil e da respeitável Potência Maçônica que é a Grande Loja.

Nessa mesma direção, podemos afirmar que, Lafayette Teixeira França, José Viana Alves e o nosso Soberano Grande Comendador de Honra e Soberano Grande Inspetor Litúrgico Licínio Leal Barbosa, membro efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, são exemplos destacados em Goiás e em todo país. São reconhecidos por todos nós, verdadeiros homens de ação, homens cultos que lideraram, planejaram, ensinaram e fizeram acontecer.

Enfim, são eles, maçons construtores de catedrais do bem, catedrais do amor, da justiça, da paz e do equilíbrio, próprios dos **“Pedreiros Livres”**, ou seja, verdadeiros **“ANJOS CONSTRUTORES DO BEM”** e disseminadores da paz e da felicidade humanas.

Lafayette Teixeira França, foi o Primeiro Soberano Grande Inspetor Litúrgico em Goiás, sucedido pelo Irmão José Viana Alves, e este, por sua vez, sucedido pelo poderoso irmão Licínio Leal Barbosa. Este, que é piauiense natural de Bom Jesus do Gurgueia, mas, goiano de alma e coração.

O Irmão Licínio é sem dúvida, o exemplo vivo do grande construtor e genuíno **“Pedreiro Livre”**, simbólica e filosoficamente, levantador de templos à virtude, construtor de pontes, palácios e catedrais, no Brasil e particularmente em Goiás, tal qual Lafayette Teixeira França, José Viana Alves e muitos outros irmãos ilustres da envergadura do inesquecível Manoel Guilhermino dos Santos, idealizador e fundador da nossa Sereníssima Grande Loja, que sabiamente, ao completar seus 70 anos de fundação, numa feliz iniciativa do jovem e dinâmico Grão Mestre Tito Souza do Amaral, o homenageou em Sessão de Gala, com a implantação de seu busto bem na entrada do Palácio Maçônico da GLEG. Justa, justíssima a homenagem!

Muitos desses operosos maçons estão entre nós. Outros, cumpriram com denodo e retidão sua função terrena e hoje estão no Oriente Eterno ao lado do Grande Arquiteto do Universo, mas, com seus raios de luz estão sempre a nos iluminar e proteger.

Assim, não nos esqueçamos de reforçar que em qualquer plano em que estivermos, ali estará sempre um maçom.

Portanto reforçamos que: “uma vez maçom, sempre maçom”, na terra ou no Oriente Eterno, ou seja, mesmo em outro plano, simbolicamente, ostentamos nossos aventais e empunhamos os instrumentos de trabalho: o esquadro, o compasso, o nível e o prumo, entre outros.

Em Goiás, quando se fala em grandes construtores do bem (construtores de TEMPLOS, PALÁCIOS E CATEDRAIS), inclusive na educação superior, de pronto nos vem à mente o nome do Grande Maçom Licínio Leal Barbosa, que, para além das grandes obras maçônicas, no mundo profano foi braço forte na construção da Universidade Federal de Goiás – UFG, (atualmente aposentado) da qual mereceu o título de Professor Emérito e que lhe fora outorgado em Sessão Solene por toda comunidade acadêmica daquela grandiosa Instituição de Ensino Superior.



Vale frisar que ser Professor Emérito não é honraria reconhecida e concedida a qualquer pessoa do mundo acadêmico em geral. Ser Professor Emérito significa: aquele sobre o qual recaem todos os méritos de uma cátedra, aquele que atingiu alto grau de projeção no exercício de sua atividade acadêmica.

Além de Maçom e Professor, Licínio é um grande Advogado (foi Conselheiro da OAB-GOÍÁS), é Jurista doutrinador, fala e escreve fluentemente o francês e conta atualmente com várias obras publicadas. Licínio é imortal da Academia Goiana de Letras, da Academia Goiana Maçônica de Letras e da Academia Goiana de Direito da qual foi presidente. No Ministério da Justiça, foi membro do Departamento de Política Penitenciária Nacional – DEPEN.

Diante de tantos valores e atributos sedimentados no intelectual maçom Licínio Leal Barbosa e de toda obra por ele realizada, vejo ser oportuno lembrarmos a clássica exortação maçônica: **“aprendei! e ensina!”**. Ou seja, somos eternos aprendizes, mas, ao mesmo tempo ensinamos humildemente o que

O pedreiro livre construtor de Palácios e Catedrais

aprendemos. Este é o mister mais do que esperado de qualquer maçom enquanto agente da paz social, e por conseguinte, da felicidade humana.

O “Professor Licínio” como é nominado e exaltado no meio universitário, é seguramente, o típico intelectual do mais alto grau de intervenção político-social. É culto, inteligente, laborioso, organizado e sensível aos valores humanísticos.

Vejam que ele foi aluno em 1960 da vetusta Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás – UFG, que neste ano completou 125 anos de existência. Licínio, nela se formou e logo passou a integrar seu quadro docente. Na UFG/FD foi Diretor e Coordenador do conceituado Mestrado em Direito Agrário (atualmente Mestrado e Doutorado do PPGDA), além de editor da Revista de Direito da mesma instituição. Naquela, mais que secular institui-

supervisionadas pelos professores, todos muito bem preparados juridicamente com mestrados, doutorados e pós-doutorados.

Licínio, foi advogado do Banco e naquela instituição de crédito chegou ao ápice da carreira. Atuou na organização e instalação da Assessoria Jurídica daquele banco não só no Estado de Goiás, mas, igualmente, o fez no Estado do Tocantins.

É consenso em nosso meio que os verbos **“construir”**, **“levantar”** **“polir”**, **“cavar”** **“aprender e ensinar”**, entre outros, simbolicamente, para nós maçons denominados **“pedreiros livres”**, estão e sempre estiveram imbricados nos nossos ensinamentos e porque não dizer na gênese de nossa Sublime Ordem, a começar pelo significado das corporações de construtores e artífices de templos e catedrais da antiguidade e suas intencionalidades e objetivos.

A simbologia da construção do Templo do Rei Salomão (o filho de Davi), bem assim, sua reconstrução, por mais de uma vez (ano 537 e seguinte a.C.) são, ao que nos parece, um bom exemplo dessa provável relação, mesmo admitindo que para alguns, tudo não passou de lenda ou mito. Este amálgama de incerteza em relação a construção e reconstrução do Templo de Salomão, em certa medida, passa igualmente, pela verdadeira origem da maçonaria.

Outro grande irmão construtor de Templos e Catedrais é João Batista Fagundes,^{33º} historiador maçônico, com várias obras publicadas sobre a Sublime Ordem, dentre elas, ênfase **“A IDADE DA MAÇONARIA E SUAS ORIGENS”** e **“Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás. Sinopse de sua história”**. O irmão Fagundes, além de ter sido Grão Mestre da GLEG é membro da respeitável Loja Simbólica Educação e Moral nº.8, e sobre ela, escreveu um importante livro historiográfico em coautoria com o saudoso irmão Bruno Medeiros Duarte, comemorativo aos 60 anos de existência daquela importante Oficina. No mundo profano, o irmão Fagundes foi militar, promotor de justiça, juiz de direito e atualmente exerce com galhardia a advocacia.

Em a **“Idade da Maçonaria e suas Origens”** (2018: pp.8-24) Fagundes é assertivo em afirmar que ainda pairam muitas dúvidas e incertezas sobre a realidade concreta materializada nos registros históricos sobre a origem da nossa Sublime Ordem (Guildas, Essênios, Templários, *Collegia Fabrorum* etc.).

A existência física do Templo do Rei Salomão, para alguns nunca existiu, mas, para outros é algo verdadeiro. No entanto, imagino que real, simbólico ou filosófico, apensar das dúvidas, o que vale para nós maçons é não só acreditar, mas sim continuarmos **levantando Templos à virtude e cavando masmorras ao vício, e acima de tudo, fazendo feliz a humanidade** tal qual fizeram e fazem os valorosos irmãos mencionados neste texto.

Finalmente, não poderia deixar de registrar o árduo trabalho dos valorosos irmãos **“Pedreiros Livres”** que integram a direção da nossa Primeira Inspetoria Litúrgica de Goiás: o Eminentíssimo Delegado Geraldo Alves de Carvalho, Paulo Alves de Oliveira, eminente Delegado Regional de Anápolis, José Carlos Ferreira dos Santos, Maurício Lopes Ferreira e Agnaldo Berto, todos simbolicamente, Pedreiros Livres Construtores de Palácios e Catedrais, entre muitos outros, que consagram o adágio **“UMA VEZ MAÇOM, SEMPRE MAÇOM!”**



ciência & saúde

O BRASIL CAMINHA PARA O “SUPERENVELHECIMENTO”

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

A longevidade é, sem dúvida, um triunfo. Há, no entanto, importantes diferenças entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Enquanto, nos primeiros, o envelhecimento ocorreu associado às melhorias nas condições gerais de vida, nos outros, esse processo acontece de forma rápida, sem tempo para uma reorganização social e da área de saúde adequada para atender às novas demandas emergentes. Para o ano de 2050, a expectativa no Brasil, bem como em todo o mundo, é de que existirão mais idosos que crianças.

Em poucos dias foi apresentado o Censo Demográfico 2022, em

nosso país. Onde o total de pessoas com mais de 65 anos ou mais de idade, chegou a 10,9% (22.169.101) da população, com alta de 57,4% frente a 2010, quando esse contingente era de 7,4% (14.081.477) da população. Já a população idosa de 60 anos ou mais é de 32.113.490 (15,6%), um aumento de 56,0% em relação a 2010, quando era de 20.509.597 (10,8%). Esta segunda apuração do Censo mostra uma população de 203.080.756 habitantes, com 18.244 pessoas a mais do que na primeira apuração.

Vale destacar também, que o aumento da população de 65 anos ou mais em conjunto com a diminuição

da parcela da população de até 14 anos no mesmo período, que passou de 24,1% para 19,8%, evidenciam o franco envelhecimento da população brasileira.

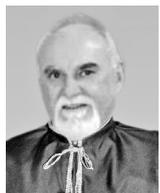
Diante deste cenário, o desafio é grande, podemos exemplificar com vários pontos de vista: financeiro, familiar, de saúde, de mobilidade e urbanístico. O estatuto do Idoso é completo. Todos têm o direito a lazer, saúde, a serem bem tratados, porém, o lares podem ter muitas surpresas inesperadas, como sendo um lugar de violência física, verbal, psicológica, de abuso financeiro e negligência.

O debate tem que existir em todos os setores, não só pelas oportunidades de negócio, mas também fomentar a produtividade desta faixa etária, incentivando universidades para a terceira idade, onde oferece cursos para idosos e forma profissionais e familiares. Políticas públicas direcionadas são essenciais, calçadas acessíveis, academias ao ar livre com aulas direcionadas por profissionais da saúde,

presença de equipe interdisciplinar como: médicos geriatras, fisioterapeutas, nutricionistas entre outros, que cuidam da saúde deste público tanto no setor público com no privado, entender no Brasil programas de atenção domiciliar para o idoso, além da atenção primária podem levar a melhora da qualidade de vida.

Outro aspecto relevante, trata-se de poucas instituições públicas para abrigar os idosos no Brasil, como exemplo, no município de Goiânia a prefeitura convênio com três abrigos de idosos públicos, entre as 30 instituições asilares, segundo a secretaria municipal de desenvolvimento humano e-social (SDEHS).

Realmente as oportunidades e desafios são grandes, esta mudança na pirâmide de faixa etária é real, onde podemos com o debate, contribuir para que mais pessoas alcancem as idades avançadas com o melhor estado de saúde físico, mental e social possível. Devemos perceber que o envelhecimento ativo e saudável é o grande objetivo nesse processo.



artigo

TERCEIRA GUERRA MUNDIAL, DEMOCRACIA E MAÇONARIA

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

A Maçonaria é uma instituição que participou da elaboração dos fundamentos das Democracias e, por ser um processo em construção, está presente na sua consolidação, inclusive em momentos chave e revolucionários na história. Como conceito a democracia opõe-se ao autoritarismo, às diferentes formas de ditadura, aos governos que usam da força das armas para se imporem.

O modo de governar democrático é um edifício com “designs” tão diversos como os da própria maçonaria, reflexo do trabalho dos pedreiros livres formados em diferentes nações, com diferentes culturas. Pode-se afirmar que assume nuances políticas de governança que podem mudar de acordo com a atmosfera política e social dos povos no tempo e no espaço. Recebe as influências das pessoas e instituições e a elas oferece contribuições de mudanças, revolucionárias ou reformistas.

Na Democracia Representativa, por exemplo, os representantes são eleitos pelas pessoas aptas a votar, segundo a lei, e deveriam governar para atender as necessidades da maioria da população, resguardar o direito de todos, inclusive das minorias, o que nem sempre acontece. Ela pode ser Parlamentarista ou Presidencialista.

Os problemas desse tipo de Democracia poderiam ser diminuídos com a prática da Democracia Participativa e Direta, em que as pessoas votam diretamente, em assembleias, para a tomada de decisões administrativas e políticas, sem haver representantes.

Em todos os modos de governança democrática, as decisões podem ser

tomadas a partir das discussões sobre um determinado tema, após amplos processos de comunicação e informação, dentre todas as pessoas e instituições interessadas, de forma consensual ou majoritária (cinquenta por cento, mais um). No entanto, a realidade nos apresenta um sofisticado esquema de manipulação da opinião das pessoas envolvidas, que passam a servir aos interesses políticos e econômicos dos donos do poder.

A Revolução Americana de 1776 (1765-1791) recebeu a influência dos iluministas, de cujos ideais, como os de igualdade, liberdade e fraternidade, compartilhavam inúmeros maçons, inclusive G. Washington e B. Franklin, J. Hancock e outros. Talvez, mais do que a Instituição, as ideias desses maçons revolucionários, que dela participavam, foram decisivas para a declaração da independência dos Estados Unidos da América.

Do mesmo modo, diversos maçons como Danton e o Marquês de Lafayette participaram decisivamente da Revolução Francesa (1789-1799), irmanando-se ao povo das cidades, aos primeiros pequenos comerciantes e aos camponeses a fim de implantar os princípios de “égalité, liberté et fraternité”, visando a instauração da república democrática e a derrubada do poder da monarquia absolutista, da aristocracia (estado feudal) e da participação da Igreja no Estado, contra a vontade mesma de outros maçons contrários à Revolução. Um outro exemplo das lutas dos maçons revolucionários no interior da Instituição e fora dela é o fato de M. Robespierre, um dos seus líderes, ser politicamente contrário à Maçonaria.

A história (recente, inclusive) mostra que as democracias que nasceram no mundo após essas revoluções democráticas têm buscado se aperfeiçoar, mas ainda não se consolidaram e sofrem reações autoritárias de governantes, principalmente em tempos de crises econômicas e de guerras entre as nações ou conflitos civis. O que exige uma forte mobilização das pessoas que acreditam nos ideais democráticos no interior de todas as instituições, inclusive a Maçonaria.

Além disso, há inúmeras formas de se compreender a realidade, que possui vários níveis. Pode-se aprender com todas elas. Marx e Engels, por exemplo, enxergavam a verdadeira democracia no comunismo, que seria instaurado após a instalação da ditadura do proletariado, com a derrota do capitalismo no mundo. O marxismo-leninismo dos primeiros anos pós revolucionários (2017), na Rússia, construiu o Estado Soviético após muitas guerras e o governou através do controle autoritário do Partido Comunista. Este manteve-se com o poder autoritário que chegou ao extremo de abusos na era stalinista (após Lenin), cada vez mais reforçado com as ferramentas antidemocráticas como a censura, a tortura, as repressões de todos os tipos, a força das polícias, os assassinatos dos opositores políticos, as prisões na Sibéria e a manipulação dos aparelhos ideológicos do estado, como a Educação etc.

A queda do muro de Berlim e a derrocada econômica e política da União Soviética (1991), tornaram possível a inclusão da Rússia e diversos países no sistema capitalista de mercado. A experiência da passagem direta de um modo econômico “feudal” para um estado comunista não havia dado certo. M. Gorbachev inicia a abertura econômica e política, como último Presidente da U.R.S.S., e transfere o poder ao Presidente B. Yeltsin. No entanto, os problemas econômicos e sociais corroeram a implantação de uma democracia liberal emergente na Rússia. O poder foi assumido por V. Putin em 2000, que permanece até os dias de

hoje, consolidando um governo ditatorial, um Estado republicano autoritário de mercado. A luta por espaços geográficos militares estratégicos, entre a Rússia e a OTAN, culminaram com a guerra daquele país com a Ucrânia e o risco de se tornar a terceira guerra mundial, até mesmo com o uso de armas atômicas, segundo as ameaças de Putin.

Isso demonstra que as democracias são fortemente ameaçadas em tempos de guerra, que estende os seus tentáculos armados e/ou político-autoritários de uma forma global, com influência nefasta para a economia e a paz em toda a Terra. Não apenas a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, mas devido a todas outras que estremece o Planeta: recentemente à guerra entre Israel e o Hamas, na faixa de Gaza, somam-se as guerras de “Burkina Faso, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Nigéria e Síria”, além de mais de outras 30 regiões com sérios conflitos armados (Wikipedia, 19.11.2023).

O desenvolvimento econômico e a influência política internacional da China, conduzida pelo Partido Comunista Chinês, que transformou aquele estado ditatorial em uma economia voltada para o mercado; as ascensões de governos de extrema direita, autoritários, em vários países, como foi o de D. Trump, antecessor de J. Biden, na Democracia considerada mais consolidada do mundo (E.U.A), e a de Bolsonaro, no Brasil, revelam a urgência de se trabalhar pela paz no mundo, a partir das nossas próprias instituições, como o nosso lar, as igrejas, a Maçonaria e outras.

Que possamos fazer a paz em nós mesmos, cultivar o Estado de Direito; estatuir o respeito aos Direitos Humanos; instalar a Justiça nas relações interpessoais e entre as nações. Resgatar o sonho dos ideais de verdadeira Liberdade, Igualdade e Fraternidade entre as pessoas, nas instituições, socialmente. Tornar menos injustas e predatórias as relações econômicas e sociais. Eis o grande desafio para o povo maçônico e para as Maçonarias do mundo.



reconhecimento

STEFAN ZWEIG, MEU PATRONO

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Na década de 1980, quando a cultura maçônica estava em evidência, com encontros anuais em vários Orientes e eu deles participava efetivamente, foi-me oferecida uma Cadeira em determinada Academia, como Membro Efetivo, que aceitei, depois de várias ponderações a respeito da minha limitada atuação na área cultural.

Designaram como Patrono da Cadeira, o nome do Escritor STEFAN ZWEIG, para mim, na ocasião, um ilustre desconhecido. Para conhecer melhor o escritor e escrever uma pequena biografia sobre o mesmo, consulte a Editora Delta, no Rio de Janeiro, que me surpreendeu, informando-me que Zweig tem mais de vinte livros, publicados no Brasil e no exterior, dentre os quais destaco:

Novelas: A Corrente, Caleidoscópio, As Três Paixões **Romances:** coração inquieto. **Biografias:** Maria Antonieta, Maria Stuart, Joseph Fouchê, Fernão de Magalhães, Balzac. **Ensaio:** Três Poetas De Sua Vida, Os

Contrutores Do Mundo, A Cura Pelo Espírito, Uma Consciência Contra A Volência, O Momento Supremo, Os Caminhos Da Verdade. **Viagens:** Brasil, país do futuro. **Crônicas:** A Marcha Do Tempo, Encontro Com Homens, Livros e Países. **Memórias:** O Mundo Que Eu Vi. **Teatro:** Jeremias, o cordeiro do pobre, sublime peregrino.

Para me familiarizar melhor com o autor, adquiri o Livro JEREMIAS, que é o tomo XX das Obras Completas, com tradução de Elias Davidovich, da Editora Delta. Rebuscando meus “arquivos implacáveis” encontrei uma edição do Jornal O POPULAR, de 19 e 20 de fevereiro de 2022, onde nas páginas 30 e 31 está um estudo magnífico do jornalista e escritor Alberto Dinis, que escreveu biografia de stefan Zweig, de onde eu tirei as informações que preciso para este trabalho.

O jornalista Rogério Borges falando sobre o biógrafo Alberto Dinis, escreveu:

“Um dos maiores biógrafos do século 20 merecia uma biografia á altura.

Stefan Zweig foi um dos autores que mais se dedicaram ao gênero, deixando como legado diversos volumes em eu escrutina a vida de grandes personalidades, de Balzac a Dostoevsk, do navegador Fernão de Magalhães ao profeta Jeremias, da rainha francesa Maria Antonieta à monarca inglesa Mary Stuart. Quarenta anos depois de sua morte trágica em Petrópolis, Zweig ganhou aquela que é sua mais completa biografia, Morte no Paraíso, elaborada pelo jornalista Alberto Dinis, após quase uma década de pesquisas no Brasil e no exterior”.

Stefan Zweig era um judeu austríaco e se julgando perseguido pelo nazismo, buscou o Brasil como opção de vida. Foi casado com Friderike Maria, que também era escritora, de quem se divorciou, casando em seguida com Lotte.

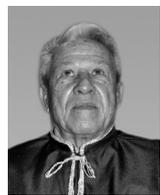
Quando veio para cá, escreveu o jornalista:

“... depois de passar por terras brasileiras em outras oportunidades como uma verdadeira celebridade, sendo recebido por autoridades e desempenhando o papel de grande estrela dos eventos literários dos quais participava, ele não entrou no mérito de ser usado como arma de propaganda. Na primeira vez que veio ao Brasil, em 1936, a caminho de Buenos Aires para o Congresso do PEN Clube, que reuniu escritores de todo o mundo, ele foi recebido por Getúlio Vargas,

notório simpatizante do regime fascista do italiano Benito Mussolini, antes que a Segunda Guerra explodisse. Na época, Hitler já perseguia judeus.

Naquele momento, o judeu Stefan Zweig sentiu a sombra se aproximar. Morando em uma mansão na bela cidade de Salzburgo, a porta de entrada da Áustria para quem vem da Alemanha, ele deixava claro na correspondência com amigos e com sua primeira esposa, a fidelíssima e pacientíssima Friederike, de quem se divorciou em 1938 – também uma escritora de talento, que precisava urdir um plano B para sua sobrevivência. Os amigos germânicos iam para o exílio para não pararem em prisões nazistas e seus livros eram queimados em praça pública em Berlim. Hitler e seu ministro da propaganda Josef Goebbels, o detestavam. Ele corria perigo”.

No ano de 1938 o nazismo anexou a Áustria, mostrando ao escritor que a situação estava exigindo uma providência de sua parte, pois alguns amigos já batiam em retirada, rumo a outros países, levando Zweig a procurar um refúgio natural, escolhendo o Brasil, que já conhecia e onde esperava viver com tranquilidade, o que não ocorreu, pois temendo a aproximação do nazismo, acabou cometendo suicídio, ao lado de sua mulher, perdendo o Brasil e o mundo, um grande vulto da cultura universal.



sensibilização

MAÇONARIA, FAMÍLIA E ANIVERSÁRIO DE 53 ANOS

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

A Maçonaria contribui muito para o fortalecimento familiar e a família dá a solidez ao caminhar dos maçons, portanto ela faz muito mais e por muito mais pessoas. Valores como carinho, amor, amizade, respeito, afeto... direcionam as atividades maçônicas na busca de melhores condições de vida para as famílias. Elas se unem em torno de bons exemplos e ações.

Ações de iniciativa no âmbito familiar tendem a colaborar na consolidação de valores e princípios na sociedade em geral, proporcionando uma geração virtuosa de pessoas e bons cidadãos, responsáveis por dias melhores no ambiente onde vivem. Para que isso aconteça, o maçom busca também o seu próprio aperfeiçoamento como homem, para em decorrência disso, auxiliar no aperfeiçoamento da sociedade.

O compromisso de ajudar uns aos outros reforça o papel da família no mundo profano e permite a reflexão de temas capazes de modificar comportamentos pessoais e ampliar horizontes familiares e até mesmo maçônicos.

O artigo “A importância da maçonaria para a família”, adaptado de Silvana Maria dos Santos R. Guimarães, destaca que “a maçonaria é na verdade uma fraternidade. Os seus princípios de liberdade, igualdade e fraternidade fortalecem

a vida em coletividade e proporcionam a redescoberta da família, aprimorando conceitos de ética, de convivência, os laços de amizade, respeito, enfim, tudo que é necessário para se viver bem, tanto num pequeno núcleo familiar quanto na sociedade em geral”.

Face ao individualismo predominante nas sociedades atuais o conceito de família, influências e impactos na sociedade modificaram muito. Nos papéis que eram desempenhados na família, à mãe cabia a vida e a alimentação, ao pai o sustento e educação, aos irmãos a divisão fraterna das aquisições... suficientes para dar conforto e amparo ao crescimento dos filhos e direção para a vida, conforme a visão de mundo do grupo familiar. Entretanto, as “exigências modernas mudaram o foco da família para além dela”, onde o individualismo e concorrência dominam, exigindo adequação dos valores aos elementos sociais em que vivem, como regra de sobrevivência, “muitas vezes contrariam dos próprios valores”.

Novas formatações familiares surgem: pais desconhecidos ou ausentes, mães buscando o mercado de trabalho, filhos educados por terceiros, drogas e vícios destruindo lares... onde o retrato familiar é sacrificado, penalizado, conflitante, há falta de amor e de

fraternidade aliados a constantes conflitos. Assim, à maçonaria, cabe um “papel importante na formação e conservação dos laços familiares, onde seus sólidos valores fortalecem os valores da família”.

Mudanças e transformações são necessárias e às vezes dolorosas, mas só se encontrará a felicidade se souber se adaptar a ela. É preciso ver o que há de positivo nela. Ver sempre o que há de positivo nas coisas e situações. É sempre bom compartilhar momentos positivos e a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada. Como diz Mário Quintana, “busque inspiração nas pequenas coisas e gestos”! Não é preciso muito para construir um mundo melhor, é só buscar nas pequenas coisas um grande motivo para ser feliz. Em nossas vidas, a mudança é inevitável, a perda inevitável. A felicidade existe na nossa adaptabilidade em sobreviver a tudo o que é ruim!

Maria Pires, em seu blog reitera que “as palavras tem o poder de ferir e de sarar. Quando elas são boas, têm o poder de mudar o mundo”. Ações e práticas delas decorrentes tendem a provocar transformações desejáveis.

Sendo a família conceituada como uma “comunidade de pessoas unidas em amor” e também o “berço doméstico é a primeira escola e o primeiro templo da alma”, aproveito o ensejo para compartilhar com os leitores de “O Confrade” instantes vivenciados em nosso pequeno núcleo familiar, durante a comemoração de 53 anos de vida de nosso filho Jefferson, onde sua mãe Idé nos brindou, com a singeleza de sua escrita, com uma vibrante e emotiva mensagem que transcrevo abaixo e que ampliou nossa fé e crença na família, como

um elo precioso de bem estar, harmonia, afeto e paz interior. Este ato mostra que é preciso valorizar o conagração das famílias, dentro e fora do contexto maçônico, a fim de manter acesa a “chama do amor que une, aquece corações e alimenta a alma” e que os laços que nos unem são realmente gigantes e desconhecem limites territoriais”.

“Bom dia meu amado filho. Hoje é dia de orar e agradecer pela sua vida. Voltando ao passado lembro-me da preparação para a sua chegada. Tudo muito simples mas com muito amor. Um bebê lindo que encheu nossa vida de alegrias. Hoje vejo com orgulho o homem que se tornou. Responsável, carinhoso com todos que convivem com você. Um lutador vencendo os obstáculos que a vida traz. Firme no que faz. Pai amoroso e preocupado com a família que constituiu. Preocupado com todos nós. Sempre visando o melhor.

Desejo que Deus, na sua infinda bondade, continue abençoando seu caminho, protegendo-o de tudo o que possa te trazer mal! Que você tenha muita saúde, sabedoria e entusiasmo para ir em frente! Parabéns por tudo de bom que você é! Queria ter um coração maior que tenho para amar você ainda mais!

Beijos dessa mãe que te ama!”

Concluindo, uso uma frase de Buda, não se esqueça que “os instantes que você vive aqui e agora e as pessoas que você convive aqui e agora são os mais importantes da tua vida porque são os únicos reais!” E ainda as palavras de Rui Barbosa, “multipliquei a célula e tendes o organismo. Multipliquei a família e tereis a Pátria”. A família é a célula mater da sociedade! Valorize-a! Multiplique e funda seus bons exemplos!



crônica

O QUE NÃO FOI DITO

Elismar Rodrigues dos Santos | Colaborador

Nós, os seres humanos, ditos animais racionais, somos constituídos predominantemente de sentimentos e emoções. Emoção é reativa a estímulos externos, instantânea, fugaz, efêmera, e aparece quando se recebe a notícia de aprovação no vestibular, nascimento de um filho, ascensão profissional ou a triste partida de um ente querido. Se emocionar faz parte de quem somos, e não exige atividade cognitiva, de outro lado, o sentimento é algo que

perpassa a racionalidade e o processo de originalidade cognitiva para se estabelecer como perene.

Nesta classe de sentido é que habita a identidade do homem. Não sentir, ou não expressar aquilo que sente torna o ser humano sem identidade consigo mesmo, se transformando em um ambiente frágil para a solidão, mas não a solidão de amigo, de amores, mas de sentimentos e emoções. Esta é cruel e devassa a dor.

Alguns afirmam que é possível ser feliz sozinho. Eu não posso concordar com esse impropério porque a existência de nós outros, por si só, é uma declaração de interdependência afetiva. Os suecos diziam que na alegria e na tristeza, um ser depende do outro, porque alegria compartilhada é alegria em dobro, e tristeza compartilhada é tristeza pela metade. **Os suecos têm razão.**

É assustador ver um *sem número* de palavras empoeiradas no dicionário que raramente são veiculadas pelas bocas profanas destes animais, é como a primeira edição de *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha* nunca lido, esquecido na velha estante, e o receio é de que eu, ou você, seja pego de surpresa por um *tropeço idiota em um domingo de amanhã*, lasca o cocuruto na quina do

meio fio, ou pelas artérias obstruídas pelas placas de gordura daqueles intermináveis churrascos de cupim de boi que lhe causa um infarto fulminante, ou até mesmo uma discussão banal no sinal vermelho duas esquinas antes de sua casa que lhe suprime o bem mais precioso que é a vida, e no último suspiro se dê conta que nunca disse: **Eu te amo mamãe! Papai você é meu amor. Meu amigo, você é importante pra mim.**

Quero conchamar a todos os leitores deste texto sujo e mal redigido que se asenhem de vossos sentimentos, e mais que isso, entreguem-nos aos seus destinatários, talvez seja esta a última oportunidade de dizer aos seus entes o quanto são importantes para si. Ouça este conselho antes que seja TARDE. Conselho depois do erro é como remédio depois do enterro.



saúde & psicologia

QUANDO DEVEMOS FAZER UMA LIMPEZA ENERGÉTICA?

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Descubra sinais reveladores que indicam a hora de fazer uma limpeza energética e restaurar o equilíbrio pessoal. Para você perceber ou saber a hora de fazer uma Limpeza Energética, eu preciso que você responda as seguintes perguntas: Você sente que sua casa não é mais o lugar relaxante e reconfortante de sempre? Você tem se sentido menos confiante e menos energia para fazer suas coisas habituais? Sente a sensação de que sua energia está esvaindo mesmo depois de descansar? Agora, eu vou te ajudar a entender alguns sintomas para você

saber se a limpeza precisa ser feita na sua casa ou em você, e como fazer. Sinais para você entender como saber a hora de fazer uma limpeza energética.

Perceba no corpo físico: Dores, tensões, fadiga, ansias, apatia, tristeza, desânimo, desequilíbrio no sono (excesso ou falta), problemas digestivos, dores no geral bem como problemas de pele e cabelo. Perceba no ambiente: Discussões, mal entendidos, acidentes, quebras, quedas de energia, locais com movimento de pessoas alterado, percepção de ruído/barulho constantes ou mais irritantes.

Sinais e dicas importantes

Benefícios de fazer limpeza energética

A limpeza Energética pode ajudar, por exemplo: a melhorar a saúde, aumentar seu bem-estar; a melhorar os relacionamentos; reduzir estresse; diminuir ansiedade; atuar em casos de depressão. Além disso, a limpeza energética pode ajudar a promover a paz, a harmonia e a clareza mental.

Recomendações para manter a limpeza energética pessoal

Mantenha seus pensamentos e sentimentos positivos; Cuide da sua

alimentação e pratique atividades que te fazem bem; Limpe sua casa e seu ambiente de trabalho, evitando acúmulo de energias densas; Pratique a meditação e a conexão com a natureza; Crie o hábito de fazer limpeza energética que funcione para você; Perceba quando a limpeza energética se faz necessária, percebendo em você e utilize de técnicas e ferramentas que facilitem sua limpeza energética pessoal.

Quando você observar que está passando por esses transtornos, busque imediatamente profissionais da área médica, tais como: Neurologista, Psiquiatra, Psicólogos clínicos e ou médico geral. Lembre-se que tais transtornos quando não tratados poderá te levar à loucura, suicídio e outras demências. A vida foi feita para ser bem vivida e deve-se viver o momento intensivo, nunca deixe para depois para viver os bons momentos.



artigo

O MAÇOM DIANTE DO UNIVERSO

Cláudio José da Silva | Colaborador

Autêntico iniciado nos Mistérios da Arte Real não se contenta somente com a face exterior das coisas, mas procura-lhe as razões profundas e sai do círculo ordinário das preocupações comuns para compreender o Infinito. E em tudo o que contempla, sem dúvida, encontra com o êxtase de uma visão sempre mais clara, o sublime ternário: Matéria, Força e Inteligência. Nisto, sua obra consiste na colaboração com todas as coisas, misturando e combinando os seus esforços com o objetivo de chegar ao fim perfeito, ao fim divino, vez que foi criado à imagem e semelhança do Grande Arquiteto do Universo.

Como criatura humana, então o verdadeiro iniciado eleva-se acima dos objetos materiais para melhor dominá-los, mergulha o seu pensamento na extensão infinita para aí procurar a penetração de dois mistérios: o mistério do mundo (universo) e o mistério que é ele mesmo (conhece-te a ti mesmo). E aí ele contempla

a abóbada celeste e os astros, fazendo abstração de tudo que o rodeia. A esse homem, então, não resta mais do que voltar à sua própria identidade como ser criado pelo GADU e perscrutar a sua própria existência, analisando-se a si mesmo.

É sabido que desde os seus primórdios, o ser humano tem a incessante curiosidade e preocupação em obter respostas às seguintes indagações: de onde viemos? o que somos? para onde vamos? E apesar dos estudos mais profundos sobre as verdades contidas na existência do gênero humano, a ninguém foi dado o privilégio de ser o dono desta verdade. Está escrito em Isaías 55-8 e 9: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos".

Contudo, diante de uma análise superficial deste fenômeno divinal, como resultado de profunda reflexão, ousamos afirmar que viemos da imensidão cósmica, somos parte integrante do Universo e estamos, do ponto de vista material, no Cosmo, onde devemos cumprir nossa sacrossanta missão, ou seja, progredindo sempre no sentido do real e verdadeiro. Por fim, voltaremos à nossa origem, perdendo nossa individualidade e harmonizando-nos com a Grande Consciência Divina. E o ciclo da vida!

Diante de tais afirmações, é fácil concluir que o Iniciado, sendo parte integrante do Universo, possui as suas características básicas, que consistem, em essência, na dualidade cósmica que, a princípio, resume-se em caracteres objetivos (materiais) e subjetivos (imateriais). Neste primeiro contexto, ele é então considerado um ser formado pelos elementos usuais do cosmo, que são os átomos, fazendo-o identificar-se com a própria natureza. E desse ponto de vista, ele é o "Universo Material". No segundo contexto, há que se verificar que os seres humanos possuem finalidades precípuas, aqui neste e em outros mundos, as quais fazem com que eles transcendam a matéria, constituindo-se em "Eu Subjetivo, Imaterial" que pode ser

denominada de "Consciência Cósmica". Esta, indubitavelmente, está acima dos conceitos de tempo e de espaço, o que nos leva a concluir que essa consciência, para uma grande maioria, se constitui num enorme mistério ao qual poucos têm acesso. Nela, logicamente, concentra a explicação das muitas questões ligadas à origem, desenvolvimento, existência e fim do próprio homem.

Frente esta análise, vê-se que o Iniciado-Maçom se identifica com o Universo pois, além de fazer parte deste, possui de forma especial as suas especificações, o que leva essa criatura humana a considerado um "Micro-Universo". E uma realidade que nos é transmitida através de símbolos que nossa Ordem busca nos ensinar todas as respostas às nossas indagações filosóficas e que estão inseridas nos seus sagrados postulados.

Finalmente, torna-se valioso refletir no que nos diz o GADU: "Irmãos. Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes, e visteis e visteis em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco".



artigo

A SOMBRA DAS IMPRESSÕES – III

Gleisson Ferreira | Colaborador

História, memória, fronteira e alteridade nas cartas de Goiás de Carlos Pereira de Magalhães.

A fronteira geográfica se delimita em uma natureza agreste de montanhas, matas e rios onde a ação do homem foi limitada e os recursos da engenharia moderna estão muito distantes. Uma natureza que forja o homem: tanto o homem da natureza quanto a natureza do homem:

Ora, o espaço da fronteira, do limes, traz em si uma terceira dimensão, um plano em descompasso que permite apreender o território a partir de um ponto de vista tanto externo como interno. A fronteira que procurei demonstrar retomando a definição do limes como caminho entre dois territórios e que não pertencendo nem a um nem a outro mas aos dois, abre a perspectiva de um terceiro olhar, nem perdido na singularidade do lugar, na cor local, no *genius loci*, nem perdido nas brumas da abstração universalizante. (PESAVENTO, 2002. p.30)

Ao estabelecer uma diferença em relação ao paulista e ao mineiro, o autor apresenta suas primeiras impressões sobre o sertanejo goiano, em sua maneira de dizer (citando expressão francesa) *'a vol d'oiseau'* isto é: ligeiramente, 'a voo de pássaro' (ao pé da letra). A forma como define o paulista, seu patricio, mostra um homem capaz de estabelecer autocríticas, por um momento apresenta um aspecto universalista, a despeito do provincialismo de sua época, e que em outros momentos apresenta, delineando-nos as primeiras impressões a respeito de um homem fronteira.

Ao descer do trem que o trouxera de Araguari-MG a Roncador-GO, doutor Carlos se depara com um aspecto da religiosidade popular: um santo milagreiro a quem acorrem ricos e pobres. Em sua carta III, documenta o episódio que lhe dará talvez as primeiras impressões sobre a religiosidade popular em Goiás, mas também da tez, coragem, formação étnica e ânimo de sua gente, aspectos que o impressionaram.

Esse dia, sem que eu suspeitasse estava reservado um espetáculo sensacional: quando chegamos à estação de Goiandira, ali encontramos um santo itinerante em missão ao povo dessa vila. São Salvador era o seu nome. A multidão que o seguia reparava as brechas das taipas dos cemitérios, idem com as capelas e cruzeiras das estradas por onde passava. O santo curava os que tinham fé, recebia revelações dos anjos e estava em preparativos para subir à corte celeste, discutir com Nosso Senhor os problemas do fim do mundo. Os que punham em dúvida esses grandes acontecimentos estavam em minoria. Como o nosso trem traziaromeiros ficou estabelecido um tempo de duas horas de espera. Admirei a multidão descalça, de caminhar compassado, olhar flamejante; traziam os homens à cinta afiados facões. É gente à prova de todo sofrimento, sobreviventes da seleção natural de um meio inóspito. [...] Um senhor de fortuna e projeção social em Minas, conhecido meu, viera consultá-lo. (MAGALHÃES, 2004. p. 35)

Na mesma carta em que documenta sua chegada ao Estado de Goiás observa aspectos da religiosidade popular em Goiás. Aspectos esses, aliás, comuns aos rincões explorados e contraditoriamente abandonados pelo poder público e pelas instituições religiosas, nesse caso, a Igreja Católica. Abandonado que estava, esse povo, à própria sorte; a mesma sorte ingrata faz surgir uma forma de governo alternativa denominado popularmente na memória do goiano como "lei do mais forte". Nesse princípio, o que tivesse mais armas teria mais terras, mais braços para o trabalho e mais dinheiro, conseqüentemente, dada a maior capacidade de exercer o mando e a exploração. Isso por sua vez geraria mais dinheiro que comprava fidelidades, "amizades" e serviço na política. Esses fatos constituíam a "força" desses homens, muitas vezes chamados coronéis. Quanto

maior a força menor o pudor, a ética, o sentimento humano. Externamente, porém havia um falso moralismo, uma forte religiosidade para se mostrar, baseados na simulação e na dissimulação.

Essa parcela da população, cuja fé inabalável, crenças na existência do divino, do sagrado, do eterno; abandonada de todos os meios, se apegava a qualquer fio de esperança. As "superstições" não atingiam, porém, somente os mais pobres e desprotegidos. Ricos fazendeiros, como mostra a narrativa de Magalhães, também acreditavam nesses santos milagreiros, bem como no poder do feitiço. A escassa e limitada educação escolar, por muito tempo até mesmo para os padres, não dava conta das ideologias científicas da época a contento. Assim surgem os "Messias", nessa e em qualquer outra parte onde para os despossuídos reste apenas a esperança na redenção divina e na "vida eterna".

Como exemplo da interpretação e aplicação das ideias de Maquiavel em Goiás, na Primeira República Magalhães registra em carta datada a 28 de outubro de 1919, de Goiás-Capital, o seguinte:

A população de Goiás não chega a 500 mil almas, paralisadas na maioria pelo analfabetismo. Em uma dessas tardes, pediram as minhas impressões: contei que estive em Roncador e lá ouvi da boca de dois políticos, um de Uberaba e outro de Goiás, que se gloriavam em professar cínicos conceitos de Maquiavel. Viajando pelo centro e norte desse Estado, por duas vezes descobri nas prateleiras de ricos fazendeiros, graduados na política, o livro "O Príncipe", de Maquiavel, filósofo e historiador, falecido em 1527, que tomou como ideal César Borgia, um monstro, hipócrita mais que Herodes e cruel mais que Nero. Comentou o desembargador Emílio Póvoa: "Se o raciocínio é a lei da inteligência, a moral é a lei do sentimento, e sem esta não pode haver fraternidade nem civilização." (MAGALHÃES, 2004. p.128)

Além do que diziam os populares, em conversa com membros do poder judiciário goiano, tomou conhecimento da política caiadista e seu "modus operandi", que segundo consta nesses depoimentos, foi influenciada pelos escritos de Nicolau Maquiavel. Magalhães discorre sobre importante personalidade política do círculo caiadista, explicando a gênese da mesma em Goiás:

O Senador Caiado, homem notável e importante figura, em cujas veias corre sangue bandeirante, estudou filosofia e formou-se na Academia de São Paulo. Político de vocação, adotou a doutrina de Maquiavel. Esse pensador da Renascença, ao despontar de uma era nova, uma atitude e méritos políticos e laicos cuja finalidade seria atingir o poder. Encerrava-se então a Idade Média e com ela o domínio político da Igreja. Essa Doutrina, embora genial e eficiente é amoral. Recomenda a religião para ser praticada no círculo da família; fora tudo é permitido, até o homicídio, desde que traga o poder; os fins justificam os meios. (MAGALHÃES, 2004. p. 129)

Trata-se de Antônio Ramos Caiado (Totó Caiado) que pelos depoimentos dados a Magalhães teria organizado a "Revolução" que derrubou o presidente José Xavier de Almeida. A fama de Homem honesto, honrado e preocupado com aspectos sociais, como a educação, de Almeida, também aparece no livro "Retrospectiva histórica de Goiás" de Cibele de Souza e Maria Esperança F. Carneiro:

O governo Xavier de Almeida pautou-se pela tentativa de moralização e racionalização administrativa, assim como dispensou uma certa atenção à educação. Apesar de ter sido um bom governo, não conseguiu impor seu sucessor, devido à forte política de compadrio da época. (SOUZA e CARNEIRO, 1996. P.57)

Esse era o cenário político de Goiás encontrado por Carlos Pereira de Magalhães. Um Estado considerado periférico, isolado, atrasado política

social e economicamente. Os políticos conservadores assim o queriam, para poder exercer o mando sem contestações por parte de uma população sujeita, dependente, dominada. Os políticos progressistas buscavam tirar o Estado do isolamento. A formação positivista destes os fazia almejar o progresso, a dinâmica econômica, que só aos poucos, muito lentamente chegava. Com eles se identificava Carlos Pereira de Magalhães. Neles via os ideais e princípios que nortearam sua formação. Através deles revigorava sua crença no progresso de Goiás, dando-lhe a fé necessária para prosseguir seus empreendimentos, como subjetivamente se nota em sua correspondência epistolar transformada em livro, de cujo conteúdo nos ocupamos.

Da natureza do lugar à visão sobre o lugar

Sabendo que as visões de mundo fazem parte de um repertório sociocultural a que o indivíduo foi moldado, essas visões de mundo proporcionam as impressões sobre o mesmo. É através dessas visões que se imprimirá no imaginário do indivíduo o juízo pelo qual analisa o outro, o externo, o diferente. É a partir dessa análise que ele construirá ou formulará seus padrões de diferença, de alteridade.

A alteridade, nesse caso, pode estender-se, ou podemos estender-nos em sua análise e compreensão como conceito que discute a complexidade do ser, do identificar-se e diferenciar-se, por um outro conceito caro a essa mesma análise: "differance" de Jacques Derrida. Differance, neste caso, não equivale simplesmente a diferença, mas a "diferança". Diferança no sentido de diferir constantemente: a ação de diferenciar e diferenciar-se em um devir constante. É conceito em movimento, não estático, porque o tempo, o ser humano, as consciências, as visões de mundo, especialmente em fronteiras, não são estáticas:

[...] A diferença é o que faz que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento dito "presente", que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que àquilo a que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados. [...] Este movimento (ativo) da (produção da) diferença sem origem, não poderíamos ter-lhe chamado, muito simplesmente e sem neografismo, diferenciação? Entre outras confusões, semelhante palavra teria permitido pensar numa qualquer unidade orgânica, originária e homogênea, que viria eventualmente a se dividir, a receber a diferença como um acontecimento. Sobretudo, formada sobre o verbo diferenciar, anularia a significação econômica do desvio, da demora temporizadora, do "diferir". (DERRIDA, 1991. p. 45)

Mas, ao diferenciar-se por uma diferença presente na escrita, que por isso mesmo, evoca uma construção humana, indicando que o ser não nasce pronto culturalmente, mas que se constrói e/ou é construído. Difere de questões imaginárias e essenciais e se liga às culturais, ou seja, às construções possibilitadas pelo tempo e o espaço.

É nesse sentido que buscamos analisar ambiente, sociedade e indivíduos nas "Cartas de Goiás" de Carlos Pereira de Magalhães, atentos ao lugar, ao tempo, à sociedade, ao homem, à natureza. Atentando-nos para as diferenças, as visões de mundo, as alteridades, construídas ou em construção.

¹ Expressão latina que refere-se ao "espírito do lugar".



artigo

ONDE FOI QUE ERRAMOS?

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Estou pasmo...

Meu coração, quase sexagenário, mortifica-se diante das malsinadas condutas que soerguem justificativas às atrocidades impetradas pelo Hamas, contra o povo de Israel; ou silenciam diante da barbárie do exército russo contra os ucranianos.

Como homem livre e de bons costumes, que obra em favor da felicidade da humanidade, minha flâmula é da paz, meu estandarte é do amor, e o meu escudo é o sorriso sempiterno. Por isso, advogo que nenhum tipo de violência pode ser chancelado por blasfêmias utilizadas para anuírem todo e qualquer ato que soterra a vida, ou que suprima a dignidade. Mas parte do Oriente Médio está em chamas.

A Ucrânia segue atacada pela Rússia...

O mundo, de uma forma geral, padece os efeitos da batalha não-bélica imposta pelos excessos do radicalismo, do fanatismo e da intolerância.

Esta é a configuração do Planeta Terra: enquanto uns discutem as melhores formas de implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, vidas são dizimadas, pessoas são 'canceladas', e a sociedade sofre os reflexos das posturas radicais, e das atitudes polarizadas que, no apogeu do Século XXI, abnegam a condição humana em benefício de uma ideologia, de uma bandeira,

de um posicionamento, de um perfil identitário.

Se isto não é hipocrisia, é covardia!

O pior, é que este layout existencial define também o padrão de comportamento dos brasileiros, que aboliram o atributo da 'brasilidade', para se transformarem em uns de um lado, outros do outro, e todos contra todos.

Ou viramos hipócritas, ou nos transformamos em covardes...

O fato, conclusivo, é que o individualismo, característico da sociedade pós-moderna, corrompeu o código natural da fraternidade, encarcerando os indivíduos num limbo atitudinal, que os induz continuamente ao suplante dos preceitos éticos e morais, em benefício de opiniões, posturas e atitudes impregnadas de conceitos, contradições e ambiguidades que derrogam completamente o sentido e o valor do humano, da Nação e da Pátria.

É claro que existe a diferença de opiniões e que a diversidade não pode ser renunciada. Acontece, que ao contrário da disparidade constituir-se em elemento de debate democrático, civilizado e respeitoso, a ideologia político-partidária, as questões de raça, gênero e geração dividem vontades e interesses, provocando conflitos que transcendem os limites da razoabilidade.

Perdoem-me a insistência, mas cresce a percepção de que os brasileiros foram astuciosamente alocados dentro

do núcleo pulsante de grupos distintos, que nutrem reciprocamente anseios de malevolência de uns, para com os outros.

Por lamento, acostumou-se a contemplar na mídia, ou mesmo ao vivo, as dúvidas, as suspeitas, as acusações, a vaidade e o orgulho se transformarem nas vedetes daqueles que, sem pudor, elevam dedos em haste para suscitarem impropérios utilizados à defesa de seus pessoais interesses.

Pensar de forma diferente já é motivo para ser caluniado, acusado...

Neste contexto, ou neste ritmo, a diferença de opiniões condena pessoas ao ostracismo, em virtude do exercício da socialis damnationem (sentença social) que provoca a exclusão, o cancelamento, a nulidade existencial.

A situação é trágica, pois, no auge da celebração dos 35 anos da Constituição cidadã, a sociedade nacional não mais consegue gerenciar a divisão entre as preferências daqueles que se encontram em cursos opostos do cenário político-ideológico.

O radicalismo, o fanatismo e a intolerância, se transformaram no câncer social que corrói a alma de indivíduos que resguardam as mesmas origens. Ao relativizarem o sentido da igualdade e da liberdade, o certo e o errado se transformaram em conceito subjetivo, amoldado ao escudo de interesses específicos que são defendidos irracionalmente pelos que estão em fluxos antagônicos.

Com isso, o panorama, mesmo que não armado, é de conflito permanente, pois aquele que defende um posicionamento, é adversário ferrenho do seu contrário.

A situação é tão complexa, que o silêncio se transformou em arma de

defesa e de preservação, inclusive, da estabilidade das instituições. Em circunstâncias de debates sobre juízos paralelos, quando o grito dos irracionais oprime a brandura dos sensatos, calar virou estratégia de defesa e de preservação da civilidade subjetiva daqueles que resguardam o bom senso.

Lamentavelmente, hoje, perdeu-se a aptidão para o diálogo, enterrou-se a ética, deturpou-se a moral!

Nostálgico, e no pináculo da maturidade profissional e intelectual, recordo os áureos tempos em que a dualidade partidária, a cor da pele e a diferença ideológica não dividiam, não inflamavam os ânimos, não eram objeto de cancelamento. Experimentando, agora, uma dose quase excessiva de tristeza, rememoro as vezes em que recortava as ruas do meu bairro, conformando amizades interracialis que alimentavam o amor, o carinho, a deferência e a satisfação mútua pela companhia de uns, e de outros. Éramos nós; sempre fomos brasileiros...

Mesmo achando-me um jovem de apenas 56 anos de existência, sinto que o tempo foi cruel.

O tempo nos distanciou da época em que desfrutávamos, ingenuamente, a natureza das coisas, sem discutir causa e efeito. Respeitava-se, voluntária e educadamente, os mais velhos, as grávidas, os políticos, o Hino Nacional e a Bandeira do Brasil.

Hoje, o que se deve fazer, quando se faz, é por força de lei...

A consciência e a civilidade estão na UTI, à beira da morte, e a educação, junto com a ética e a moral, padecem em cova funda, resistindo às sete pás de cal que açoitam a nossa memória, impedindo-nos de entender onde foi que erramos.



opinião

LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – VII

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

No Correio Oficial de Goyaz, encontramos a seguinte nota (ortografia original):

A' Gl.: do Sup.: Arch.: do Un.:

L.: E.: F.:

Bem.: e Aug.: Loj.: Cap.:

"Azylo da Razão"

Or.: de Goyaz

De ordem do Por.: Ir.: V.: convido a todos os Iir.: rrg.: de nosso Quafr.: para comparecerem as sess.: do Subl.: Cap.: e Mag.: de Inic.: que terão lugar segunda e terça-feira próxima (dias 6 e 7 do corrente) às 7 horas da noite na sede social no Largo do Rosário.

Contando certo com o comparecimento de todos os oobr.: agradeço antecipadamente.

Goyaz, 4 de Outubro de 1913.

E.: V.:

O Secr.:

Heitor Fleury, Grau 18.:

O ir.: Secr.: Heitor de Moraes Fleury nasceu na cidade de Goiás, em 3 julho de 1889, filho de Augusta Luiza de Moraes Fleury e João Fleury de

Camargo. Faz o primário em Corumbá de Goiás. Com a mudança de sua família para a cidade de Goiás, matricula-se no Liceu. Em 1912, casa com uma prima com quem teve 13 filhos.

Em março de 1911, é gerente do jornal "Goyaz", responsável pela impressão do Correio Oficial.

Em novembro de 1912, é aprovado num concurso ao cargo de escrivão do 2º Ofício da cidade de Goiás. Em 1913, aparece na Secretaria da Fazenda, como proprietário de uma agência de loteria e, nesse mesmo anos, é nomeado Tabelião do 2º Ofício, cargo que exerce até 1929.

Em 20 de fevereiro de 1913, aparece como Oficial de Tabelião e Escrivão do cível. Em 21 do novembro 1917, é classificado para Tabelião e Escrivão do civil e criminal de Corumbá.

Em 1º de março de 1918, nas eleições para Presidente da República e Deputados Federais pela legislatura 1918/1920, é secretário mesário na 2ª seção. Nesse mesmo anos torna-se, interinamente, Tesoureiro da Intendência Municipl.

Com a fundação da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, em 1917, na cidade de Goiás, matricula-se, colando grau de bacharel em 25 de novembro de 1920.

Em janeiro de 1921, tem indeferido o seu pedido para o cargo de escrivão privativo do Júri, por já ser serventário vitalício do público, judicial e notas da Capital.

Governou, interinamente, Goiás, como interventor federal de 9 a 18 de outubro de 1934.

Foi o primeiro juiz da comarca de Goiânia e o fórum cível de Goiânia, leva o seu nome. Faleceu em 1972.

✱

No "Correio Oficial de Goyaz", encontramos o seguinte despacho assinado pelo Governador Dr. João Alves de Castro. (ortografia e pontuação originais).

Requerimento

Despacho 29/Julho/1920

A Loja Azilo da Razão, por seu venerável Carlos de Araújo Lins, pedindo autorização para fazer funcionar o Externato "Luiz de Abreu", fundado nesta capital. Defiro o presente requerimento considerando sempre como intermediário entre esta Secretaria e o referido Colégio "Luiz de Abreu", o venerável da Loja Azilo da Razão desta Capital, que prestará quaisquer informações requerida pela secção, assim como cumprirá o que determina o art. 111, do Regulamento do Ensino, em vigor.

Não conseguimos nenhuma informação se a Loja chegou a assumir o externato. Sobre o Venerável Mestre Carlos da Araújo Lins, encontramos que proferiu uma palestra no Liceu, quando da comemoração da Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1917. Em agosto de 1921, presta concurso para funcionário da 2ª entrância do Tesouro Nacional. Em 17 de setembro de 1921, é aprovado, com um detalhe, era candidato único.

O jornal "Correio Paulistano", em 3 de março de 1922, informa que no dia 2 de março de 1922, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, Rio de Janeiro, o Presidente da República Epitácio Pessoa, nomeia-o 1º escriturário fiscal da delegacia de Goiás.

No jornal "Santuário da Trindade", dos padres redentoristas, aparece uma discussão entre o diretor do jornal, Pe. João Batista Kiemeier, com o Sr. Carlos Araújo Lins (não consegui informações se é o mesmo), editor do jornal A Imprensa, numa coluna intitulada "A Maçonaria". Por meses discutiram sobre a maçonaria e religião.

No "Diário Oficial da União", de 1930, Carlos Araújo Lins aparece como escriturário da Delegacia Fiscal do Rio de Janeiro. Se for o mesmo, ele se transferiu de Goiás para o Rio de Janeiro. Encontramos autorização de pagamento de montepio a Izaura de Araújo Lins, viúva do 2º escriturário da Delegacia Fiscal do Estado do Rio de Janeiro, Carlos de Araújo Lins. Não sei se é a mesma pessoa.



artigo

O REAL LAPIDAR DA PEDRA BRUTA

Marcus David Cavalcante Morais | Colaborador

Não sei como os irmãos imaginam ser, mas em pé e a ordem ali bem próximo àquela porta, desbravamos uma das marchas mais difíceis da vida, a que nos remete às nossas LUTAS, nos ensina a duras penas o que é PERSEVERANÇA para então compreendermos que FRATERNIDADE é um nível de amizade que só se conquista quando de fato você consegue travar ainda sozinho suas próprias batalhas. A consolidação desta marcha meus irmãos, deve, pelo menos iniciar uma revisão de postura sobre a nossa real missão como pedreiros livres na terra, sobre o que de fato fazemos enquanto lapidamos pedras brutas e nos propomos ao ofício maçônico.

O pedreiro é um profissional que aprende, no exercício do próprio ofício, que as vezes mais importante do que levantar o novo devemos saber quebrar o velho. Nem toda construção oferece condições de ser totalmente lançada ao chão para se reconstruir uma nova edificação, na maioria das vezes o pedreiro tem pela frente a árdua missão de revitalizar, reforçar, reconstruir espaços antigos e deteriorados que precisam de uma repaginação. Aqueles que procuram um bom pedreiro de ofício querem alguém que trabalhe em um espaço antigo e velho para dar a ele o ar de novo, pois o trabalho dele, desse pedreiro, promete a reconstrução desse ambiente velho, é isso o que fazemos.

Há uma diferença entre o pedreiro e o corretor de imóveis, entre o mecânico e o vendedor de carros, entre quem conserta algo e quem promove alguma coisa, uma diferença básica e facilmente identificável, a que um, nesse caso aquele que conserta, não se importa muito com o estado em que o objeto de seu trabalho se encontra, fato é que ele irá desempenhar os esforços necessários para reparar esse objeto, restaurar seu funcionamento e devolvê-lo ao universo das coisas normais. Nenhuma oficina se torna uma grande oficina consertando

carros que não precisam de conserto, ao contrário, uma boa oficina se reconhece pelas indicações daqueles que, em apuros e com grande necessidade de reparar alguma coisa encontraram um lugar disposto a realizar o serviço, e cujo o trabalho foi feito da forma que fora prometida à época que fecharam o negócio.

Em nossa região, se fizermos uma observação estratégica, existem lugares que precisam de oficinas para atuar no conserto dos homens quebrados que ali habitam e não encontraram ainda uma oficina que se dispunha a tal, não de maneira objetiva e direta como a Maçonaria. E onde já temos oficinas funcionando a todo vapor, com experiência de sobra dentro do fazer maçônico, precisamos aplicar a técnica da capatação de homens quebrados, nos dispindo da carapuça de corretores e vendedores que procuram objetos perfeitos para promoção, e vestindo os aventais de trabalhadores de obra, dos oficineiros da construção, dos pedreiros que estão buscando casas velhas, deterioradas e quebradas para que nelas possa trabalhar o novo.

Meus irmãos, vamos além pois em geral nem o dono da casa sabe que aquele imóvel precisa de restauração, e é preciso que um profissional diga para ele que para se restaurar uma parede infiltrada, mofada e carocuda, é preciso antes de tudo descobrir a fonte da umidade, e então realizar a revitalização daquele pequeno, médio ou grande espaço que pode comprometer toda sua casa, quebrar até a fonte, limpar, trocar o que precisa trocar, colocar algumas peças novas, limpar novamente, esperar para ver se há resultado no combate ao que estava provocando aquela umidade, impermeabilizar de forma mais segura e correta, e depois, somente depois reconstruir o que foi quebrado, raspar toda a parte afetada até a parede crua, reemassar, pintar e voltar a ter o seu ambiente novamente bonito. E se o indivíduo não sabe que a casa precisa de reparo, com toda certeza ele não cohece o processo de restauração,

e precisa de um bom pedreiro para lhe orientar e fazer o serviço da maneira correta. O profano não imagina, é necessário que alguém com a luz mostre a ele que, um pequeno vazamento pode comprometer toda a sua construção, e ainda mais, pode comprometer várias outras edificações próximas à sua, de maneira perigosa e destrutiva.

Veneráveis Mestres, uma simples rachadura na parede de uma casa chama a atenção de qualquer pessoa, e por mais bela que seja essa casa, essa simples rachadura vai ser o detalhe que mais vai chamar a atenção daqueles que se propuserem a observar esta casa. Um corretor vai desvalorizar a casa pois o foco dele é diferente do prisma de observação do pedreiro, que ao ver a situação difícil em que se encontra aquele imóvel vai elaborar um plano de resolução do problema. Fato meus amados, embora por vezes nos vestimos como, nós não somos os corretores, não somos os executivos de venda, promotores ou vendedores, nós somos aqueles que se dispuseram a consertar, somos pedreiros e por isso usamos aventais, por isso trabalhamos em uma oficina que tem espalhada por todos os lados as mais variadas ferramentas de reconstrução do ser de que se possa dispor. E quando Mestres, embora essa área de seres perfeitos paire, estamos na verdade mais imbuídos da responsabilidade de sujarmos nossas mãos que os outros, pois aqueles que lapidam na pedra bruta estão ali justamente precisando de orientação, e não admoestação, não é nosso papel mostrar por que somos mais porque não somos mais, é nosso papel enquanto Mestres mostrarmos porque nós maçons podemos ser mais como um todo dados os instrumentos de que dispomos e que devemos usar constantemente na lapidação de nossas pedras brutas e na reconstrução de templos pelo mundo afora da forma que nos dispomos a fazer quando no trono do norte se repete que estamos aqui para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros levantando

templos à virtude e cavando masmorras aos vícios. E detalhe, nas masmorras nós jogamos os vícios e não os viciados, do contrário não haveria razão de existir aqueles, que somos nós, que trabalham no combate a eles, os vícios da vida desregrada e sem propósito.

Desde o meio dia com o convocar do Ir Mestre de Cerimônias entramos em loja, agora em nossa região temos oficinas de segunda a sábado, trabalharmos soba orientação das Luzes de nossas oficinas, e nós Luzes precisamos ajustar o foco de nossos fachos, de forma a alcançar aqueles que, bem próximo de nossas oficinas, precisam ser consertados, pois a bem aventurança da procura por homens de perfil já se passou, e se não entendermos que o nosso papel é construir novos homens com o perfil maçônico, o mundo que está se criando lá fora não o fará, pelo contrário, cada dia mais ter-se-á ainda mais dificuldade em encontrarmos novos maçons. E vou além, o desgaste de nossas oficinas está surgindo à medida que nos desvencilhamos do nosso propósito, de oficina restauradora, para nos inserirmos em imbroglis políticos dentro e fora do universo da loja. Os nossos aprendizes entram para a ordem buscando aquilo que prometemos dar enquanto mestres, a lapidação da pedra bruta de forma orientada e constante, e ao contrário do que muitos pensam, eles procuram também uma maçonaria que desbaste a pedra bruta dentro e fora de suas oficinas, que vivam a maçonaria e seus preceitos de fato, mesmo que sabendo difícil este ofício, mas que se proponha a ele uma vez que escolhemos ser maçons.

Com todo respeito, e vou explicar o porquê, não vou citar o livro da Lei em razão da fé de muitos irmãos aqui, mas vou citar o nosso ritual, os nossos templos. Uma vez meu primeiro vigilante me cumprimentou pela condução de uma situação em loja, eu não disse mas pensei de pronto, já que fora o que fiz, simples, busquei orientação dentro dos preceitos maçônicos, diante de tudo que fazemos todos os dias, do que falamos e nos propomos a fazer enquanto maçons, e uma vez feito isso, colocada na prancheta a situação, diante dos ensinamentos que trabalhamos sempre, voltando os olhos à voz do templo maçônico, tudo fica muito mais simples, justo e perfeito.



reflexão

O AQUECIMENTO GLOBAL E AS TRAGÉDIAS

Genserico Barbo de Siqueira | Cadeira nº 23 (Contribuição)

A comunidade científica tem se preocupado muito com o aquecimento global, na medida em que a irresponsabilidade do homem não tem limites na permanente produção de dióxido de carbono e outros gases que criam o chamado "Efeito Estufa" e altera o equilíbrio da atmosfera. Por outro lado, os constantes desmatamentos e queimadas criminosas têm contribuído decisivamente para o desequilíbrio ambiental. Esses fatos deveriam ser noticiados com mais ênfase pela imprensa, e as responsabilidades investigadas e punidas com mais rigor.

É incrível como nos últimos tempos estamos vivendo variações extremas de

temperaturas, que chegam até abaixo de zero grau em alguns lugares antes quentes, e noutros a níveis até de 50 graus celsius, onde antes era de baixa temperatura! Diante dessa dicotomia climática, a população começa a se preocupar do que está por vir, visto a crescente desertificação das florestas, o esgotamento dos rios, a inundação das cidades, e a falta de alimentos em algumas regiões do mundo.

A frequência dessas ocorrências no Brasil, ultimamente, tem sido surpreendente. Choca e impressiona o noticiário diário da seca nos rios da Amazônia, leitões naturais do trânsito de embarcações

fluviais de todo tipo, que se constituem no único meio de transporte dos ribeirinhos, não só para conduzir os alimentos indispensáveis à sobrevivência, mas, que os levam para o trabalho e socorro médico nos maiores centros, estes situados a longas distâncias.

Num passado não muito distante, era comum se afirmar que o Brasil era um País privilegiado, isto porque estávamos aparentemente imunes às tragédias que aconteciam pelo mundo com frequência e intensidade, trazendo mortes e destruição. Muitos países são marcados pela rotineira ocorrência de terremotos, vulcões em erupção, incêndios florestais, enchentes, furacões e ciclones arrasadores. De certa forma, em parte, disso estamos a salvos, aparentemente, embora sempre se tenha notícias de pequenos tremores em alguns Estados.

No entanto, vem sendo notado que alguns Estados brasileiros têm sido vitimados pela presença de ciclones – a exemplo de Santa Catarina – secas e tempestades violentas com magnitudes

que superam todas as incidências passadas. Os acontecimentos trágicos mais recentes em nosso Brasil, indicam a necessidade de que se tenha a visão da realidade de um novo horizonte e que, parece, acabou o sonho de nação privilegiada perante os fenômenos naturais que afetam outras nações.

“A seca atual da Amazônia acende um alerta especialmente preocupante quanto aos impactos dos fatores climáticos sobre a disponibilidade de água doce” (Fonte: Agência Senado). Além do impacto chocante das cidades destruídas, a futura escassez da água doce pode significar um desastre de grande impacto para o consumo.

A prudência recomenda que os nossos governantes, em todos os níveis, se conscientizem da necessidade de assimilar e desenvolver no seu povo princípios de uma nova cultura, principalmente voltada à compreensão dos fenômenos naturais de que se julgava protegido pelos deuses.

(Transcrição de texto de Agenor Santos)



sinalização

EXALTAÇÃO À MINHA LOJA

Marcos de Almeida | Colaborador

Assim, como o sol ilumina a terra, a noite descortina as estrelas do céu, e no céu da abóbada celeste do templo maçônico uma nova coluna surgiu, se as plantas brotam na frieza do solo e os humanos na dor do parto, as colunas nascem com a argamassa sólida, igualmente nasceu a loja “Liberdade e União”, fruto de irmãos abnegados que cedem suas vidas em prol de sonhos e de seus ideais, que edificada e gerada pelas mãos de deus que é o grande arquiteto do universo nascendo para o além-túmulo.

Meus irmãos, a nossa loja na carinhosa poesia dos profetas e dos trovadores prevejo em suas aspirações, os dias gloriosos que já fazem parte dos teus amanhã, tu és a quarta loja em minha vida de uma escola de aprendizes maçons, cultiva a filosofia na esfera simbólica nos obreiros de fé, te amamos por que ainda é jovem, jovem como a exuberância das cores, jovem como o borbulhar intenso da primeira infância, onde a tradição da lugar a esperança onde a harmonia cedem lugar aos sonhos onde o juramento prevalece mais que as realizações.

Se nada ainda possuímos, se nada ainda, acumulamos em bens espirituais, sobra-nos, entretanto, na imagem da bagagem da força e da disposição para o trabalho conjunto, sobra-nos o poder insuperável dos sonhos em seu caminho inextinguível para a realidade. Se ainda não temos louros do passado, sobra-nos os loureiros preparados para o porvindouro.

Somos a terra fértil, lavrada e pronta para o plantio e nela tudo o que for semeado florescera e frutificara, sementeamos o amor, a liberdade a fraternidade e a igualdade entre os irmãos, a sabedoria e a caridade nos proporcionara atender os nossos objetivos.

Sabedoria como meta, como objetivo, como postura, no engrandecimento da causa maçônica e de seu forte simbolismo esotérico, o único que

pode conduzir a verdade. E caridade que entre todas as virtudes é a maior.

Estes objetivos nos fortalecerão para encontrar-mos a seara em nossas mentes e em nossos corações, os quais constituirão base para todos aqueles que no futuro vierem juntar a nós, tornando colunas fortes para comungar os mesmos ideais e vivenciar as mesmas aspirações.

Desta feita, esta gratidão foi escrita com a pena da humildade de um mestre maçom e a condução destas palavras pelo grande arguiteto do universo, que estabeleceu em mim forças após um ano de convivência, para agradecer sempre à acolhida fraternal a todos os obreiros sem distinção.

Nobres e respeitáveis irmãos, devemos sempre unir as nossas almas elevando nossos ideais, aos mesmos ideais dos irmãos que já dormem no oriente eterno.



tempo de estudo

PAVIMENTO MOSAICO E ORLA DENTEADA – VI

Herbert de Melo | Colaborador

O triângulo reúne três em um, não sendo muito afirmar que a compreensão do homem antigo sempre reposou em um sistema triádico, estando assim afirmada nas diversas religiões, uma manifestação divina tripla. Na maçonaria este número está exaustivamente presente. As três grandes luzes (livro da lei, esquadro e compasso); as colunas (Jônica, Dórica e Coríntia); os graus simbólicos (aprendiz, companheiro e mestre), na bateria, as viagens simbólicas etc. Por fim, esse polígono presente maciçamente nas construções antigas, pela simplicidade ou mesmo facilidade para as edificações, deixa seu aspecto meramente material para, pouco a pouco, assumir uma acepção espiritual. No entanto, conserva, ainda, apesar de todas as vicissitudes histórico-esotérico, o seu signo revivificante de harmonia e proporção.

2.2 – Ilustração: estética pragmática

Em seu pretérito imemorable a Ordem Maçônica, utilizou-se de desenhos ornadamente ilustrados à mão. Os maçons operativos quando reunidos nos canteiros das obras, desenhavam no chão os objetos simbólicos pertinentes à prática maçônica. De igual modo os maçons especulativos assim o faziam. Quando reunidos nas tabernas com um carvão ilustravam no chão seus símbolos maçônicos, que ao final da sessão eram apagados.

Não havia neste momento um lugar específico para a sessão maçônica, assim, a prática do desenho no piso das tabernas era recorrente. Havia sempre o inconveniente de não serem por completo apagados, mesmo utilizando o carvão para tal necessidade, a curiosidade pululava fomentando, talvez, questi onamentos sobre a ‘desconhecida’ prática de tais homens reunidos em uma sala fechada.

A prática dos desenhos ao chão foi substituída por desenhos feitos em um painel de tecido. Superando o inconveniente e a dificuldade de toda a sessão ilustrar no chão seus símbolos. Agora mais aperfeiçoado, e, sobretudo, mais prático. Doravante a substituição dos toscos desenhos, terá um refinamento cada vez mais elaborado esteticamente. Feito em tecidos, lembrando um tapete que poderia ser enrolado e guardado, sob a supervisão de um irmão, para próxima sessão. Um salutar pragmatismo bem recebido sob a égide da discricção.

Embora tenha estas ilustrações progressivas um refinamento com o passar dos anos, o templo maçônico tinha uma ornamentação simples. O pavimento mosaico se restringia apenas ao triângulo dos

compromissos’, este colocado entre colunas, ou seja, no centro do templo. A maçonaria pretérita entendia que este espaço era representativo do ‘Lugar Santíssimo’, menção a herança judaica do Tempo de Jerusalém.

Assim o ‘tapete’, pintado com ilustrações maçônicas, como se exigia o costume, passou também a ser utilizado, fixo e incorporado e este espaço, o quadrilátero alvinegro. Como é um plano geométrico de duas dimensões, não era possível apresentar uma orla denteada real, “precisava ser desenhada ou pintada no chão, ao redor do Pavimento Mosaico”. Representando os ‘dentes’ em uma forma preferivelmente maçônica, triângulos.

Considerações finais

Todo trabalho que exige pesquisa, estudo, fundamentação demanda tempo. As vezes há a incompreensão por parte daqueles que ansiosos clamam insistentemente para que o resultado final venha a lume, e isso nos faz correr contra o relógio.

Os minutos, as horas, os dias imperiosos agem como carrascos. Nosso engano é pensar que são muitos, são um só: O tempo! Além de impor a todos suas marcas indelévels, e porque não inefáveis! Assenhora-se de nossas vidas. Várias são as demandas, dividimo-nos a todo instante. Mas como já diziam os gregos antigos, somos seres de um dia e uma noite.

Constatamos, dessa contribuição helênica nossa finitude, nossa imprecisão nossa efemeridade... Aprendemos desde cedo que toda ação demanda responsabilidade. Por isso somos rebeldes em desfavor ao carrasco.

Temos a noção, e somos conscientes disso, pois é salutar ao homem construir a si mesmo. Pois assim como Jean-Paul Sartre discorre na obra ‘O existencialismo é um humanismo’, e demais obras de sua vertente fenomenológica e existencialista, o ser humano não está pronto, não está acabado, não há uma essência humana definida. Nós nos definimos!

Não que isto seja uma pretensão desmedida, ao contrário é imperiosa. Devemos nos colocar a diante, mesmo sabendo da vitória certa de nosso car-rasco, pois temos como certo uma verdade da vida, e esta certeza está em seu antagonismo, a morte! Mas pelo menos uma coisa, possamos dizer que é nossa, o conhecimento que adquirimos com o exame de nossas diversas experiências. Experiências que se dão no tempo. Mas aqui também acrescentamos uma condição espacial, pois o lugar que nos encontramos de

certa forma também sobre nós exerce suas influências. Estas duas noções ‘tempo-espaço’ se colocam impreteivelmente a todos os homens, mas poucos conseguem se autodeterminar e fazer do tempo-espaço um meio efetivamente humano.

Assim como Sócrates e Platão aludem o conhecimento como um bem e a ignorância com mal, a dignidade humana está justamente no exame e na reflexão de nosso ser no mundo.

Não nascemos prontos, desde do primeiro dia ao último de nossas vidas devemos desenvolver nossas habilidades. Mas nos aflige a ideia de não foi ainda o suficiente. A paciência e a constância são virtudes caras àqueles descontentes consigo mesmo.

Quando nos deparamos com a escultura em bronze que leva o título ‘Self made man’ foi marcante ao mesmo tempo inquietante. A obra sintetiza a ideia de que o homem deve fazer a si mesmo, esculpir-se a partir de uma pedra bruta. Nos indica, portanto, um importante preceito maçônico digno de consideração, a vitória do homem que constrói seu próprio destino, esculpindo seu futuro, moldando-se ao buscar desbastar suas asperezas e rugosidades em busca de sua pedra cúbica. Uma tarefa árdua, digna e, sobretudo, constante.

É isso que pensamos do ofício maçônico, por isso este trabalho representa em parte, minha pedra bruta, ainda pouco, desbastada.

Partimos da análise do chão da Loja. O piso, ou em melhor acepção, pavimento mosaico, sempre nos inquietou. É ele o suporte. Dissemos isso, pois é o chão que se atribui essa função, dele erigimos nossas colunas.

Embora denota uma arquitetura simples, constituída na realidade pela ausência e a presença de luz, visto ser o branco a luz pura (pois em sua reflexão temos sete cores) e preto a ausência de luz, essa técnica de organizar o espaço maçônico cria um ambiente de reflexões filosóficas, sutis apenas para os incautos e pragmáticos que nada conseguem ver além do óbvio. Veem apenas a materialidade, sendo incapazes de abstrair o seu sentido profundo, por não dizer filosófico.

Buscamos discutir a etimologia do verbete ‘mosaico’, realizando digressões históricas, mas importantes para sanar as dúvidas quanto a identidade deste termo ao personagem bíblico Moisés. Bem como a presença do pavimento em mosaico no Templo de Jerusalém, hipótese claramente rechaçada.

A orla denteada foi abordada como símbolo que completa o piso em mosaico, sua constituição nos recorda a peculiar característica dos maçons, homens que se reconhecem com irmãos.

Esse trabalho representa nossa interpretação. Claro que não é a única. Nem mesmo temos a pretensão de por um ponto final a temática suscitada neste trabalho. Cabe a cada um a tarefa de (re)significar nossos símbolos, e assim revivificar sua iniciação na ordem maçônica.



reflexão

A LUCIDEZ CRISTÃ NO SEIO DA MAÇONARIA DE HOMENS LIVRES E ACEITOS

Helder Vinhal | Colaborador

– Pietro, vem pra dentro que vai chover!
 – Benzinho, pode me ajudar com Pietro? Pode largar esse tablet? O que vê tanto?
 – Querida, não é nada. É que estavadizendo aqui que o Papa disse que os católicos não podemfiliar na maçonaria, que é pecado grave.

– Então vai sair da maçonaria?
 – Não vou.
 – Pai, o que é maçonaria?
 – É um grupo de pessoas que fazem os outros felizes.
 – Pai, para que fazem pessoas as felizes?

– Pois é. Fazemosfelizes por que Jesus Cristo fazia as pessoas felizes, é a imitação de Cristo quando a fé nos movem para a caridade. Entende?

– Entendo. Jesus Cristo morreu por todos nós na cruz, não é? Vi isso no catequismo. Também vejo o senhor e a mamãe participando da comunidade e ajudando as pessoas.

– Servir ao Senhor nosso Deus, único e presente em nossas vidas. Na maçonaria chamamos de Grande Arquiteto do Universo. Deus!

– Pai, para que ajudar às pessoas?
 – Filho, senta aqui, já tem 10 anos e noto que quer sempre aprender algo, pois bem, se ficar difícil, você me interrompe e pergunta.

– Tá bom. Peraí, vou arrebrantar pipoca no microndas, e já volto.
 – Pronto, Pai. Antes de me contar, se dormir, me acorda? Promete?

– Prometo.
 E chega do quarto, a mãe que diz:
 – Espere, também quero escutar e também comer pipoca, deixa sentar.

– Tá bom. Posso começar?

– Pode.
 – Hoje é dia 15 de novembro, 134 anos de nossa Proclamação da República, nessa data o papa Francisco, um papa jesuíta de formação reforçou a bula papal Humanum Genus do Papa Leão XIII de 1884 e da

Declaração do Papa João Paulo II de 1983. Vale lembrar que essas declarações são realizadas por uma congregação de doutrina da fé e homologadas pelo Papa. Essas são orientações expressas, mas que o fiel e devoto cristão tem e sempre terá a liberdade de escolha. Se o Maçom Católico Apostólico Romano que professa a sua fé escolhe por livre e espontânea vontade por crer em Deus e na imortalidade da alma de conduzir seu caminho na retidão sob permissão de sua esposa ou mãe para os solteiros para tornar-se um Maçom. Daí, ele escolhe o caminho da sua fé, sem que a dogmática eclesiástica afete à sua liberdade para liderar a si mesmo para lutar por uma sociedade mais justa e fraterna.

Enquanto isso, mãe e filho, adormecem juntos com a fala do pai como mater pietatis, mãe de devoção de Ignácio de Loyola, nobre fundador da Companhia de Jesus -Jesuítas -que recebe a oração: “Tomai Senhor e Recebei, tudo que tenho e possuo, minha memória também”. Assim, a indiferença é a melhor resposta desde 1884. Com isso a Maçonaria só cresceu, fortaleceu e sobretudo recebeu sempre os Cristãos Católicos e reforçando a posição da Grande Loja Legal de Portugal na data de hoje, que: “o trabalho maçónico desenvolvido à glória do Grande Arquiteto do Universo é espiritualmente nobre e dignamente moral, em nada colidindo com a ética cristã.”

O filho acorda assustado, ediz:

– Pai, pode começara falar?

– Tá bom. Sóseforcommais pipocas e saem sorridentes para cozinha sem acordar a mãe depois de uma longa jornada de trabalho.



artigo

DIREITOS DO CONSUMIDOR – II

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Na edição passada falamos sobre a figura do consumidor. Hoje, porém, abordaremos em breves tintas sobre as figuras do fornecedor, do produto e do serviço.

Em preliminar, ao se falar sobre as figuras do consumidor, do fornecedor, dos produtos e dos serviços está subentendido o desenvolvimento de uma das atividades mais antigas da humanidade, o chamado “mundo do comércio”. Com efeito, o comércio é entendido como a via pela qual além da produção, circulam os bens (produtos e serviços) destinados à satisfação da sociedade em geral e dos consumidores em particular. Assim, comercializar é, pois, o ato de intermediar e de dispor dos bens os mais diversificados (produtos e serviços). O comercializar consiste no ato de mediação entre o produtor e o consumidor visando a obtenção do lucro.

Fornecedor – No tocante ao fornecedor propriamente dito, diz o Código de Defesa do Consumidor, art. 3º, “é toda pessoa física ou jurídica, pública ou privada, nacional ou estrangeira, bem como os entes despersonalizados, que desenvolvem atividades de produção, montagem, criação, construção, transformação, importação, exportação, distribuição ou comercialização de produto ou prestação de serviços.”

Vale acentuar, o fornecedor é toda pessoa que, com habitualidade, introduz no mercado de consumo produtos ou serviços mediante remuneração. Portanto, o traço característico do

fornecedor consiste na habitualidade da atividade empresarial, e na remuneração, pela comercialização dos bens.

SÉ bom assinalar, a expressão “desenvolvem atividades” inscrita na lei quer significar o efetivo exercício de atividade empresarial, ou seja, a reiteração de atos negociais praticados pelo indivíduo, quer se trate de pessoa física ou pessoa jurídica. O fornecedor – pessoa física é a pessoa natural, o homem, o sujeito de direitos e obrigações no campo civil, que de forma habitual e mediante remuneração, promove a atividade empresarial. Já o fornecedor-pessoa jurídica pode ser pública ou privada além das sociedades civis em geral.

Anote-se, o Estatuto de Consumo prevê a figura do fornecedor direto, no caso, o empresário que trava diretamente com o consumidor a relação de consumo (compra e venda de vestuários, calçados, veículos, medicamentos, eletrodomésticos, alimentos, venda de imóveis, passeios turísticos, shows artísticos, etc). Doutra banda, o fornecedor indireto, diz respeito aos agentes que travam a relação de consumo com o consumidor, porém, sem participar das etapas de produção dos respectivos produtos negociados como, por exemplo, os comerciantes que não participam do processo de produção ou montagem de automóveis e dos produtos da chamada linha branca.

Muito a propósito têm-se o fornecedor real – que é aquele que produz

no todo ou em parte o produto, ao passo que o fornecedor aparente é aquele que, embora não tenha produzido o bem, apõe no produto a sua marca, o seu timbre; e por fim, o fornecedor presumido, que é aquele que importou os produtos, ou, ainda, vende os produtos sem identificação clara de seu fabricante.

Longe de transparecer insignificante, tais ponderações se revelam importante, sobretudo no tocante à responsabilidade civil do fornecedor pelo fato do produto ou do serviço como exemplificativamente, o comerciante efetua a venda de produto importado sem a identificação clara de seu fabricante e cujo produto venham a causar danos à saúde ou à segurança do consumidor, hipótese na qual o comerciante torna-se o responsável direto pelos danos ocasionados ao consumidor.

Produto – Segundo o que se extrai do § 1º. do art. 3º. do Código de Defesa do Consumidor, “produto é qualquer bem, móvel ou imóvel, material ou imaterial, objeto da relação de consumo” ao passo que no § 2º. do citado dispositivo, está posto que serviço “é qualquer atividade fornecida no mercado de consumo mediante remuneração, inclusive as de natureza bancária, financeira, de crédito e securitária, salvo as decorrentes das relações de caráter trabalhista”.

O Produto é o bem (móvel ou imóvel, material ou imaterial), suscetível de circular das mãos (posse) do fornecedor para o consumidor, e este atuando sempre na condição jurídica de “destinatário final”. A seu turno, a circulação mencionada tanto pode ser física através dos meios ordinários (pela tradição), ou jurídica, ou seja, pela mudança de titularidade de domínio do produto ou serviço. Convém registrar, o produto deve preencher a sua finalidade porque, muitas vezes,

o produto pode apresentar-se defeituoso ou mesmo impróprio ao uso ou consumo. Mas afinal, o que seria, pois, o produto defeituoso? E o produto impróprio ao consumo?

Como é intuitivo, compreende-se como produto defeituoso o que não oferece a segurança que dele se espera. Já os produtos considerados impróprios ao consumo são aqueles que, em razão do vencimento do prazo de validade, ou por sua deterioração, avaria, adulteração ou mesmo considerados nocivos à vida ou à saúde não podem preencher a sua finalidade que finalisticamente é de consumo. Mas existem igualmente os produtos que parecem perigosos à vida, à incolumidade física e psíquica do consumidor, porque trazem em si mesmo certa carga ofensiva, de que são exemplos, o inseticida, creolina, fertilizantes, agrotóxicos, detergentes, soda cáustica, e outros tantos. Daí a lei impor ao fornecedor a obrigação no fornecimento de todas as informações necessárias e adequadas à utilização do produto.

Serviço – Por natureza, o serviço é o trabalho, a atividade desenvolvida pelo fornecedor (na iniciativa privada e no serviço público) com habitualidade e remuneração de que são exemplos os profissionais autônomos (médicos, engenheiros, advogados, arquitetos, farmacêuticos, empresários do ramo de turismo, embelezamento, transportes, serviços bancários, etc).

Por fim cabe registrar, o serviço pode ser reputado defeituoso, quando não oferece a segurança que dele se espera, sendo certo, por último, que o serviço pode ser considerado impróprio quando revele vícios de qualidade, esteja em desacordo com o que de fato foi tratado, ou quando não atenda às normas legais impostas pelos Órgãos Públicos.



educação&cidadania

ÁGUA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - I

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

A água é um bem essencial para que o planeta enfrente os desafios das próximas décadas. Com o aquecimento global, recursos hídricos serão ainda mais fundamentais para que a produção de alimentos possa atender a população mundial, que deverá chegar a nove bilhões de habitantes em 2050. Segundo a Organização das Nações Unidas para não presenciar-se a falta da água, será primordial uma gestão hídrica com mais consciência e sustentabilidade. Enfim, a água é essencial para que haja vida.

Com efeito, em comemoração ao Dia Internacional da Água deste ano, a Agência da ONU (UN-Water) definiu como pauta principal nos debates sobre o tema em todo o mundo 'Água e Desenvolvimento Sustentável'.

A data é lembrada mundialmente desde 22 de março de 1993, depois de recomendação feita por especialistas, reunidos na Conferência da ONU para o Meio Ambiente, Eco-92, no Rio de Janeiro.

Nos ecossistemas naturais, a sustentabilidade da biosfera depende da produção primária, ou seja, que a fotossíntese seja produzida que fornecer energia para manutenção de processos vitais da flora e fauna associados.

Em ecossistemas produtivos, identificados como produtores de fibras e alimentos, a água é um fator limitante, pode ser eficaz pelo uso aumentado pela utilização de tecnologias apropriadas entre as quais são destacadas pela melhoria do armazenamento superficial, o

manuseio adequado de águas subterrâneas, o emprego de técnicas de irrigação, de drenagem e de reuso de águas adequadas.

Pode-se evidenciar que, para a conservação do desenvolvimento sustentável nos níveis local e regional é vital que sejam guardados os recursos hídricos tanto em quantidade quanto em qualidade.

Em consequência que as águas sofrem alterações em decorrência de causas naturais que afetam o clima e, assim sendo, a disponibilidade de água, destacam-se as flutuações sazonais, tais como "El Niño" e os períodos glaciais.

Entre as ações antrópicas que podem alterar o balanço hídrico, são destaques em escala local e regional, o desmatamento, a mudança do uso do solo, os projetos de irrigação e drenagem e a construção de barragens. Em escala planetária, destaca-se a mudança climática global, ocasionadas pelas alterações das características químicas da atmosfera, decorrentes dos gases que favorecem o efeito estufa.

Qualquer modificação nos componentes do clima ou da paisagem alterará a quantidade, a qualidade e o tempo de permanência da água nos ecossistemas e, por sua vez, o fluxo da água e suas características. A interação contínua entre a litosfera, a biosfera e a atmosfera acabam definindo um equilíbrio dinâmico para o ciclo da água.

Em um país como o Brasil, onde o crescimento econômico é um desafio constante e uma primazia do governo,

a ampla disponibilidade de recursos naturais lhe dá vantagens comparativas e competitivas. Entretanto, um importante requisito de um modelo de desenvolvimento econômico é a sustentabilidade do meio ambiente.

O recurso natural água é uma matéria prima indispensável para realização das principais atividades econômicas do país. Por isso, a necessidade de considerar a gestão dos recursos hídricos uma prática imprescindível ao alcance do tão sugerido desenvolvimento sustentável.

A metodologia utilizada para a realização do artigo foi através de estudos bibliográficos segundo doutrinas, jurisprudências, julgados e também empíricos por meio de pesquisas. Tendo em vista, que o trabalho foi dividido em três partes: a primeira parte trata-se dos conceitos e suas evoluções históricas. Já a segunda parte, relata a releitura da água conforme a Lei das Águas e o desenvolvimento sustentável. E a última parte, traz uma pesquisa empírica relacionada à produção de água dos últimos anos e como utilizá-la de forma sustentável.

CONCEITOS E SUAS EVOLUÇÕES HISTÓRICAS

Conceito e evolução histórica da água

Desde muito cedo o Homem começou a interagir com o mundo ao seu redor ao ensinar os seus filhos a fazer o mesmo. Os primatas, por exemplo, desenvolveram uma percepção dos sistemas naturais que os rodeavam e um profundo respeito por eles, passando esse conhecimento e respeito de geração em geração. À priori, a relação do Homem com o meio ambiente estava essencialmente ligada à questão da sobrevivência, uma relação que sustentava uma natureza mais poderosa do que os Homens.

Com a evolução da civilização humana, esta posição mudou radicalmente. A

natureza começou a ocupar uma posição de sobrevivência em relação ao Homem. Passou a ser conhecida para que fosse reprimida, explorada e era objeto de estudo para atender a curiosidade das pessoas a respeito do seu mundo. Ocorreu, por conseguinte, a ser considerada como algo avulso e inferior à sociedade humana

O desenvolvimento das sociedades atuais tem conduzido a uma deterioração generalizada do meio ambiente e a uma utilização irracional dos recursos naturais. Este quadro sombrio levou a uma conscientização do enigma por parte das populações em geral e levou, paralelamente, à tomada de medidas e decisões pelo poder político em prol do amparo e defesa ambiental.

A educação do meio ambiente vem na sequência lógica do processo. Agora, surge a necessidade de contrair conhecimentos tendo em vista a proteção da natureza e, assim, ponderar erros do passado e atuais. Neste momento, é urgente promovê-la e concretizá-la no terreno, pelo que, da sua aplicação prática, dependerá sem dúvida o nosso futuro.

Conceito e evolução histórica de desenvolvimento sustentável

"O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades", esta é a definição mais comum de desenvolvimento sustentável.

Ela implica possibilitar às pessoas, agora e no futuro, atingir um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, cometendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais. Em resumo, é o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

Continua na próxima edição...



opinião

VIAGEM SEGURA

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Tá chegando os tempos de férias e, mesmo com os combustíveis com preços pela hora da morte, o entusiasmo toma conta da maioria das famílias, porém, os cuidados com o veículo e com a segurança devem anteceder à viagem.

Mesmo que seu carro já tenha passado por uma revisão recente, é preciso seguir uma série de procedimentos que, certamente, contribuirão para assegurar uma viagem com a tranquilidade desejada. Em princípio, todos os líquidos do motor e de outros sistemas do veículo devem ser observados. Radiador, lavador do para-brisa, bateria, cárter direção hidráulica, transmissão automática e freios. Aproveite momento para conferir as correias e mangueiras, observando se estão devidamente ajustadas. Ou se devem ser trocadas, caso estejam gastas ou ressecadas.

A suspensão do veículo que transportará a família, precisa de cuidados especiais. A verificação dos

amortecedores e buchas são fundamentais. Amortecedores com vazamento de óleo e rangidos nas borrachas, indicam necessidade de substituição das peças. O sistema de freios, obrigatoriamente, deve ter pastilhas, discos e lonas avaliados quanto ao desgaste, chiados ou barulhos anormais. Atenção, especialmente, deve ser dedicada aos pneus, que devem ser trocados se estiverem gastos. Afinal, estamos entrando no período chuvoso e pneus gastos não combinam com asfalto molhado. Caso necessite proceder a troca dos mesmos, convém fazer uma pesquisa à procura daqueles desenvolvidos a partir de exigência de segurança, modernidade e desenhos projetados para desempenho preciso em qualquer tipo de solo, traduzido em controle e confiança na estrada. Principalmente sobre a água, com capacidade de resistir à aquaplanagem, além da aderência em pisos secos.

Bateria, faróis, lanternas e lâmpadas do veículo devem ser checados. Não

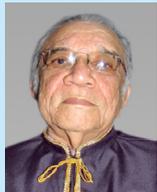
esqueça que uma lâmpada queimada, seja lanterna ou seta, resulta em multa. O pisca alerta, só em emergência. Seu uso na chuva, neblina ou no interior de túnel, constitui infração de trânsito. Os faróis devem ser regulados, lembrando que a carga no porta-malas altera a posição do fecho luminoso. É importante a inspeção do limpador de para-brisa, a velocidade do motor e a eficiência das palhetas. Os cintos de segurança também devem ser conferidos, da mesma forma a validade do extintor. E o triângulo de segurança? E o macaco? E as chaves de emergência? Documentos pessoais e do veículo, são imprescindíveis. É bom levar chave reserva do carro, que deve ficar, de preferência, com um ou uma acompanhante de viagem.

Sob neblina, luz baixa. Em asfalto molhado, principalmente nas primeiras chuvas, evite pisar no freio. Tire o pé do acelerador e use o freio motor, se preciso. Ainda sob chuva, procure sempre utilizar as marchas mais fortes do veículo, pois o ajudarão a uma maior aderência ao solo. Cuidado com a luz alta do veículo em sentido contrário. Sinalize!!! Não atendido, volte seus olhos para a margem direita da estrada, evitando ofuscamento. Antes de sair para viajar, um bom sono. Sob

cansaço, pare em local seguro e procure relaxar. Se a viagem for longa, procure, de vez em quando, um boom posto e, se possível, tome uma boa chuva. Isso o deixará novo para outro longo trecho. No caso de quebra de para-brisa, feche as janelas e conduza o carro em velocidade moderada, até uma oficina ou posto no qual seja possível a substituição. Um pneu furado em local ermo ou mal iluminado, requer prudência. Siga devagar até poder trocá-lo com segurança.

Nunca espere o tanque de combustível chegar a nível crítico. O reabastecimento, quando ainda tem uma prudente quantidade de combustível, permitirá a escolha de postos que inspire confiança. Equilibre o peso da bagagem e passageiros – as bagagens mais pesadas devem ir no fundo ou no centro do porta-malas. Não use o telefone celular quando dirigir, principalmente na estrada. Lá, os perigos e resultados de acidentes são maiores. Não ultrapasse os limites de velocidade, observando as placas de sinalização. Nada é tão incompatível quanto direção e bebidas alcoólicas, principalmente nas estradas.

Com isso: Boa viagem!!! Boas férias!!! Você está precisando...



crônica

LUGAR DE ANJO (II)

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

Não conhecia o Felipe. Só soube dele quando minha filha me falou que a criança, de 9 anos, fora acometida de meningite e se encontrava internada, num ambiente de intensa comoção da parte de seus pais Cristina Inez e Elivelton, especialmente a mãe, como é natural. O fato veio a mim porque Felipe fazia karatê há anos na mesma escola que meu neto, Christian, de 11 anos, e minha filha se mostrava intimamente comovida com a situação. Pessoas se aglomeraram à frente do hospital para fazerem correntes de oração, em favor da recuperação da criança.

Não sei explicar como, nem porquê, mas, mesmo sem conhecê-lo, meu coração se encheu de íntima compaixão e me recolhi a uma sala isolada do escritório, para também fazer minha oração fervorosa ao Pai, rogando pela saúde do menino. Consta que os médicos informaram, quando da internação, que o menino tinha 70% (setenta por cento) de chances de vir a óbito e apenas 30% (trinta por cento) de sobreviver.

Consta também que a mãe, diante deste quadro, teria afirmado: eu tenho 100% (cem por cento) de esperança nos 30% (trinta por cento) de chances que meu filho tem.

Só vi uma fotografia do Felipe, depois que ele tomou a carruagem

dourada e luminosa que conduz pelos ares as pessoas especiais às paragens da eternidade, para exercitar a liberdade plena da verdadeira vida.

Constatada a parada cerebral e a morte do corpo, ainda houve, num gesto de grande sentido social e moral, a intenção de doação de órgãos, projetando o bem que seu filho lhes proporcionara para outras vidas necessitadas, frustrada apenas por motivos técnicos.

Já perdi os pais naturais e os que me adotaram. Perdi irmãos. Mas a experiência da perda de um filho é algo diferente e muito especial, a ser vista com olhos mais percucientes. É uma dor intraduzível, até por parecer que está se dando uma certa inversão no que seria a marcha normal da vida, na qual é racional que filhos enterrem seus pais mas o inverso não é esperado como normal. E, embora sendo a morte o fenômeno mais natural da vida, nunca estamos devidamente preparados para ela, e quando vem e atinge um ente querido, por mais que seja esperada (em razão de doenças graves ou males incuráveis) é sempre uma surpresa. E sobre os filhos, então...

Não há como fugir à lição de Malba Tahan, que conta a história de um zeloso rabino e professor, pai de dois belos e obedientes filhos dos quais a

mãe cuidava com fervor, enquanto o pai distribuía seus conhecimentos em aulas magistrais. O prêmio era sempre ser carinhosamente abraçado e beijado pelos filhos quando, à noitinha, chegava de volta à casa.

Certa noite, ao chegar, não foi recebido pelas adoradas crianças, e logo questionou à esposa sobre eles, que informou estarem no andar de cima da casa. Mas pediu ao sábio esposo que queria antes uns minutos apenas para tirar uma dúvida, que a atormentava.

E passou à narrativa: Há algum tempo, esteve aqui em nossa casa um homem muito sábio, e que conduzia joias de inestimável valor. Tomando duas delas, entregou-as a mim, para que as guardasse e cuidasse, até que ele as pedisse de volta. Aconteceu, todavia, dizia a mulher, que me apeguei demais às duas joias. Eram lindas, perfeitas... E agora o proprietário as pediu de volta... Devo entregá-las? Isto me dói muito...

O sábio rabino exortou sua esposa com carinho mas certa severidade: não há nada para discutir. Não são suas. Estão com você para serem cuidadas, como lhe disse o senhor que as entregou. Seu dever e entregá-las imediatamente, sem qualquer queixume...

Subiram ao andar superior, onde jaziam, inertes, na cama, os dois filhos do casal, mortos por uma febre fatal e violenta, que em poucos momentos lhes ceifou a vida.

Descobrimo os corpos, aquela brava mulher disse ao esposo: estas são as joias, meu marido. O Senhor as entregou a nós para cuidarmos e agora as pediu de volta.

Não há dúvida. Filhos são joias especiais que a Divindade concede aos humanos, para que delas cuidem. Mas filhos também são seres especiais que a misericórdia divina coloca em nossas vidas, com missão específica em face dos pais, da família e dos que os circundam. Filhos, mormente estes do Terceiro Milênio, são anjos não caídos, que se apresentam na terra para nos ensinarem a amar, a agradecer, a viver com mais intensidade e a ver os fatos como dentro de um grande projeto divino, que ao final nos encaminhará a todos para um estágio mais feliz e de maior significado do que a matéria que tocamos e cujo destino fatal é a transformação.

O chamamento divino, às vezes tão inesperado, não significa nenhuma punição, nenhum castigo. Ao contrário, é uma preparação a mais para a vida verdadeira que haveremos de viver, em perfeita comunhão espiritual com o Todo que é Deus.

Somos, cada um, partículas de Deus, que nos destinamos a voltar a Ele, pela óbvia razão de que ele, como Pai e Criador, não nos destinou ao perdimento mas à conquista. Lembremo-nos de que somos seres espirituais vivendo uma experiência material e não ao contrário. E seres como Felipe são anjos que Deus colocou aqui para nos ensinarem a beleza, a bondade e o amor.

E, certamente, qualquer pai ou mãe deseja para seu filho, sempre, o melhor lugar. E que, finalmente, lugar de anjo... é o céu, onde Felipe e tantos outros estão, chamados pelo amor misericordioso do Pai celeste.



artigo

MAÇONARIA E PRECONCEITO

Antônio Leite | Colaborador

A sociedade é um organismo vivo e em constante evolução. Ao longo do tempo, mudam-se costumes, hábitos e convenções. Também as leis e regras de convivência social são dinâmicas e flexíveis. Felizmente! O que era errado há alguns anos, deixa de sê-lo e o contrário também.

A revolução liberal de 1789, que transformou o Ocidente, colocou o homem no centro do mundo e, a partir de então, cada vez mais direitos foram sendo reconhecidos e os regimes aristocráticos, de castas e privilégios, foram sendo substituídos por democracias que colocaram o indivíduo cada vez mais no centro do poder e acima dele, a coletividade.

É a partir de então que hábitos e atividades, hoje corriqueiras e com as quais nos habituamos, começaram a ser estabelecidas e solidificadas. Para citarmos um dos mais básicos direitos inerentes à cidadania, o exercício do voto, secreto e livre. Vale ainda lembrar que mesmo esse não surgiu gratuitamente, foram vários os obstáculos vencidos até que chegássemos aos dias atuais. A título de ilustração, inicialmente, apenas os abastados votavam, com lutas e conquistas, esse exercício de escolha estendeu-se ao restante da população masculina e às mulheres, só

muito posteriormente foi outorgado o direito de votar.

Por outra vertente, no campo dos costumes, apenas em 1977, foi aprovada no Brasil, a Lei do Divórcio. Até aquela data, casais que se separassem, não podiam oficializar a dissolução do matrimônio civil e, a depender do caso, constituírem outra família. A figura da "desquitada" impunha à mulher um estigma discriminatório terrível, mesmo que o fim do casamento não tivesse tido qualquer relação com ela. E também aqui, houve grande evolução na facilitação do exercício desse direito e que foi conseguido através de lutas e enfrentamentos na esfera jurídica, quase todas carregadas de grande carga emocional e desgaste pessoal.

Outros marcos na conquista de direitos, hoje tidos como naturais são os portadores das mais diversas formas de deficiência física e também os idosos. Estacionamentos preferenciais, assentos reservados em transporte coletivo, acessibilidade ao mobiliário urbano e arquitetônico, são exemplos cotidianos do reconhecimento que a sociedade hoje tem por esta parcela da população. A propósito, o Brasil hoje, segundo o IBGE tem uma população cada vez mais velha e será cada vez mais necessário cuidar desse grupo

Não faltariam exemplos do quanto são importantes as lutas de grupos, sempre minoritários e em regra, fracos, seja do ponto de vista material, de poder e influência social. O traço em comum é a combatividade dos que se dispõem a encampar essas causas e a dedicar-se às lutas, sempre desgastantes, quando não desiguais e injustas, que precisam ser travadas para que se mude uma regra, uma convenção, uma norma, sem sentido e errada.

A Maçonaria tem em seu passado, a participação importante em movimentos sociais que promoveram mudanças no modo de ser e de viver em vários países. França, com a Revolução de 1789 e Estados Unidos, na Independência de 1776, são os mais lapidares exemplos. No Brasil, Independência e Proclamação da República são os mais notórios.

Porém, quero ressaltar outro desses movimentos, a Libertação dos Escravos. A emancipação dos negros, cuja hercúlea batalha começou décadas antes da assinatura da Lei Áurea em 1888, teve a participação de maçons de relevo na sociedade de então. Encampada pela Maçonaria esse movimento de transformação social mostrou aos brasileiros a posição de nossa Ordem.

Como já observado anteriormente, essa conquista teve custos caros e

Delegado Litúrgico e Membro Efetivo do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito

foi fruto de embates duros, doloridos, custosos e nem por isso, encerrou-se. Ainda nos dias atuais, negros e pardos, uma enorme parcela da nossa bela e generosa população, enfrentam, dia após dia, episódios recorrentes de preconceito e segregação, nos mais diversos ambientes e circunstâncias. Assimetrias de acesso à educação, saúde, salários, condições de trabalho e transporte, são demonstrações inequívocas desse preconceito ora explícito, ora disfarçado contra essa parcela de nossa população.

Não se pode falar de preconceito e discriminação na sociedade sem citar aqueles centrados na homofobia. Nessa terceira década do século 21, há ainda um longo caminho a ser percorrido nessa seara. Esse será, indiscutivelmente, um assunto que teremos que tratar num futuro breve.

Numa sociedade que se mostra cada vez mais conservadora, nossa Ordem, libertária e liberal, combativa, democrática revolucionária, adversária ferrenha das tiranias e dos tiranos e que se propõe a combater os preconceitos e os erros, não poderá se furtar a encarar esses temas, espinhosos, sem dúvida, controversos, sem dúvida, mas, a meu ver, fundamentais para sua conservação e crescimento.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: https://agml.com.br ou pelo aplicativo do QR Code

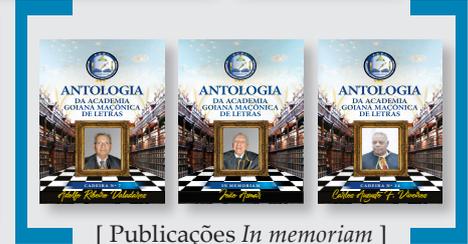
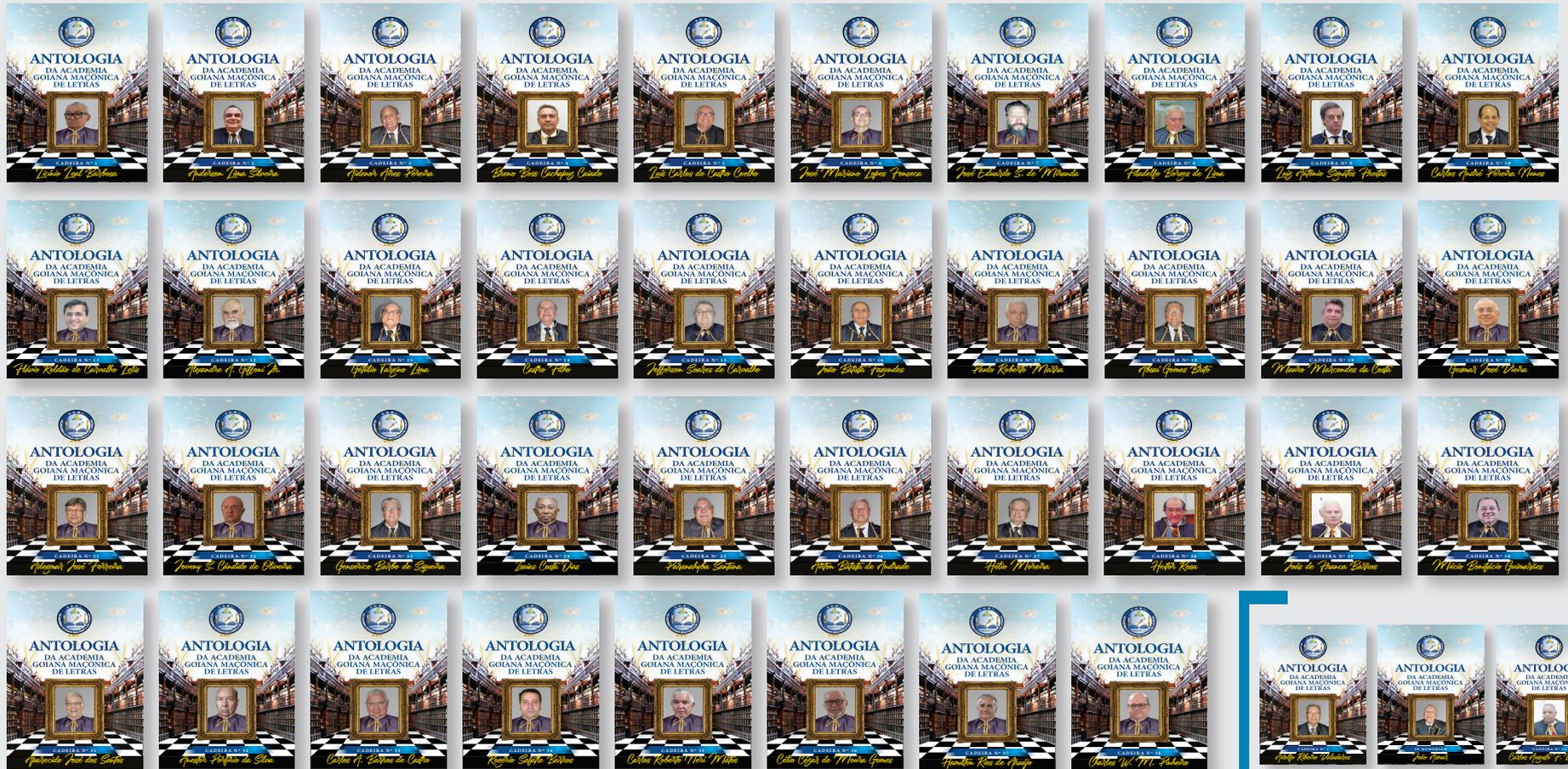


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



sinalização

O LUAR DO SERTÃO

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição*

De vez em quando, apraz-me percorrer o estoque literário das minhas crônicas – algumas centenas –, não somente para uma autocrítica avaliativa do trabalho, mas, também, para ter o prazer de me realimentar diante dos momentos inspirativos e dos comentários tão primorosos quanto generosos, por parte de diletos leitores.

Ao mexer nessa modesta memória, repleta de diversificados temas, eis que surgem tanto múltiplos fatos do cotidiano e reflexões sobre a política nacional, assim como cenários de encantos e belezas, oriundos dos meandros férteis da imaginação.

Em razão da recente Pandemia, os nossos movimentos se tornaram condicionados a espaços e hábitos restritos, o que nos leva a viajar no tempo, revivendo as saudades de passeios nacionais e internacionais, os afáveis encontros com os amigos, visitar cidades etc. Com mais tempo para pensar, obviamente que as reflexões nos despertam para boas ou, às vezes, más recordações.

Ao reservar um momento para lembranças, é impossível alguém não pensar no querido rincão de Uauá, a “Capital do Bode”, emblemático solo sertanejo que nos remete à descoberta dos encantos do

sertão. E inspirado num instante de romantismo, os nossos olhos são levados a enxergar como é belo O LUAR DO SERTÃO!

Justamente conquistado pelo deslumbramento dessa imagem, foi o poeta Catulo da Paixão Cearense, quem exaltou com singela e rara exuberância as inolvidáveis belezas do Luar do Sertão. Quem, em algum momento da vida, já não cantou com enlevo e romantismo os versos desse verdadeiro hino de louvação ao sertão? “Não há, ó gente não há, luar como este do sertão”, traz o estigma da paixão profunda pelos encantos das terras semiáridas do sertão, que não têm as águas verdes do mar a banhá-las, mas tem a noite iluminada pela riqueza celestial dos astros.

Quando escura, a noite é o apanágio dos fracos e dos possuídos por inconfessáveis propósitos; quando sob o brilho suave do luar, torna-se o aconchego dos boêmios e românticos, envolvidos pelas doçuras do amor.

A divindade sábia e incomensurável do Criador estabeleceu regras básicas de justiça e convivência com a grandiosidade da criação. Tudo foi dividido com equidade. Se de um lado as agruras da seca trazem ao sertão a fome, o sofrimento e a morte, ao litoral a chuva traz a tragédia das águas, inundando de dor o desprotegido homem urbano. Se o mar banha as praias e traz um refrigério de paz e prazer aos seus veranistas, o sertão tem o privilégio do luar inusitado e encantador, sem qualquer similaridade com as noites metropolitanas, cujas montanhas de cimento ofuscam e impedem o deleite do luar.

Então, é aí onde o Luar do Sertão resplandece com altivez, e de forma encantadora e majestosa surge por detrás da caatinga, abrindo espaços para a sua luz deslumbrante!

A caatinga, baixa ou rasteira, no crepitar dos seus galhos secos e sol implacável, parece aguardar os estertores finais de uma vida de seca, como se hibernasse à espera de uma gota da chuva salvadora. Durante o dia os buracos no solo ou as lapas de pedras se tornam no esconderijo protetor dos répteis, que fogem do calor abrasador do sertão; à noite, por entre os gravetos e cipós retorcidos eles saem à caça ou simplesmente buscam a contemplação do luar, favorecidos na sua pequenez pela natureza que desfolhou as árvores, como se lhes abrissem as cortinas da beleza e do encantamento.

Tenho o privilégio de ser sertanejo por adoção espontânea. A experiência com o solo e a gente sertaneja trouxe-me lições de sensibilidade de como é viver e sentir o sertão, com as suas carências e grandiosidades.

(* Excerto de texto do autor: Agenor Santos.

Parceria

UNINTER

FAÇA AQUI SUA PÓS-GRADUAÇÃO

Apenas 18x de **R\$110,00¹**

Escolha a opção Polo Brasília (Shopping Venâncio) na ficha de inscrição.



registro ABIN



confraria celestial



Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Lícínio Leal Barbosa	
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoriaires@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luís Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Lelis	flavio.roldao@fg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	ebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	José Ferreira	degmarferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Gensérico Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aírlton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosnerim@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br